

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

YUKAKO NAGAMURA

**A COBERTURA DOS JORNAIS JAPONESES NA CAMPANHA ELEITORAL
DOS POLÍTICOS NIPO-BRASILEIROS:
NIKKEY SHIMBUN E *SÃO PAULO SHIMBUN* (1998-2014)**

**CURITIBA
2015**

YUKAKO NAGAMURA

**A COBERTURA DOS JORNAIS JAPONESES NA CAMPANHA ELEITORAL
DOS POLÍTICOS NIPO-BRASILEIROS:
*NIKKEY SHIMBUN E SÃO PAULO SHIMBUN (1998-2014)***

Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada
no Programa de Pós-Graduação em Sociologia,
Setor de Ciências Humanas Letras e Artes,
Universidade Federal do Paraná sob a orientação do
Professor Doutor Márcio Sérgio Batista Silveira de
Oliveira.

**CURITIBA
2015**

Catálogo na publicação
Vivian Castro Ockner – CRB 9ª/1697
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Nagamura, Yukako

A cobertura dos jornais japoneses na campanha eleitoral dos políticos nipo-brasileiros: Nikkey Shimbun e São Paulo Shimbun (1998-2014). / Yukako Nagamura. – Curitiba, 2015.

169 f.

Orientador: Profº.Drº. Márcio de Oliveira

Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Imigração japonesa – Brasil – Curitiba (PR).
 2. Imprensa – mídia étnica – jornais japoneses.
 3. Política – políticos nipo-brasileiros – eleição.
- I. Título.

CDD 328.8102




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
Rua General Carneiro, 460 - 9º andar-sala 906 Fone e Fax: 3360-5173

PARECER

A banca examinadora, instituída pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, após arguir a candidata **Yukako Nagamura**, em relação ao seu trabalho de dissertação intitulado "A COBERTURA DOS JORNAIS JAPONESES NA CAMPANHA ELEITORAL DOS POLÍTICOS NIPO-BRASILEIROS: *NIKKEY SHIMBUN E SÃO PAULO SHIMBUN (1998-2014)*" é de parecer favorável à aprovação da acadêmica, habilitando-a ao título de *Mestre* em Sociologia, linha de pesquisa linha de pesquisa "Cidadania e Estado" da área de concentração em SOCIOLOGIA. Curitiba, 24 de abril de 2015.


Prof.ª Dr.ª Mônica Setuyo Okamoto


Prof. Dr. Sedi Hirano


Prof. Dr. Márcio Sérgio Batista Silveira de Oliveira
Orientador e presidente da banca examinadora




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
Rua General Carneiro, 460 - 9º andar-sala 906 Fone e Fax: 3360-5173

ATA DE SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata da Sessão Pública de defesa de dissertação para obtenção do Título de Mestre em Sociologia. No dia 24 de abril de 2015, às 14:00 horas, nas dependências do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, reuniu-se a banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, composta pela Professora Doutora Mônica Setuyo Okamoto – UFPR e pelos Professores Doutores Sedi Hirano – USP e Márcio Sérgio Batista Silveira de Oliveira - UFPR (Orientador e Presidente da Banca Examinadora), com a finalidade de julgar a dissertação da candidata **Yukako Nagamura**, intitulada “A COBERTURA DOS JORNAIS JAPONESES NA CAMPANHA ELEITORAL DOS POLÍTICOS NIPO-BRASILEIROS: NIKKEY SHIMBUN E SÃO PAULO SHIMBUN (1998-2014)”, para obtenção do grau de mestre em Sociologia. O desenvolvimento dos trabalhos seguiu o roteiro de sessão de defesa estabelecido pela coordenação do curso, com abertura, condução e encerramento da sessão solene de defesa feita pelo orientador. Após haver analisado o referido trabalho e arguido a candidata, os membros da banca examinadora deliberaram pela “*Aprovado*.....” da acadêmica, habilitando-a ao título de Mestre em Sociologia, linha de pesquisa “Cidadania e Estado” da área de concentração em SOCIOLOGIA, desde que apresente a versão definitiva da dissertação conforme regimento interno do programa. Curitiba 24 de abril de 2015.


Profª Drª Mônica Setuyo Okamoto


Prof. Dr. Sedi Hirano


Prof. Dr. Márcio Sérgio Batista Silveira de Oliveira
Orientador e presidente da banca examinadora

Agradecimentos

Agradeço imensamente ao meu orientador, prof. Dr. Márcio de Oliveira, que me incentivou e me orientou nesta pesquisa de mestrado. Sob sua orientação, aprendi inúmeras coisas, desde a visão sociológica até como atuar na pesquisa de campo e como escrever artigos. Seu apoio trouxe valiosas experiências para a minha atuação acadêmica.

Agradeço ao prof. Dr. Sedi Hirano, que participou da banca de dissertação e deu conselhos sobre este trabalho baseado no seu amplo conhecimento sociológico, e à profa. Dra. Monica Setuyo Okamoto que participou da banca de dissertação e também de qualificação, além disso, me mostrou como dedicar na área acadêmica como uma colega de grupo de pesquisa e uma pesquisadora experiente. Agradeço também à profa. Dra. Elena Shizuno que participou da banca de qualificação e deu conselhos preciosos para finalizar esta dissertação.

Agradeço especialmente ao grande apoio dos amigos, Alexandre Lira Foggiatto e Tiemi Kayamori Lobato da Costa, que me ajudaram na correção e na revisão da dissertação com dedicação, pois surgiram dificuldades em redigir o trabalho em língua estrangeira.

Agradeço aos diretores e redatores do *Nikkei Shimbun* e *São Paulo Shimbun*, que colaboraram com a realização da pesquisa e aos leitores dos jornais e os políticos nipo-brasileiros que colaboraram com as entrevistas. Sem a colaboração dessas pessoas da comunidade japonesa, não conseguiria realizar a pesquisa de campo.

Agradeço à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, que me ofereceu a oportunidade de realização do trabalho e à CAPES, pelo apoio financeiro que me permitiu realizar o mestrado.

Abstract

Since the beginning of the Japanese immigration to a foreign country, newspapers in Japanese were always created in the destinies where immigrants settled. Analyzing the immigrant presses, we can observe different aspects of the immigrants' life. The relation between the presses and the Japanese community should be a valuable field for a sociological research. In Brazil, nowadays, there are two main Japanese newspapers, located in Sao Paulo city: journal *Nikkei Shimbun* and journal *Sao Paulo Shimbun*. Both are daily journal and each one of them has a circulation of five to ten thousand copies. Those two newspapers publish three types of articles: news of Japan, news of Brazil and news of Japanese community in Brazil. Among the news of those two newspapers, we can pay attention to the electoral coverage about Japanese descendant candidates which is different from the other cultural articles. Thinking that the most of the readers of those two newspapers belongs to the first generation of Japanese immigrants and, therefore, they don't vote in Brazil, so here is one question: how can we understand the political coverage, when it is read by majority of the immigrants that use Japanese but don't vote in the country? This work seeks to explain the importance of the production of those articles for the immigrant community that doesn't have direct participation in the voting process of the host country, through analysis of the positions of those two Japanese newspapers against the Japanese Brazilian candidates' electoral campaign, as well as the readers' perception and the perception of the Japanese Brazilian politicians related to the articles. This research was developed by bibliographical researches, content analysis of the articles and the interviews with the publishers of the newspapers, the readers and the Japanese Brazilian politicians. The period of collection of the articles was defined to 1998-2014, from the year of *Nikkei Shimbun*'s creation to nowadays. The interviews were collected from 2013 until the beginning of 2015. The conclusion is that the news about Japanese Brazilian candidates can have more community movement characteristic of ethnic identification, and they do not present so much concern limited to commercial or politics subject.

Key-words: Japanese newspaper. Community. Japanese Brazilian politician. Electoral campaign.

Resumo

Desde o início da imigração japonesa foram criados jornais nos destinos cujos imigrantes se fixaram, publicados em sua língua materna. Analisando as imprensas imigrantes, podemos observar diferentes aspectos da vida dessas pessoas. A relação entre as imprensas e a comunidade japonesa apresenta-se um campo bastante valioso para uma pesquisa sociológica. No Brasil, atualmente, existem dois jornais principais dedicados a tais propósitos, ambos localizados em São Paulo: jornal *Nikkei Shimbun* e jornal *São Paulo Shimbun*. Esses jornais emitem edições diárias, com tiragens de cinco a dez mil exemplares. Esses dois jornais publicam três tipos de matérias diferentes: notícias do Japão, notícias do Brasil e notícias da comunidade japonesa no Brasil. Dentre as notícias desses dois jornais será dado destaque à cobertura eleitoral dos candidatos descendentes de japoneses diferentemente das outras matérias que possuem um aspecto mais cultural. Levando em conta que a maioria dos leitores desses dois jornais pertence à primeira geração de imigrantes japoneses e, portanto, não costuma participar como eleitor no Brasil, fica a questão: como entender a cobertura política uma vez que ela é lida majoritariamente por imigrantes que dominam o japonês mas que não votam? Este trabalho visa esclarecer o importância da produção desses artigos dentro de uma comunidade que não tem participação direta no processo de votação através da análise das posições desses dois jornais japoneses frente à campanha eleitoral dos candidatos nipo-brasileiros, bem como a percepção dos leitores dos jornais e dos políticos nipo-brasileiros relacionados às matérias. A pesquisa foi desenvolvida a partir de pesquisas bibliográficas, análise de conteúdo das matérias jornalísticas e também, através da realização de entrevistas com os integrantes dos jornais, leitores e políticos nipo-brasileiros. O período de coleta das matérias jornalísticas foi definido a partir de 1998, ano da criação do jornal *Nikkei Shimbun*, até 2014. E as entrevistas foram coletadas a partir de 2013 até o início de 2015. Ao final da análise, foi possível concluir que as notícias veiculadas caracterizam um movimento comunitário de identificação étnica, não somente uma preocupação estritamente comercial ou política.

Palavras-chave: Jornal japonês. Comunidade. Políticos nipo-brasileiros. Campanhas eleitorais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Primeiro jornal japonês do Brasil, <i>Shûkan Nambei</i>	50
Figura 2 – Símbolo adotado pelos vitoristas, carimbado nas cartas que enviavam amedrontando os derrotistas	56
Figura 3 – Mapa do bairro da Liberdade e bancas visitadas	88
Figura 4 – Tabela dos votos da população de origem japonesa por distrito da capital na eleição de 1962 feita por Sakurai	98
Figura 5 – Propagandas eleitorais de Keize Harada e Yukishigue Tamura publicadas no <i>Paulista Shimbun</i> no dia 14 de janeiro de 1947	102
Figura 6 – Propagandas eleitorais de Yukishigue Tamura e de Geraldo Sato publicadas no dia 11 de outubro e no dia 25 de outubro de 1947 no <i>Paulista Shimbun</i>	105
Figura 7 – Propagandas eleitorais de Otávio Fonseca e Orlando de Almeida Prado publicadas no dia 5 de novembro e no dia 8 de novembro de 1947 no <i>Paulista Shimbun</i>	106
Figura 8 – Artigo do <i>Nippaku Mainichi Shimbun</i> do dia 16 de julho em 1958	108
Figura 9 – Artigo do <i>Nikkei Shimbun</i> do dia 7 de julho de 1998	113
Figura 10 – Artigo do <i>Nikkei Shimbun</i> do dia 28 de setembro de 2002	119
Figura 11 – Artigo do <i>Nikkei Shimbun</i> do dia 10 de outubro de 1998	130
Figura 12 – Propagandas eleitorais publicadas no <i>Nikkei Shimbun</i> no dia 30 de setembro de 1998	132
Figura 13 – Propaganda eleitoral de Hatiro Shimomoto publicada no <i>São Paulo Shimbun</i> no dia 29 de agosto de 1998	132
Quadro 1– Perfis do <i>Nikkei Shimbun</i> e do <i>São Paulo Shimbun</i>	68

Quadro 2– Número de candidatos de descendentes a vereador de São Paulo, a cobertura do jornal e o resultado das eleições (2004 / 2008 / 2012)	133
Quadro 3– Número de candidatos descendentes no estado de São Paulo, a cobertura do jornal e o resultado das eleições (2006 / 2010 / 2014)	134
Quadro 4– Todos os candidatos nipo-brasileiros a deputado estadual e federal no estado de São Paulo que tiveram matérias de apresentação de candidatura no <i>Nikkei Shimbun</i> em 2014 e seus partidos políticos	136
Quadro 5 – Candidatos nipo-brasileiros mencionados nos jornais e sua relação aos partidos políticos (1998-2014)	137

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Mídias em língua japonesa no mundo contemporâneo (2015)	23
Tabela 2 – Número de prefeitos, vice-prefeitos e vereadores do estado de São Paulo de brasileiros e de nipo-brasileiros, e a porcentagem de nipo-brasileiros em relação os brasileiros no período de 1950-1980	100
Tabela 3 – Número de prefeitos, vice-prefeitos e vereadores do estado de São Paulo de brasileiros e de nipo-brasileiros, e a porcentagem de nipo-brasileiros brasileiros em relação os brasileiros eleitos na eleição de 1976	100

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
-----------------	----

I IMPRENSA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: ESTADO DA ARTE

1 Mídias em língua japonesa no mundo contemporâneo: breve contextualização.....	19
2 <i>Immigrant press</i> : análise e contexto da obra.....	23
3 Observação da mídia étnica no Japão.....	27
4 Discussão de etnicidade e grupos imigrantes: um debate sociológico.....	30

II HISTÓRIA DE JORNAIS JAPONESES DO BRASIL

1 Trajetória da imigração japonesa no Brasil	
1.1 Chegada da imigração japonesa.....	35
1.2 Formação de espaço de atividades intelectuais na comunidade japonesa paulista e o debate auto-reflexivo.....	38
1.3 Discussões em torno da questão da assimilação dos imigrantes japoneses no Brasil.....	42
2 História de jornais japoneses no Brasil	
2.1 Surgimento de jornais japoneses antes da Segunda Guerra Mundial.....	48
2.2 Jornais japoneses na situação de guerra e pós-guerra.....	55
2.3 Papel que os jornais japoneses têm para a comunidade.....	63
3 Jornais japoneses contemporâneos: <i>Nikkei Shimbun</i> e <i>São Paulo Shimbun</i>	
3.1 Perfis do <i>Nikkei Shimbun</i> e do <i>São Paul Shimbun</i>	65
3.2 Conteúdo dos jornais e sua produção.....	69
3.3 Linguagem dos jornais : <i>Colonia-go</i>	71
3.4 Fundação e objetivos dos jornais: entrevistas com os redatores.....	74
3.5 Número de tiragem e as diretrizes: entrevistas com diretores.....	79
3.6 Visão de repórteres correspondentes regionais.....	83
3.7 Situação de vendas dos jornais nas bancas.....	87
3.8 Disposição dos materiais jornalísticos.....	89

III COBERTURA POLÍTICA DO *NIKKEY SHIMBUN* E DO *SÃO PAULO SHIMBUN*

1 Cobertura dos jornais japoneses na campanha eleitoral x candidatura dos descendentes de japoneses	
1.1 Indagações sobre a cobertura política nos jornais japoneses.....	90

1.2 Imigrantes e sua participação política no Brasil	
1.2.1 Políticos oriundos de comunidades imigrantes.....	91
1.2.2 Breve história de políticos descendentes de japoneses no Brasil.....	93
1.3 Eleição dos políticos nipo-brasileiros: apoio da comunidade imigrante.....	96
1.4 Surgimento dos candidatos descendentes de japoneses nos jornais japoneses.....	101
2 Análise de cobertura da campanha eleitoral do <i>Nikkei Shimbun</i> e do <i>São Paulo Shimbun</i> , 1998-2014	
2.1 Materiais de análise e métodos.....	109
2.2 Observação de matérias jornalísticas	
2.2.1 Matérias elaboradas e sua linguagem.....	111
2.2.2 Resumo da produção das matérias eleitorais nos jornais japoneses.....	133
2.2.3 Análise de matérias jornalísticas.....	138

IV PERCEPÇÃO DOS LEITORES DO *NIKKEY SHIMBUN* E DO *SÃO PAULO SHIMBUN* SOBRE A COBERTURA POLÍTICA E POSIÇÃO DOS POLÍTICOS NIPO-BRASILEIROS

1 Entrevista com os leitores sobre as matérias eleitorais e políticos nipo-brasileiros	
1.1 Depoimentos dos leitores.....	141
1.2 Análise das entrevistas com os leitores.....	151
2 Entrevistas com os políticos nipo-brasileiros relacionados às matérias eleitorais	
2.1 Depoimentos dos políticos.....	154
2.2 Análises das entrevistas com os políticos.....	160

CONCLUSÃO.....	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	165
ANEXOS.....	169

INTRODUÇÃO

Ao visitar um país exótico, sem nenhum conhecimento do idioma local, nada causa maior sensação de alívio do que se deparar com informações escritas na língua materna. Voltando mais de cem anos atrás, quando os imigrantes japoneses saíram de suas casas rumo a lugares desconhecidos, imagina-se que a grande maioria deve ter-se sentido perdida no meio de línguas e valores culturais tão diferentes. Os imigrantes que se fixaram e começaram uma nova vida em países como Estados Unidos, Paraguai e Brasil, desde o início, fundaram imprensas destinadas às suas comunidades. Assim, foram produzidas imprensas em língua japonesa que apareceram e desapareceram ciclicamente ao longo do tempo. Na história da imigração para o Brasil, a manutenção de tais imprensas não foi uma tarefa fácil. A partir de 1937, durante a chamada “Campanha de Nacionalização”, foi proibida a circulação de material midiático estrangeiro, e nas últimas décadas, houve uma queda significativa no número de leitores. Existem poucas imprensas que continuam suas atividades até os dias de hoje.

Em qualquer país receptor de imigrantes, é possível encontrar inúmeros tipos de imprensas escritas em idiomas estrangeiros. Já a análise das imprensas feitas por imigrantes pode revelar diferentes aspectos de suas vidas, da vida de seus descendentes e de suas riquezas culturais. As imprensas são um dos principais espaços para conservar, cultivar e renovar as tradições. Assim, podemos nos perguntar: a leitura dos impressos imigrantes seria um mediador do mundo cultural que eles conservam dentro de uma comunidade fechada? Robert Park, da Escola de Chicago, desde a década de 20 demonstrava a importância do estudo dessas imprensas como uma eficaz forma de se observar as comunidades imigrantes, incentivando a conformação de um valioso campo de investigação sociológica.

Este trabalho tornou-se possível graças a experiência que ganhei em trabalhar por

seis anos como repórter para um jornal japonês de São Paulo, *Nikkei Shimbun*, durante dois anos em São Paulo e quatro anos em Curitiba fazendo reportagens como repórter correspondente. Neste período, tive a oportunidade de realizar inúmeras matérias acerca dos imigrantes japoneses, o que contribuiu para a realização dessa pesquisa. Esta atuação me deu bastante conhecimento sobre o perfil dos imigrantes japoneses atuantes no Brasil e também, me levou a ter noção de quanto é importante a existência das imprensas em língua japonesa para a comunidade. Atualmente no Brasil, existem dois jornais editados em japonês: *São Paulo Shimbun* e *Nikkei Shimbun*. Os jornais são diários e distribuídos em todo o Brasil, principalmente no estado de São Paulo. Cada um deles tem uma tiragem de cinco a dez mil exemplares. A maioria de seus leitores pertence à primeira geração da imigração japonesa e tem dificuldade com a língua portuguesa. Neles são produzidos três tipos de matérias: notícias do Japão, notícias do Brasil traduzidas para o japonês e notícias da comunidade japonesa do Brasil. Além da produção das matérias, tive a oportunidade de conhecer a administração e os trabalhadores desses jornais. Percebeu-se que a drástica redução do número de leitores nas últimas décadas, oriunda do falecimento do maior público leitor, a primeira geração, levou dificuldades à administração dos jornais. Atualmente seus funcionamentos ocorrem através da ajuda de membros da comunidade, que têm como objetivo manter o maior tempo possível essas mídias atuando. Qual é o sentimento do público e o dos produtores dos jornais nesse cenário? Nesse contexto, a relação entre as imprensas e a comunidade japonesa apresenta-se um campo bastante valioso para uma pesquisa sociológica, em especial porque esse pode ser um dos últimos momentos para realizar as observações sobre os jornais da comunidade japonesa, pois estão desaparecendo com o fim dos últimos membros da primeira geração.

A escolha do objeto foi feita tendo como principal razão o fato de não ser possível obter informações precisas sobre as opiniões dos leitores dos antigos jornais. Com o passar do tempo, as lembranças podem se tornar imprecisas, desta forma, os leitores dos jornais na

atualidade oferecem a única forma possível para realizar a comparação simultânea entre a produção jornalística e a percepção dos leitores através de suas ricas narrativas e entrevistas. Para pesquisar as imprensas de imigrantes, precisamos não apenas observá-las, mas também a comunidade em que está relacionada, constantemente. Porém, dada as barreiras geradas pelo idioma, não é uma tarefa fácil aos pesquisadores locais analisar o conteúdo dessas mídias e, também, ter acesso às comunidades imigrantes, que são os principais leitores desses veículos de comunicação. Neste caso, além da experiência profissional, sou japonesa, então, o assunto foi investigado sob a percepção de uma nativa. Era de se esperar, portanto, que a leitura e comunicação em língua japonesa com os imigrantes entrevistados contribuissem para desenvolvimento da pesquisa.

Em primeiro lugar podemos considerar que a mídia possui uma grande capacidade, na frente do público, de sugerir sobre o que se deve pensar através da seleção e divulgação de notícias, uma vez que tem a possibilidade de adotar enquadramentos positivos e negativos sobre os fatos, e construir atributos positivos e negativos sobre esses objetos. (AZEVEDO, 2004) No caso de imprensas para imigrantes, a principal característica é ter um público-alvo específico: não possui um grande número de leitores em função do uso da linguagem materna, voltando-se exclusivamente a imigrantes de mesma origem (PARK, 1922). Assim, para estudar as mídias temos que conhecer tanto o emissor e quanto o público, já que buscamos tomar a mídia como uma forma de comunicação que sempre possui sua mensagem destinada a um público determinado.

Para observar os jornais japoneses e sua relação com a comunidade imigrante, decidiu-se atentar para a cobertura política típica do período eleitoral. Percebe-se que os jornais produzem matérias específicas voltadas aos políticos descendentes de japoneses dentre todos os políticos brasileiros. Através do meu trabalho em um desses jornais, observei que, atualmente, existe um número razoável de descendentes de imigrantes japoneses ocupando

cargos políticos, e eles colaboram significativamente com a comunidade japonesa local. Nesta situação, os jornais tendem a ajudá-los na divulgação de suas atividades, o que também leva os políticos nipo-brasileiros os procurarem para sua exposição. Considerando que os políticos estão procurando os jornais para se comunicarem com o público leitor, podemos esperar que os jornais sejam utilizados como uma ferramenta de diálogo entre a comunidade em geral e um grupo específico dela, no caso, os políticos nipo-brasileiros. Contudo, percebeu-se que a maioria dos leitores não participa da política brasileira, isto é, pertence a primeira geração de imigrantes. Os políticos nipo-brasileiros, no entanto, pertencem à segunda e terceira geração de imigrantes, que não é o público-alvo dos jornais e, que na maioria das vezes não lê os jornais em língua japonesa. Diante dessa aparente incoerência – políticos que se dirigem a não eleitores – iniciei minha pesquisa. Baseada nas observações das matérias políticas, foi possível investigar a importância do laço comunitário entre os membros da comunidade japonesa, neste caso, entre as diferentes gerações. Para esclarecer a relação entre as imprensas imigrantes e o público da comunidade japonesa, será utilizada a cobertura política dos jornais que é um aspecto que, além da aparente contradição acima apontada, ainda não foi observado em outros trabalhos. Além das imprensas imigrantes em língua estrangeira, políticos étnicos oriundos da comunidade imigrante e a ligação deles com a comunidade são assuntos pouco estudados no Brasil. Em relação a esse tema, existem poucas referências. As principais referências são do historiador Boris Fausto, que estuda a participação dos imigrantes na política brasileira no caso de São Paulo e da historiadora e antropóloga Célia Sakurai, que observou o surgimento dos primeiros políticos nipo-brasileiros. Esses dois autores serão importantes referências para este trabalho e serão citados no decorrer do próximo capítulo. Assim, este trabalho buscará pensar a relação entre os políticos oriundos da comunidade nipônica brasileira com a comunidade imigrante, tema extremamente relevante para os estudos dos imigrantes no Brasil, aliado à análise das imprensas em língua estrangeira.

Entre as matérias nos jornais relacionadas aos políticos nipo-brasileiros, daremos atenção particular às matérias produzidas durante o período das eleições, para poder observar claramente o diálogo entre o público leitor e os políticos nipo-brasileiros. As notícias relacionadas à campanha eleitoral divulgam as candidaturas dos descendentes de japoneses e apresentam suas biografias. Uma primeira análise das matérias e do contexto em um quadro mais geral demonstra que as matérias não apresentam ideologia política, e que a maioria dos leitores não vota no Brasil. Então, como seria possível entender essa cobertura eleitoral, uma vez que ela é lida majoritariamente por imigrantes que dominam o japonês, mas que não votam no Brasil? Analisaremos essas matérias relativas à campanha eleitoral de candidatos nipo-brasileiros, a percepção dos leitores e o pensamento dos políticos nipo-brasileiros, com o objetivo de esclarecer a importância da produção desses artigos dentro de uma comunidade que não tem participação direta no processo de votação. Estabelecemos a hipótese de que o conteúdo das notícias pode ter a característica de um movimento comunitário e de identificação étnica, e não somente comercial e política. Os jornais poderiam estar buscando, através da linguagem das matérias, atingir um sentimento de coletividade e de identidade na comunidade, uma vez que a questão política não é apresentada de forma ideológica ou partidária.

A primeira etapa do trabalho foi fundamentada, principalmente, em pesquisas bibliográficas, utilizando como fontes os livros que relatam a história da imigração japonesa e revistas comemorativas da imigração, lançadas anualmente, e editadas pelas associações nipo-brasileiras. A segunda etapa da pesquisa foi empírica, que incluiu a análise de conteúdo das matérias jornalísticas e a realização de entrevistas com os integrantes dos jornais, os leitores e os políticos nipo-brasileiros relacionados às matérias. Nesta pesquisa, o período de coleta das matérias jornalísticas foi definido a partir de 1998, ano da criação do *Nikkei Shimbun*, até 2014. Como as matérias são escritas em língua japonesa, a análise de conteúdo

foi desenvolvida a partir da tradução feita por nós mesmos. Para analisar a maneira de transmitir e saber a posição do jornal, o conteúdo das matérias foi classificado em imagem positiva, imagem negativa e imagem neutra. Para analisar a linguagem das matérias, foi adotada a análise de símbolo. Foram observados alguns determinados termos simbólicos referidos nas matérias que enfatizam a imagem-marca de candidatos nipo-brasileiros. Utilizando este método, observamos os trechos em que os autores demonstraram sua empatia aos objetos da matéria e o destaque nos comentários dos entrevistados feito pelas redações. As entrevistas foram coletadas a partir de 2013 até o início de 2015. Para saber as posições e diretrizes dos jornais, foram entrevistados os redatores e diretores. Em relação aos leitores, foram entrevistados treze leitores com idades entre 60 e 90 anos, nove da primeira geração e quatro da segunda, que residem em São Paulo e Curitiba. No caso dos políticos, foram coletadas as entrevistas com cinco políticos e ex-políticos nipo-brasileiros da segunda e da terceira geração de descendentes de japoneses.

Para finalizar, o trabalho proposto desenvolve-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo contextualizará brevemente as imprensas em língua japonesa no mundo contemporâneo, as teorias relacionadas às imprensas imigrantes e de grupos étnicos. No segundo capítulo serão revisadas a história da imigração japonesa e a trajetória dos jornais japoneses do Brasil. No terceiro capítulo serão analisadas as coberturas políticas dos jornais japoneses e, no quarto capítulo será abordada a relação dos leitores com essas coberturas e o pensamento dos políticos nipo-brasileiros.

I IMPRENSA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: ESTADO DA ARTE

1 Mídias em língua japonesa no mundo contemporâneo: breve contextualização

Fora do Japão, existem inúmeros veículos de comunicação em língua japonesa. Essa comunicação é estabelecida no mundo inteiro, contando com mais de 164 veículos oficialmente publicados, segundo a lista do sítio *Wakyo International Business Network*. Contando os veículos não oficializados ou não comercializados, esse número tende a ser muito maior. Através da demanda local estabelecem-se novos meios de comunicação. Contudo, o contrário também é válido: dada a escassez da demanda, eles desaparecem silenciosamente.

A maioria das mídias mencionadas aqui constitui empresas de pequeno ou médio porte, tendo sua publicação variável, podendo ser diária, semanal ou semestral. Apenas para ilustrar, proponho dividir as mídias em duas categorias: a mídia criada por imigrantes do fluxo migratório do começo do século XX e a mídia criada para atender a demanda de empresários e imigrantes liberais. A primeira atendeu aos interesses da comunidade imigrante e a acompanhando ao longo da história, de forma que, até hoje, continua contando suas narrativas e mantém as memórias do passado. A segunda surgiu há relativamente pouco tempo e funciona veiculando informações úteis para o dia-a-dia os recentes imigrantes que entram nos países de destino. Esse tipo de mídia teve um aumento significativo nas últimas décadas. As duas mídias apresentam processos de fundação diferentes e conteúdos variados para atender um público específico.

Também existem redes das imprensas, como *Kaigai Nikkei Shimbun Hôshô Kyôkai* (Associação de Emissão de Jornais Japoneses no Exterior). É uma subdivisão da entidade *Kaigai Nikkeijin Kyôkai* (Associação de Descendentes de Japoneses no Exterior), localizada na cidade de Yokohama, Japão. A associação realizava concursos de reportagem até 2009, eles eram divididos pelas seguintes categorias: seriado, noticiário, fotografia e propaganda; as

premiações eram de acordo com essas diferentes atividades. O presidente desta associação é Raul Takaki, também presidente do *jornal Nikkey Shimbun* no Brasil, que possui uma série de jornais associados (até março de 2014) como: *Hawai Hochi* (Notícias do Havaí, Honolulu), *Nikka Times* (Japão-Canadá Times, Toronto), *Vancouver Shimpô* (Notícias de Vancouver, Canadá), *Hokubei Hochi* (Notícias da América Norte, Seattle, EUA), *Rafu Shimpô* (Notícias de Los Angeles, EUA), *Daily Sun* (Los Angeles, EUA), *Peru Shimpô* (Notícias do Peru, Lima), *São Paulo Shimbun* (São Paulo, Brasil), *Nikkei Journal* (Assunção, Paraguai), *Rapurata Hochi* (Notícias de La Plata, Buenos Aires, Argentina), *Nikkan Manila Shimbun* (Jornal Diário de Manila, Filipinas), *Jakarta Shimbun* (Jornal Jakarta, Indonésia), *Semanal J-PLUS* (Singapura), *Semanal J-SPO* (Kuala Lumpur, Malásia), *Nichigou Press* (Press Japão-Austrália, Sydney), *Semanal Jenta* (Sydney, Austrália), *Japan Update* (Londres, Reino Unido), *News Digest* (Londres, Reino Unido, Paris, França, Düsseldorf, Alemanha).

Neste mundo midiático, a maioria dessas imprensas possui um *website*, assim podemos confirmar rapidamente suas atividades pesquisando na internet. Além disso, mesmo que não existam muitos trabalhos atualizados sobre o número total de mídias contemporâneas em língua japonesa no exterior, visitando as redes dos sítios comerciais das mídias, como do sítio japonês *Wakyo International Business Network*, é possível localizar a maioria delas. O sítio lista veículos de comunicação em língua japonesa atuantes no exterior, como jornais, revistas, boletins, catálogos de telefones e emissoras de rádio e televisão. Primeiramente, sabemos que manter essa lista completa é um trabalho muito difícil por causa da necessidade de atualização constante sobre a abertura de novas mídias e o seu fechamento. Segundo o sítio, no Sudeste Asiático, estão atuando mais de 30 imprensas japonesas, espalhadas pelas Filipinas, Malásia, Indonésias, Bari, Singapura, Tailândia, Vietnã e Myanmar. Entre esses países, Singapura possui o maior número de imprensas japonesas, seis. Entre as imprensas, existem jornais mensais e panfletos gratuitos. Segundo o sítio, a maioria dessas imprensas teve suas

atividades iniciadas em meados dos anos 1990 ou no começo dos anos 2000. Elas têm o perfil de transmitir informações utilitárias para a vida cotidiana e para o turismo, como informações de restaurantes, hotéis, eventos e empregos.

No Leste Asiático, há pelo menos sete imprensas na China, duas em Hong Kong, uma em Macao, seis em Taiwan e cinco na Coreia do Sul. Além disso, foi confirmado que Taiwan tem dois rádios japoneses. Assim, somando todos eles, pode-se contatar a existência de mais de 23 mídias atuando na região. O conteúdo é composto por guia de turismo, gastronomia, economia e política. Para esses países que possuem fronteiras próximas ao Japão, também são discutidas questões políticas e diplomáticas. As imprensas do Sudeste Asiático e do Leste Asiático possuem um perfil de informante para empresários japoneses e imigrantes liberais que entraram nesses países nas últimas décadas.

Na região da América Norte, o Canadá conta com muitas mídias japonesas: 16 imprensas, a maioria está sediada nas regiões de Toronto ou de Vancouver. Como o Canadá possui o sistema de *Working Holiday* com o Japão, grande parte das informações oferecidas são sobre empregos ou escolas de idiomas para intercambistas que visam estudar trabalhando. *Working Holiday* é um sistema que existe através de um acordo entre dois países para que jovens aprendam outra cultura trabalhando no exterior. Começando com a Austrália em 1980, o Japão, atualmente, possui convênio com doze países: Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Coreia do Sul, França, Alemanha, Inglaterra, Irlanda, Dinamarca, Taiwan, China (Hong Kong) e Noruega. Geralmente, o visto destinado às pessoas que participam desse programa é de um ano, porém, dependendo do país o prazo pode ser renovado. De acordo com o sítio do *Working Holiday Network Japan Association*, nos últimos anos, cerca de 20 mil jovens japoneses vão anualmente para o exterior através do programa. Entre os países, o destino mais procurado é a Austrália: todo ano cerca de 9 mil jovens se dirigem para lá. Nos Estados Unidos há 43 mídias, incluindo estações de rádio, boletins gratuitos e catálogos de telefones.

Entre elas, existe um canal de televisão japonês que tem uma programação dedicada 24 horas por dia ao Japão, “TV Japan”. Dentro dos Estados Unidos, o lugar que recebeu o maior número de imigrantes japoneses foi o Havaí, que também possui um dos maiores fluxos de turistas japoneses no mundo, por isso conta com uma grande concentração de mídias em língua japonesa, incluindo seis boletins gratuitos. Na América do Norte há pelo menos 59 mídias.

Na Europa são observadas várias formas de mídia. A Inglaterra tem 12 mídias, os principais jornais do Japão possuem redes e também produzem publicações no local. A Holanda tem um jornal e Bélgica tem um boletim informativo de cotidianos. A Alemanha tem seis imprensas e a França tem cinco imprensas. A Espanha tem uma e a Itália tem uma. No total, na Europa, existem mais de 28 mídias.

Na Oceania, a Austrália e a Nova Zelândia têm 12 e 3 mídias, respectivamente. O Japão também possui o sistema de *Working Holiday* com esses países, assim, essas imprensas noticiam informações sobre escolas de idiomas, vagas de emprego e experiências de intercâmbio.

Na América Latina, na Argentina há dois jornais, no Paraguai e no México existe um em cada desses países. No Peru há pelo menos um. O Brasil tem o jornal *Nikkei Shimbun*, o jornal *São Paulo Shimbun*, a Revista *Bumba*, e a Revista *Pindorama*. Pelo conteúdo, os dois jornais têm a característica mais voltada para atender a comunidade de imigrantes japoneses e as duas revistas atendem aos empresários, turistas e novos imigrantes liberais que estão chegando nas últimas décadas. Somando todas as mídias, existem, pelo menos, nove imprensas em língua japonesa na América Latina.

TABELA 1 – MÍDIAS EM LÍNGUA JAPONESA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO (2015)

REGIÃO	NÚMERO DE VEÍCULOS DE MÍDIAS JAPONESAS
Sudeste Asiático	30
Leste Asiático	23
América Norte	59
Europa	28
Oceania	15
Oriente Médio	—
América Latina	9
Total no Mundo	mais de 164

FONTE: Elaboração da autora baseado no sítio *Wakyo International Business Network*

A tabela foi montada com o possível número de veículos de mídias japonesas no exterior, separadas por região. Ela mostra que existe um número relativamente maior de mídias no continente Asiático e Americano. É interessante observar que no sítio *Wakyo International Business Network* não foram constatadas mídias em língua japonesa no Oriente Médio.

2 *Immigrant press*: análise e contexto da obra

As primeiras pesquisas sobre a relação dos imigrantes com a imprensa foram os trabalhos da Escola de Chicago que se depararam com o aumento de imigrantes nos Estados Unidos do final do século XIX até o começo do século 20 (SHIRAMIZU, 1998). Chicago se desenvolveu rapidamente graças ao esforço do grande número de imigrantes que lá habitavam. A partir da década de 1920, a questão da assimilação e integração tornou um dos pontos principais do estudo de Chicago. A discussão foi central em um país constituído aos poucos por vários segmentos imigratórios instaurando um debate político sobre a questão da americanização dos imigrantes (COULON, 1995). O primeiro interesse da sociologia de

Chicago em relação a essa questão foi demonstrado nos trabalhos de William Thomas, Florian Znaniecki, Robert Ezra Park e Ernest Burgess e por um grande número de seus alunos (COULON, 1995). Burgess demonstra as preocupações de seus colegas; “a descoberta de que os grupos étnicos eram um gigantesco mecanismo sociólogo de defesa que facilitava a sobrevivência a adaptação dos imigrantes foi um importante resultado da pesquisa sociológica entre 1920 e 1930” (1964, p.325).

O sociólogo Park, que possuía a experiência de atuação no campo jornalístico por muitos anos e iniciou a carreira acadêmica com as questões sociais que ele via em campo, se dedicou ao estudo das imprensas criadas entre imigrantes, chamando-as de *immigrant press*, entendidas como uma forma de imprensa produzida por imigrantes para imigrantes em suas línguas maternas (SHIRAMIZU, 1998). Na década de 1910, segundo a pesquisa de Park (1922), contava-se mais de mil imprensas nos Estados Unidos. Sua obra “*Immigrant press and its control*” (1922) foi pioneira da área. Nela, ele observou todos os jornais imigrantes da época e relatou as suas características comparando-os entre si. A pesquisa de Park partia de uma questão: por que existem as imprensas em línguas estrangeiras? Ele observou aspectos históricos e mostrou diferentes possibilidades para responder a pergunta, como a satisfação do desejo humano de se expressar pela língua nativa: “in addition to every other reason for the existence of a foreign language press is its value to the immigrant, in satisfying his mere human desire for expression in his mother tongue” (PARK, 1922:11). Outra possibilidade seria a necessidade dos imigrantes nacionalistas de interpretar e narrar os acontecimentos através de seus pontos de vista específicos.

Segundo Park, a principal característica das imprensas imigrantes é ter um público-alvo específico e não possuir um grande público pelo uso da linguagem materna, exclusiva a imigrantes de mesma origem. As imprensas compartilhavam o sentimento nacional que recordavam do país de origem e expressavam as vidas das comunidades as quais

dirigiam suas publicações. As imprensas imigrantes podem refletir a vida íntima dos leitores. Observando a imprensa iídiche, Park escreveu que “the press was a window on life” (1922:106). Segundo Park, as imprensas imigrantes tendem a preservar a identidade nacional e ligam os membros de mesma origem que se encontram espalhados no país receptor, e afirma que existe uma ligação entre o desejo de preservar a identidade nacional e a escrita na língua materna.

The immigrant press serves at once to preserve the foreign languages from disintegration into mere immigrant dialects, hyphenated English, and to maintain contact and understanding between the home countries and their scattered members in every part of the United States and America. These functions of the press naturally tend to preserve the national feeling: but beyond this there is an intrinsic connection between the desire to preserve national identity and the written mother tongue. This feeling is most defined among members of the “oppressed” races, who have identified their struggle for political recognition with their struggle for their own press. However, it has been observed that nationalism is never in effective existence without a free press. Under these circumstances it is intelligible that foreign-language newspapers in America should be inspired by nationalist moves and that their editors should seek to use the press as a means of preventing assimilation. (PARK, 1922: 55)

Park considera que o sentimento nacionalista seria mantido somente pela existência de imprensas livres e os editores as usariam como um método de prevenção de assimilação. Na percepção de Park, essas mídias eram ligadas à questão do nacionalismo e da prevenção da assimilação dos imigrantes.

A questão central de Park estava no processo de acomodação e de assimilação. Antes da publicação de “*Immigrant press and its control*”, em 1914, Park publicou seu primeiro artigo sobre o problema da assimilação, “*Racial assimilation in secondary groups with particular reference to negro*”, no qual rejeita a hipótese segundo a qual a unidade nacional exigiria uma homogeneidade étnica (COULON, 1995). Em 1921 Park tinha tentado definir o significado dos termos “acomodação” e “assimilação” na publicação *Park & Burgess textbook*

(1921) e sua autoridade foi mantida por 20 anos na área (HIRSCHMAN, 1983). Para ele, a “acomodação” é um processo de ajustamento como uma organização de relações social para reduzir conflito, controlar competição, manter segurança básica na ordem social de pessoas e grupos de diversos interesses e tipos para continuar variadas atividades de vida. Por outro lado, a “assimilação” é um processo de interpretação e fusão em que pessoas e grupos adquirem memórias e sentimentos e as atitudes de outras pessoas e grupos são incorporados com eles na vida cultural comum por compartilhar sua experiência e história. A “assimilação” ocorre espontaneamente e mais rápido onde existem contatos sociais primários, e quando eles são íntimos e intensos como no círculo da família e no grupo íntimo. Em 1921 no trabalho *“Introduction to the science of sociology”* Park mostrou as diferentes etapas de integração dos imigrantes na comunidade receptora e distinguiu quatro etapas na sequência; a rivalidade, o conflito, a adaptação e a assimilação.¹

Após anos de trabalho analisando as imprensas imigrantes, Park questiona se a imprensa imigrante aceleraria ou desaceleraria o processo de assimilação. Segundo Park (1922), a imprensa imigrante tem possibilidade de isolar a comunidade da língua estrangeira e desacelerar a assimilação. Por outro lado, na sua pesquisa foi demonstrado que as imprensas podem ajudar a orientar os imigrantes no ambiente da sociedade receptora e promover o compartilhamento da vida intelectual, política e social na comunidade imigrante. É o fato de que as imprensas traziam os interesses nos empregos, eventos, costumes e ideias de pessoas da sociedade receptora, e os imigrantes precisavam da familiaridade com esses aspectos para acompanhar a vida no país. Assim, Park acreditou que independente do desejo dos editores, as imprensas facilitam o ajuste de estrangeiros para o ambiente do país. Na sua concepção os jornais de língua estrangeira têm um papel determinante no processo da assimilação dos imigrantes na sociedade do destino.

A pesquisa de Park foi de grande aporte para pesquisas posteriores. Uma das

¹ Para mais detalhes, consultar o trabalho de Alan Coulon, “A escola de Chicago” (1995).

principais contribuições foi sua metodologia baseada no trabalho de campo para levantar as experiências dos imigrantes. Entrando na comunidade que era seu objeto de pesquisa, Park tentou produzir seus dados experimentando a combinação dos métodos quantitativo e qualitativo (SHIRAMIZU, 2011). Foi estabelecida a metodologia etnográfica baseada na observação participante e no método de coleta de dados, como o levantamento das biografias dos sujeitos pesquisados e entrevistas informais. Essa metodologia foi chamada de Estilo Chicago, Abordagem Chicago ou Tradição de Chicago (HOGETSU e YOSHIHARA, 2004). Park, como jornalista, sempre recomendava para seus alunos andarem no campo e encarar os objetos de pesquisa pelas próprias pernas (HOGETSU e YOSHIHARA, 2004). Veremos a seguir que os trabalhos de Park influenciaram pesquisas japonesas sobre mídias de comunidades étnicas.

3 Observação da mídia étnica no Japão

Segundo Shiramizu (1998), as pesquisas japonesas sobre o tema da etnicidade e da mídia foram abordadas por três diferentes aspectos; comunicação de massa, sociologia urbana de Park e de Milton Gordon e minoria étnica. Os três aspectos influenciam mutuamente e desenvolveram nova visão entre pesquisadores japoneses (SHIRAMIZU, 1998). Na percepção dele, principalmente os últimos dois aproximaram-se e atualmente formam o importante tema do multiculturalismo e mídia no Japão. Entre os acadêmicos japoneses, a *immigrant press* começou a ser reconhecida como a “mídia étnica”, incluindo imprensas e outras mídias das comunidades étnicas, e também as mídias transmitidas no idioma do país receptor, além das produzidas na língua materna dos imigrantes (SHIRAMIZU, 1998). No Japão, os trabalhos sobre mídia étnica são divididos em pesquisa sobre as imprensas da comunidade japonesa no exterior, e pesquisa sobre as imprensas da comunidade estrangeira, minoria no país.

Na definição de grupos étnicos, comunidades japonesas fora do Japão são da mesma categoria. Pesquisas sobre a história dos jornais japoneses no exterior já tinham sido iniciadas na década de 1930, sem a influência da Escola de Chicago. Essas pesquisas surgiram a partir do estudo da história da mídia, da imigração ou da sociedade (SHIRAMIZU, 1998). Uma das primeiras pesquisas foi *Kaigai Houji Shimbun Zasshishi* (História de jornais e revistas japoneses no exterior, 1936) de Hachiro Ebihara (SHIRAMIZU, 1998). Ebihara analisou jornais e revistas japonesas produzidas no exterior disponíveis na biblioteca das imprensas da *Era Meiji* (1868-1912) na Universidade de Tóquio e mapeou cerca de 250 imprensas em língua japonesa no exterior. Mesmo que o trabalho de Ebihara possuisse margens de erro, ainda é uma importante fonte para a história das imprensas japonesas no exterior.

Posteriormente, foi integrado o *Zaibei Nikkei Shimbun Kenkyukai* (Grupo de pesquisa de jornais japoneses dos Estados Unidos) no começo da década de 1980, no qual mais de 50 pesquisadores participaram e publicaram mais de 100 artigos em diversas revistas de universidades (SHIRAMIZU, 1998). Entre eles, tiveram pesquisadores que seguiram as linhas mestras da Escola de Chicago. Podemos citar o trabalho de Haruo Higashiyama, que observou o processo dos jornais japoneses no oeste da América em relação ao tema da assimilação dos imigrantes; ele provou a hipótese de que a assimilação dos imigrantes na sociedade receptora enfraquece os jornais imigrantes, continuando o tema levantado por Park (SHIRAMIZU, 1998).

Quando o Japão começou a receber uma grande quantidade de trabalhadores estrangeiros na metade da década de 1980, sociólogos e cientistas da comunicação deram a atenção para as novas comunicações que estavam surgindo entre as comunidades estrangeiras no Japão. Neste movimento, o trabalho de Park deu direção aos pesquisadores que iniciavam suas pesquisas sobre os grupos étnicos e suas mídias (SHIRAMIZU, 2011). Tamura (1993; 1994) observou as mídias de antigos e novos imigrantes e, utilizando como principal teoria as

referências desenvolvidas na América, categorizou três tipos de mídia: mídia imigrante, mídia da minoria e mídia fronteira. O trabalho tentava aplicar as pesquisas americanas na situação do Japão.

Observando as mídias étnicas no Japão, Shiramizu (1998) demonstrou suas duas principais funções: função intra-grupo e função inter-grupo. A função intra-grupo tem o papel de atender a comunidade étnica, contribuindo para a formação da comunidade pela unificação e pela promoção da identidade étnica, além de transmitir informações úteis para a vida na sociedade receptora, promover lazer e entretenimento através da leitura em língua materna, aumentar status dos membros da comunidade pela divulgação de seus trabalhos e, também, orientar a vida ou identidade para a comunidade. Segundo Shiramizu, a função inter-grupo tem o papel de ser a ponte entre a comunidade étnica e a sociedade receptora, apresentando os acontecimentos e opiniões da comunidade ou a cultura e a história do país de origem para a sociedade receptora. Neste caso, as imprensas devem ser escritas no idioma do país receptor, ou em inglês, língua amplamente difundida. Na visão de Shiramizu (1998), quando as mídias possuem essas duas funções, elas contribuem para a amenização de conflitos culturais entre a sociedade receptora e a comunidade étnica, assim, trazendo a estabilidade social para o país receptor. Na percepção dele, as mídias étnicas podem ser um sistema social importante para as pessoas dentro da comunidade étnica, e também para as de fora da comunidade.

Entre outros pesquisadores dessas mídias, podemos citar a contribuição daqueles que saíram das comunidades minoritárias e estão se dedicando a essas pesquisas em terras japonesas, como Yakuchu Dan nos jornais chineses, Beak Sung Soo nos jornais coreanos e Angelo Ishi nos jornais brasileiros (SHIRAMIZU, 1998). O pesquisador nipo-brasileiro Angelo Ishi, depois de atuar como redator de um jornal em português para a comunidade brasileira no Japão, observou que ela é formada pelo fluxo de decasségus², e os jornais

² Decasségui é uma inversão do fluxo migratório entre o Brasil e o Japão que ocorreu a partir do fim dos anos 80. Os brasileiros descendentes ou cônjuges de japoneses passaram a emigrar para o Japão à procura de melhores

cumprem um importante papel na preservação da sua identidade.

Na próxima seção, revisaremos as teorias que ajudam na compreensão da formação dos grupos étnicos, que produzem e consomem as imprensas étnicas, e da existência da etnicidade que nelas é demonstrada.

4 Discussão de etnicidade e grupos imigrantes: um debate sociológico

O autor clássico Max Weber trabalha com o conceito de etnia no volume I do livro “Economia e Sociedade” (1991), no capítulo IV “Relações comunitárias étnicas”. Ele tentou esclarecer a diferença entre a nação como comunidade política, e a comunidade étnica como comunidade cultural. Discutiu a comunidade étnica como contraste do modelo de nação, cuja função seria baseada na política, e cuja relação tem determinadas fronteiras.

Foi importante a consideração de Weber de que o sentimento de repulsão e de rejeição é a raiz dos conflitos entre as comunidades étnicas. Analisando os elementos que causam esse sentimento, ele afirma que a diferença da aparência fisiológica não é o único elemento que induz esse sentimento, ou seja, a diferença de cultura, costume e língua induz o sentimento de repulsão e de rejeição mais frequentemente.

A ação comunitária assim originada costuma manifestar-se, em geral, de modo puramente negativo, como diferenciação ou desprezo, ou, ao contrário, como modo supersticioso diante dos patentemente distintos. Aquele que se distingue por seu *habitus* externo é simplesmente desprezado – “faça” ou “seja” ele o que queira –, ou, ao contrário, é venerado de modo supersticioso, quando constantemente se mostra prepotente. A repulsão é o primário e normal. (WEBER, 1991:267)

Uma consciência de comunidade entre grupos homogêneos pode gerar uma relação comunitária com a mesma facilidade, por outro lado, toda comunidade, desde a doméstica e

de vizinhança até a política e a religiosa, é geralmente portadora de costumes comuns. (WEBER, 1991) Na percepção de Weber, um sentimento especial surge através das comunidades homogêneas, “todas as diferenças de ‘costumes’ podem alimentar, em seus portadores, um sentimento específico de ‘honra’ e ‘dignidade’.” (1991: 269) Weber (1991) nomeou esse sentimento de “honra étnica”, que é a honra específica das massas por ser acessível a todos os que pertencem à comunidade de origem subjetivamente imaginada, e para ele, a convicção da excelência dos próprios costumes e da inferioridade dos alheios, com a qual se alimenta a honra étnica, é absolutamente análoga aos conceitos de honra “estamentais”.

A conceptualização da etnicidade no campo da sociologia encontrou seu fundamento teórico em uma tradição de pesquisa que ocupou um lugar considerável nas ciências sociais americanas a partir do estudo pioneiro de Thomas & Znaniecki sobre a adaptação dos poloneses publicado em 1918 (PUTIGNAT&STREIFF-FENART, 1998). Por meio de estudos empíricos e monográficos, os autores Thomas & Znaniecki dedicaram-se a produzir uma teoria do processo de incorporação dos imigrantes nas cidades americanas. Originou-se do estudo sociológico americano, ao analisar a questão dos imigrantes, e trouxe à tona a questão étnica. Putignat e Streiff-fenart afirmaram que: “de modo geral, os pesquisadores da Escola de Chicago não enxergaram na constituição de enclaves étnicos um fenômeno negativo, mas uma etapa necessária da adaptação dos imigrantes na sociedade americana” (1998, p.65). Nas teorias funcionalistas, dominantes na década de 1950, a questão central no estudo dos grupos imigrados e minoritários era a da integração, sendo esta definida como o processo segundo o qual uma sociedade é capaz de absorver um novo elemento sem comprometer sua estrutura fundamental. (PUTIGNAT&STREIFF-FENART, 1998)

Um dos pontos centrais de uma teoria de etnicidade é o culturalismo, um ramo da antropologia nascido nos Estados Unidos e que constituiu um braço da sociologia que

dominou a sociologia americana de 1930 até 1950. Para as abordagens culturalistas, como de Aronson (1976), De Vos (1975), Deshen (1974), Epstein (1978) e Simon (1979), a etnicidade significa um sistema cultural que permite aos indivíduos situarem seu espaço em uma ordem social mais ampla (PUTIGNAT&STREIFF-FENART, 1998). É destacada a influência preponderante da cultura na personalidade dos indivíduos. Clifford Geertz descreveu que “a cultura é tratada de modo mais efetivo puramente como sistema simbólico, pelo isolamento dos seus elementos, especificando as relações internas entre esses elementos e passando então a caracterizar todo o sistema de uma forma geral” (1989:12).

Acompanhando o percurso do debate, o antropólogo social norueguês Fredrik Barth analisou a etnicidade como uma forma de interação social. As teorias interacionistas como a dele explicam que “a etnicidade é um processo contínuo de dicotomização entre membros e *outsiders*, requerendo ser expressa e validada na interação social” (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998:111). Na teorização de Barth (1998), grupos étnicos são considerados como tipos de organização baseados na consignação e na auto-atribuição dos indivíduos a categorias étnicas. Nessa abordagem a interação com outros *outsiders* estimula o indivíduo atentar sua categoria étnica. Pressupõe o contato cultural e a mobilidade das pessoas, e problematiza a emergência e a persistência dos grupos étnicos como unidades identificáveis pela manutenção das fronteiras dessas categorias. A atribuição categorial pela interação com *outsiders* é o processo de formação de grupos étnicos, assim, é interpretado que a existência dos grupos étnicos depende da manutenção de suas fronteiras. A questão de analisar a formação de grupos seria saber de que modo as dicotomizações entre membros e *outsiders* são produzidas e mantidas (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998).

A teoria *ethnic revival* foi estabelecida na década de 1970 nos Estados Unidos, elaborada pelo sociólogo, Herbert J. Gans, na sua obra “Symbolic ethnicity: The future of ethnic group and cultures in America” (1979). De acordo com sua teoria, no curso da história

de imigrações, a primeira geração e a segunda geração não conseguiam expressar sua etnicidade livremente, ao invés disso, escondiam-se e controlavam característica étnica sob o medo do preconceito e discriminação. Entretanto, quando a imigração entra na fase de terceira geração de descendentes de imigrantes (chamado étnicos), a etnicidade começa a aparecer para o âmbito público. Gans observou este movimento como *ethnic revival* (renascimento de sentimento étnico) na terceira geração.

Para ele, este renascimento de sentimento étnico deve ser sustentado por dois elementos diferentes: visibilidade de etnicidade e etnicidade simbólica.

The evidence I have seen does not convince me that a revival is taking place. Instead, recent changes can be explained in two ways, neither of which conflict with straight-line theory: (1) Today's ethnics, have become more visible as result of upward mobility; and (2) they are adopting the new form of ethnic behavior and affiliation I call symbolic ethnicity. (GANS, 1979:5)

Quando a imigração chega a fase da terceira geração, os descendentes avançam mais na área profissional colocando-se em *status* maiores ou em posições mais reconhecíveis. Acadêmicos e atuantes na mídia, situados no clima culturalmente hospitaleiro da sociedade receptora começam a demonstrar a característica étnica. Outro elemento da manutenção da etnicidade que Gans analisa é o caráter da etnicidade simbólica que é superficial e não necessita da prática cultural. Para a terceira geração, a cultura étnica que os imigrantes trouxeram já é uma memória ancestral ou uma tradição exótica e jovens estariam encontrando um novo estilo de ser étnico que, por sua vez, pode ser considerado como o símbolo de etnicidade. De acordo com a hipótese de Gans, nesta geração as pessoas ficariam menos interessadas nas culturas e organizações étnicas, ao invés disso, se preocupariam mais com a manutenção de uma identidade. Tendo o sentimento de pertencer a um grupo, buscam uma nova forma de expressão da identidade diferenciada da primeira geração.

Segundo Gans, quando a identidade se torna a principal forma de etnicidade, esta fica

mais expressiva e não tem mais uma função instrumental nas vidas de pessoas. Gans apresenta duas possibilidades para o futuro da etnicidade simbólica.

Whether the secular aspects of ethnicity can survive beyond the fourth generation is somewhat less certain. One possibility is that symbolic ethnicity will itself decline as acculturation and assimilation continue, and then disappear as erstwhile ethnics forget their secular ethnic identity to blend into one or another subcultural melting pot. The other possibility is that symbolic ethnicity is a steady-state phenomenon that can persist into the fifth and sixth generations. (GANS, 1979:15)

Uma possibilidade é que a etnicidade simbólica se decline com a aculturação e assimilação contínua e então desapareça. Outra possibilidade é que a etnicidade simbólica é um fenômeno-de-estado-fixado que pode persistir até a quinta ou sexta geração e adiante. A hipótese sustentada por Gans é a segunda possibilidade, de que a etnicidade simbólica poderá ser encontrada nas futuras gerações: “Obviously, this question can only be guessed at, but my hypothesis is that symbolic ethnicity may persist” (1979:15). O caso dependerá muito da sociedade receptora, ou seja, dependerá como a sociedade trata de grupos étnicos.

A visão sobre a etnicidade será um importante elemento para discutir, posteriormente, a identidade da comunidade japonesa demonstrada nos jornais japoneses. No capítulo seguinte, discorreremos sobre a trajetória da imigração japonesa e o surgimento dos jornais japoneses no Brasil.

II HISTÓRIA DE JORNAIS JAPONESES DO BRASIL

1 Trajetória da imigração japonesa no Brasil

1.1 Chegada da imigração japonesa

A partir das décadas de 1870-80, em alguns países latino-americanos (México, Peru, Brasil) a imagem do Japão e, conseqüentemente, do imigrante japonês, tornou-se tema nos debates sobre a substituição do trabalho escravo. Segundo Dezem (2005), “acenava-se desse modo como possibilidade de mão-de-obra alternativa aos trabalhadores chineses que vinham sofrendo discriminações.” No rol dos países latino-americanos que receberam imigrantes japoneses em seu território em grande número, fora do Brasil, destacou-se o Peru. No fim do século XIX, Peru foi o pioneiro na América Latina a firmar com o governo japonês um Tratado de Amizade e Comércio em agosto de 1873, tendo o governo peruano o desejo em receber imigrantes japoneses (DEZEM, 2005). No final do século XIX, no dia 3 de abril de 1899 primeiros imigrantes japoneses para o Peru desembarcaram do navio *Sakura-Maru* no porto da cidade de *Callao*, eram cerca de 790 imigrantes. No México, a primeira imigração japonesa ocorreu oficialmente em 1897 criando colonos *Enomoto* (DEZEM, 2005). Isso ocorreu dez anos antes do começo da imigração japonesa para o Brasil, que ocorreu em 1908.

No Brasil, a partir da década de 1880, a maioria dos imigrantes europeus foi absorvida pelo estado de São Paulo para substituir a mão-de-obra escrava nas plantações de café. No entanto, no fim da década de 1880, a superprodução de café resultou na queda de preço do produto levando a uma crise econômica. As condições de trabalho nas fazendas se deterioraram, diminuindo o fluxo de imigrantes. A crise econômica foi superada no começo do século XX e a cafeicultura voltou a se expandir. Nesse cenário havia uma aguda falta de mão-de-obra e foi nesse momento que foi cogitada como solução de emergência a introdução de imigrantes japoneses (SUZUKI, 1988). Na mesma época, ressurgia o movimento dos

sindicatos de operários americanos contra a imigração japonesa e as companhias de imigração japonesa procuravam novos mercados. A coincidência de interesse por parte dos dois lados resultou na vinda da primeira leva de imigrantes japoneses para o Brasil (SUZUKI, 1988).

Os primeiros imigrantes japoneses que vieram ao Brasil entraram pelo porto de Santos com o navio *Kasatomaru*, no dia 18 de junho em 1908. A corrente imigratória ao Japão perdurou até 1941, quando foi interrompida pela Segunda Guerra Mundial, porém com o seu fim, foi retomada. Segundo Saito (1980; 1982), é possível distinguir três fases na história da imigração japonesa no Brasil com características mais ou menos definidas. Na primeira fase de 1908 a 1941 caracteriza-se pela imigração de trabalhadores agrícolas, sendo sua maioria destinada a suprir a falta de braços da lavoura cafeeira, exceto pequenos contingentes que buscaram núcleos coloniais, uns na Amazônia outros nos estados de São Paulo e Paraná (SAITO, 1980). A maioria dos que entraram nessa fase foi do caráter de imigração temporária com sonho de sucesso fácil e de retorno ao Japão, o que não aconteceu na maioria das vezes. Predominaram os de procedência rural, onde ocupavam camadas médias, de pequeno proprietário e/ou proprietário-arrendatário (SAITO, 1980). Durante os 33 anos dessa fase entraram cerca de 190 mil imigrantes no País, havendo altos e baixos conforme as condições socioeconômicas. Assim, o decênio de 1926 a 1935 registra maior concentração, quando a entrada alcança mais de 133 mil imigrantes (SAITO, 1980). De 1908 a 1941, entraram no País cerca de 189 mil japoneses, o que corresponde à 80% do fluxo total de japoneses que imigraram para o Brasil. (SUZUKI, 1988) Saito analisa;

Os imigrantes que entraram nessa fase, vistos como pioneiros, passaram por experiências inéditas tanto em seu processo adaptação como em suas tentativas de ascensão social e mobilidade ocupacional. E, como consequência dessas experiências, opera-se uma mudança radical na atitude dos imigrantes que, em abandono de seu plano inicial, os leva para a permanência definitiva no país. (SAITO, 1980, p.83)

Segundo Miyao (2007), observou-se um comportamento um tanto curioso entre esses

imigrantes antes e depois da guerra. Antes da guerra, quase a totalidade dos imigrantes sonhava em acumular certo capital aqui, retornar ao seu país e iniciar alguma atividade. Porém, no período de pós-guerra, eles, quase que totalmente, resolveram assentar-se definitivamente no Brasil, pois a derrota do Japão lhes deu a consciência de que a reconstrução de suas vidas em sua pátria seria mais difícil que no Brasil (MIYAO, 2007).

A segunda fase caracterizada por Saito é de 1953 a 1962. No pós-guerra, a imigração foi retomada a partir de 1952 e começou a declinar depois de uma década, por volta de 1962, devido principalmente à crescente industrialização do Japão (SAITO, 1977: 1980). Diferentemente da primeira fase, a maioria dos imigrantes foi encaminhada para os núcleos coloniais localizados nas regiões da Amazônia, Nordeste e Sul, além dos estados de São Paulo e Paraná (SAITO, 1980). Entre os grupos encaminhados para os núcleos isolados, a desagregação e os deslocamentos foram frequentes nos primeiros anos. Nessa fase, jovens solteiros chamados *Cotia-Seinen* que, mediante convênio entre os órgãos cooperativistas de ambas as partes, foram encaminhados para o Brasil junto aos associados da cooperativa. Cerca de 2.500 *Cotia-Seinen* entraram e contribuíram na produtividade agrícola trazendo inovações tecnológicas. Na segunda fase, cerca de 50 mil imigrantes japoneses entraram no Brasil.

A terceira fase é caracterizada pelo período de 1963 até 1980. Ao declínio repentino no fluxo de imigrantes agricultores, sucedeu-se um novo tipo de imigração representado pelo trinômio capital-tecnologia-empresário (SAITO, 1980). Eram os investimentos e a transferência de empresas japonesas vindo para o Brasil. Mais de 300 empresas foram transferidas ou instaladas no quinquênio de 1969 a 1973, período chamado “milagre brasileiro” (SAITO, 1980). No início da década de 1970, a era da imigração japonesa em massa terminou, como as demais correntes imigratórias para o Brasil. Em 80 anos, finalizado em 1988, cerca de 240 mil japoneses entraram no País. O contingente representa 4% do total de imigrantes

introduzidos no Brasil desde o século XIX, dos quais três quartos são portugueses, italianos, espanhóis, seguindo-se os alemães e japoneses, com quase a mesma porcentagem. (SUZUKI, 1988)

1.2 Formação de espaço de atividades intelectuais na comunidade japonesa paulista e o debate auto-reflexivo

Dentro da comunidade tiveram grupos intelectuais que contribuíram à questão da consolidação da comunidade imigrante e produziram uma auto-reflexão sobre o seu desenvolvimento (SASAKI, 2011). Até a década de 1930, os imigrantes que se dedicavam a relação com o governo japonês no desenvolvimento econômico, político e cultural da comunidade eram a minoria. Entrando na metade da década de 1930, o Consulado Geral do Japão, *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha* (KKKK, Companhia de Desenvolvimento Exterior) e *Brasil Takushoku Kumiai Ltda.* (Sociedade Colonizadora do Brasil) exerciam um grande poder na organização e na integração da comunidade imigrante (MAEYAMA, 1982). Também começaram a ser formadas associações japonesas, em cada região no estado de São Paulo, cujas lideranças não eram apenas formadas pela elite japonesa, mas por membros da comunidade (SASAKI, 2011).

Com o começo da circulação de imprensas em língua japonesa, iniciaram-se as produções intelectuais auto-reflexivas. Os primeiros jornais japoneses do estado de São Paulo produziram textos debatendo a questão da formação da comunidade japonesa no Brasil, inclusive, escreveram análises e críticas auto-reflexivas da própria comunidade sobre o comportamento dos imigrantes e seus representantes (SASAKI, 2011). Foram os jornais como *Nippak Shimbun* (Jornal Nipo-Brasileiro) fundado em 1916, *Burajiru Jihô* (Notícias do Brasil) fundado em 1917, *Seishû Shinpô* (Semanário de São Paulo) fundado em 1921 e

Nippon Shimbun (Jornal Japão) fundado em 1932. No final da década de 1930, revistas da produção literária como *Chiheisen* (Horizonte, 1937) e *Bunka* (Cultura, 1938-39) começaram a circular (SASAKI, 2011).

Posteriormente, entre as atividades intelectuais da comunidade, destacaram-se o grupo *Doyôkai* (Encontro de Sábado) criado no pós-guerra, em 1946. O grupo era composto por escritores, artistas, jornalistas, advogados e engenheiros. O primeiro encontro foi realizado em outubro de 1946 com cerca de dez membros. Entre eles, estavam presentes o jornalista Zenpach Ando, escritor e artista Tomoo Handa, jornalista e professor de Sociologia da USP, Hiroshi Saito, advogado e professor Teiiti Suzuki, engenheiro Takeo Kawai e jornalista José Yamashiro (SASAKI, 2011). Nos encontros foram debatidas as visões sobre a formação da comunidade japonesa. Conhecer o perfil dos primeiros membros é importante para entender melhor a formação do grupo.

Zenpati Ando, formado no curso de português na Universidade de Línguas Estrangeiras de Tóquio, imigrou ao Brasil em 1924 como diretor de transporte da imigração japonesa. Após chegar ao País, não atuou no campo, trabalhou nos jornais japoneses como repórter do jornal *Burajiru Jihô* e como editor-chefe do jornal *Nippak Shimbun* (FURUSUGI, 2008).

Tomoo Handa imigrou ao Brasil junto com seus pais em 1917. Depois de trabalhar em um cafezal, estudou na escola de artes de São Paulo. Em 1935, fundou, junto com alguns colegas, o primeiro grupo japonês de pesquisa de artes em São Paulo, o *Seibikai*. Handa ficou conhecido por pintar o cotidiano dos imigrantes japoneses (TANAKA, 2008).

Saito imigrou para o Brasil em 1934 aos 15 anos. Depois de trabalhar na agricultura, atuou como jornalista no jornal japonês, *Paulista Shimbun* (Jornal Paulista), posteriormente tornando o editor do jornal. Depois dessa experiência, estudou a sociologia política na USP e

tornou professor do mesmo curso.³

Teiiti Suzuki imigrou para o Brasil em 1928 aos 17 anos abandonando o ensino médio no meio. No Brasil, terminou o ensino médio e formou em direito e em literatura na USP, como advogado trabalhou arduamente para ajudar a desbloquear os recursos dos imigrantes no pós-guerra.⁴

Takeo Kawai chegou ao Brasil em agosto de 1925 com o navio *Chicago-Maru*. Formou pela Escola de Engenharia da Universidade Presbiteriana Mackenzie e trabalhou como engenheiro civil na Cooperativa Agrícola de Cotia.⁵

José Yamashiro nasceu em Santos em 1913, que foi um dos fundadores da Liga Estudantina Nipo-Brasileira, antes da guerra, trabalhou como jornalista da página em português do jornal japonês *Nippak Shimbun* e no pós-guerra, se tornou redator do jornal Folha de São Paulo e de outras revistas ligadas a indústria do estado de São Paulo.⁶

É interessante notar que entre os principais membros do *Doyôkai*, havia aqueles que tinham o perfil de jornalista, como Ando, Saito e Yamashiro que trabalhavam em jornais japoneses. Considerando as discussões sobre a formação da comunidade japonesa debatidas nos jornais, podemos supor que os jornalistas eram personagens importantes para a produção intelectual da comunidade e para o *Doyôkai*.

Uma das características do *Doyôkai* era a crítica direcionada a sua própria comunidade sobre o comportamento dos imigrantes. O grupo produzia revistas e publicava artigos e relatórios em ambas as línguas, japonês e português. O objetivo da criação do *Doyôkai* era organizar o desenvolvimento do movimento cultural da comunidade, sua publicação abrigava amplas áreas como de filosofia, estatísticas, geometria e saúde etc. Entre vários assuntos, o maior interesse do *Doyôkai* era discussão do problema da imigração e da

³ Informação retirada do jornal *Nikkei Shimbun* publicado no dia 1 de janeiro de 2001.

⁴ Informação retirada do jornal *Nikkei Shimbun* publicado no dia 1 de janeiro de 2001.

⁵ Informação retirada do jornal *Nikkei Shimbun* publicado no dia 13 de setembro de 2005.

⁶ Informação retirada do jornal *Nikkei Shimbun* publicado no dia 16 de agosto de 2005.

questão racial (SASAKI, 2011). A maioria desses membros eram imigrantes livres ou filhos dos imigrantes que estudaram sozinhos e não seguiram carreira na agricultura. Eles, por si mesmo, eram sujeitos de análise, porém, ao mesmo tempo, tentaram tomar uma posição objetiva para compreender exatamente a situação que a comunidade japonesa enfrentava. Suas análises estavam bastante baseadas na observação do cotidiano dos imigrantes (SASAKI, 2011).

O *Doyôkai* teve o objetivo de conservar a história da imigração japonesa. Editaram revista *Jidai* e livros como História de 40 anos da imigração buscando a coletar os fatos históricos tendo como fonte as matérias e documentos (SASAKI, 2011). Isto foi observado nos trabalhos como do ex-redator e sociólogo, Hiroshi Saito e do escritor e artista Tomoo Handa. A característica da sua descrição histórica era a narração que mantinha simultaneamente a visão do sujeito e a objetiva (SASAKI, 2011). *Doyôkai* terminou suas atividades em 1953, porém, seus membros continuaram a se dedicar ao registro de dados da imigração japonesa. Uma grande contribuição disso foi a pesquisa entre descendentes de japoneses que foi iniciada para a comemoração de 50 anos da imigração japonesa para o Brasil, em 1958. Teiiti Suzuki ficou o presidente da comissão da pesquisa. A pesquisa precisou de seis anos e 6 mil voluntários da comunidade para a realização de entrevistas, coleta de dados e a divulgação do relatório. Esta grande pesquisa surgiu pela demanda da comunidade e foi realizada pelos próprios imigrantes (SASAKI, 2011).

Institutos de pesquisa e entidades culturais foram fundados pela dedicação dos ex-membros do *Doyôkai*. O atual Centro de Estudos Nipo-Brasileiros (CENB) nasceu do *Doyôkai* e se tornou o instituto o responsável pelas publicações acadêmicas sobre o tema da imigração japonesa no Brasil. Professor Suzuki dedicou-se ao estabelecimento do Centro de Estudos Japoneses da USP (CEJ-USP) que foi fundado no dia 18 de novembro em 1968, como uma entidade auxiliar ao Curso de Língua e Literatura Japonesa, da Seção de Estudos

Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da universidade. Quando foi estabelecido o centro de pesquisa, ele foi o primeiro a assumir o cargo de presidente.⁷ Com a Reforma Universitária de 1970, o CEJ-USP foi posteriormente remanejado para o Departamento de Linguística e Línguas Orientais.⁸ Preocupando com a conservação da memória da imigração, em 1969, Handa idealizou a construção de museu da imigração japonesa. A ideia foi aceita pelas autoridades da comunidade e foi iniciada sua preparação em 1973. O Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil foi construído em 1978 dentro da sede da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, no bairro Liberdade de São Paulo. Sociólogo Saito assumiu o cargo de primeiro presidente do museu (SASAKI, 2011).

Na próxima sessão, considerando os trabalhos produzidos pelos membros do *Doyôkai* analisaremos os debates em torno da assimilação dos imigrantes japoneses dentro e fora da comunidade japonesa.

1.3 Discussões em torno da questão da assimilação dos imigrantes japoneses no Brasil

Na política brasileira a campanha de nacionalização implementada em 1938 durante o Estado Novo (1937 – 1945) visava o caldeamento de todos os alienígenas em nome da unidade nacional. A categoria “alienígena” englobava imigrantes e descendentes de imigrantes classificados como “não-assimilados”, portadores de culturas incompatíveis com os princípios da brasilidade. (SEYFERTH, 1997) A assimilação como questão nacional tinha como premissa a substituição dos símbolos étnicos por outros representativos da brasilidade. Segundo Seyferth (1997: 95), “a campanha foi concebida como uma ‘guerra’ para erradicação de ideias alienígenas, com o objetivo de impor o ‘espírito nacional’ aos patrícios que

⁷ Informação retirada da edição especial do jornal *Nikkei Shimbun*, 2000.

⁸ Informação retirada do sítio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

formavam ‘quistos étnico’ erroneamente tolerados pelo liberalismo da República Velha.” Entre outros imigrantes, os japoneses no Brasil eram vistos como um “perigo amarelo” para a integridade da pátria brasileira. Tanto os imigrantes quanto os descendentes nascidos no Brasil sempre passaram a desempenhar um papel ativo na construção de uma multifacetada identidade nipo-brasileira. Lesser (2001:212) escreve: “nem os irados rompantes dos nativistas nem as políticas estatais repressivas do tempo da Segunda Guerra Mundial impediram que a identidade nipo-brasileira surgisse e florescesse.” Após a guerra, a questão da assimilação de imigrantes japoneses se tornou um dos temas debatido no espaço acadêmico. O assunto também foi discutido dentro e fora da comunidade japonesa.

Após 30 anos do fim do Estado Novo, a historiadora brasileira Arlinda Rocha Nogueira publicou, em 1984, um livro intitulado “Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil”, no qual ela perguntou: é possível a um indivíduo abandonar todas as suas tradições e costumes? Há possibilidade de plena assimilação entre os imigrantes? Na percepção dela, “a não ser o caso de crianças em tenra idade, mesmo nas condições mais favoráveis, a assimilação praticamente jamais se completa entre os imigrantes de primeira geração.” (1984: 153). Na percepção de Nogueira, dependendo das condições, a assimilação pode completar-se muitas vezes entre os descendentes da segunda geração e, quase sempre, nos da terceira geração. A historiadora pensou no processo da assimilação como a relação entre os imigrantes e a sociedade receptora e viu a importância da aproximação cultural nos dois lados, imigrantes e sociedade receptora. Ela considera que é impossível supor um contato cultural em que não haja incorporação de elementos culturais de ambas as partes:

É verdade que o imigrante e seus descendentes não renunciam à sua cultura como um todo para adquirir a do país receptor, a sociedade receptora também fica sujeita a influências e a modificações, sendo que nisso tudo pesa muito o grau de prestígio da cultura de que o imigrante é portador aos olhos das pessoas entre as quais ele venha a se fixar. (NOGUEIRA, 1984: 154)

Segundo Nogueira (1984), esta reciprocidade é um elemento importante no processo da assimilação, pois na atitude do novo meio imigrantes poderão encontrar simpatia, indiferença ou mesmo hostilidade. Ela fez uma análise comparativa interessante entre imigrantes italianos e japoneses demonstrando compreensão sobre as dificuldades que os imigrantes japoneses passaram no País.

Apesar das condições ecológicas, econômicas e sociais do Estado de São Paulo terem sido as mesmas encontradas pelos italianos, por exemplo, o fato de possuírem maiores afinidades culturais que os japoneses não os levou a sentir necessidade de criar unidades que servissem de proteção ao impacto do encontro das duas culturas. Com os japoneses foi diferente, daí o surgimento de comunidades étnicas no seio da sociedade receptora ter tido a significação da formação de uma verdadeira “faixa-de-segurança”. (NOGUEIRA, 1984: 155)

O pesquisador japonês paraense, Tsuguo Koyama debateu a questão da assimilação observando os imigrantes na Amazônia no trabalho “Japoneses na Amazônia: alguns aspectos do processo de sua integração sócio-cultural” do livro “A presença japonesa no Brasil” publicado em 1980. Koyama discutiu a importância dessa questão para a comunidade japonesa: “consideramos que observar a marcha da integração, que pode ser lenta, mas irreversível, é algo que desperta o nosso interesse e nos faz refletir o sentido social e cultural da colônia e sobre a validade da sua própria existência” (1980:12). Segundo a descrição, a questão da assimilação era a preocupação central de membros da comunidade japonesa ao pensar no seu futuro no Brasil. Na visão de Koyama, os imigrantes nunca poderão assimilar completamente a cultura da sociedade receptora, de forma que as culturas que os imigrantes adquirem na sociedade tornam-se apenas elementos adicionais para a sua personalidade. Na percepção de Koyama, o fenômeno da assimilação cultural é iniciado na segunda geração, que é a geração nascida no país imigrado.

Quanto ao processo de integração, verificamos ser impossível uma completa assimilação cultural dos imigrantes com perda da formação cultural de sua origem. De maneira que o que se observa neles é apenas a aquisição de novos costumes, hábitos, conhecimentos, valores culturais etc., que poderão existir na mesma personalidade como complementações dos correspondentes originais. Já os *nisseis* são produto da cultura brasileira, cabendo então questionar o grau de sua projeção social e a eventual existência das influências culturais de seus pais. (KOYAMA, 1980: 12)

Um dos debates da comunidade sobre a assimilação era a questão da miscigenação. Koyama escreve: “inexiste preconceito racial entre os japoneses e que, portanto, não havendo a barreira de língua e de costumes, não há nada que impeça a sua miscigenação” (1980: 25). Para ele, os *nisseis* (segunda geração) seriam aqueles que sofrem o dilema da conservação das raízes de origem e da absorção pela sociedade receptora: “observa-se, por fim, que a classe de *nisseis* é uma espécie de ponte de transição, pois, de um lado, ainda tem profundas raízes da colônia japonesa, de onde emana o contínuo fluxo que abastece o seu contingente; e, de outro, perde-se na imensidão da comunidade maior que a absorve através da assimilação e da miscigenação” (1984: 25). Koyama concluiu: “é fácil prever que mais algumas décadas serão suficiente para a desintegração quase total da colônia japonesa na Amazônia. Numericamente já pequena e submetida a uma série de fatores negativos, não resta à colônia senão marchar lentamente no sentido da decomposição” (1984: 25). Na percepção de Koyama, a integração na sociedade brasileira é a desintegração e a decomposição da comunidade japonesa. Como um fator para a desintegração da comunidade, Koyama demonstrou sua visão de que o número de imigrantes é pequeno para manter a boa evolução da comunidade. Os imigrantes envelhecem, não há renovação, e, com isso, a cultura esmorece e decompõe a própria existência.

Por outro lado, repensando no conceito de assimilação ou de aculturação, a socióloga, Ruth Corrêa Leite Cardoso escreve na conclusão da sua tese de doutorado, “Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo” (1972): “a maioria dos

trabalhos sobre grupos imigrantes no Brasil se define como estudos de aculturação. Ao analisar as relações entre o grupo japonês e a sociedade brasileira não utilizamos este conceito. Frequentemente, entretanto, utilizamos o termo integração sem definí-lo de modo preciso” (1972: 171). Vale ressaltar que ela reafirma baseada na sua visão sociológica:

Os estudos da aculturação já foram citados tanto no Brasil quanto em outros países e pouco resta a dizer além de incorporar principais resultados destas discussões. Nelas existe acordo em que o enfoque aculturativo uma dinâmica especificamente cultural às mudanças que ocorrem quando dois ou mais grupos entram em contato direto. Estes estudos, mesmo quando levam em conta a *situação de contatos*, para isto, se apoiam em uma visão sociológica que oferece meios para considerar a importância das formas de estratificação das sociedades, explicam o processo de mudança pelas compatibilidades ou incompatibilidades entre as culturas envolvidas. (CARDOSO, 1972: 171)

Em alguns trabalhos publicados na década de 1970 e 1980, podemos notar que os termos “integração” e “adaptação” foram usados para falar dos imigrantes japoneses de maneira diferente dos termos “assimilação” e “aculturação”, enquanto que no mundo estavam sendo debatidos os conceitos de *melting pot*, *anglo conformity* e pluralismo cultural. A teoria *melting pot* supõe o processo de mistura de culturas e raças diferentes, enquanto a teoria *anglo conformity* supõe o processo da sintonização das culturas minorias às culturas dominantes na sociedade. Diferente das primeiras duas teorias, a teoria pluralismo cultural supõe o processo da convivência das várias culturas diferentes sem misturar entre elas. As teorias *melting pot* e *anglo conformity* têm sido criticadas pela característica da dominação da cultura europeia, dando uma imagem negativa ao significado de assimilação, em que os pesquisadores interpretam o *melting pot* como um ataque à diversidade étnica (HIRSCHMAN, 1983). Segundo o dicionário japonês *Daijisen*, o termo assimilação em japonês, *Dôka* (同化) significa, em seu primeiro sentido, que diferentes características, comportamentos e ideologias se unem e se modificam naturalmente. O próprio em termo japonês tem um sentido

muito forte fora da discussão acadêmica, podemos imaginar a possível rejeição contra a ideia entre os imigrantes. Partindo do pensamento em língua japonesa, o assunto devia ser muito sensível para a comunidade japonesa.

Saito, sociólogo e ex-membro do *Doyôkai*, utilizava no final da década de 1970, em seus trabalhos, o termo “integração”, porém sem defini-lo. Discutiu esse assunto com o trabalho “A integração e participação de japoneses e descendentes na sociedade brasileira” (1977) publicado pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. Ele tentou analisar o nível da integração dos imigrantes por aspectos diferentes: indústria, comércio e serviços, e intercasmamentos. Foi mostrado que há fatores diferenciados que facilitam ou dificultam o processo integrativo e, entre eles, a variável rural-urbana se sobressai a outros. No meio social rural, as normas tradicionais de comportamento eram mais reservadas e o processo de integração seria demorado, sendo a mudança de comportamento mais lenta e poderosa (SAITO, 1977). Em oposição, nos centros urbanos a situação era totalmente diferente. Os canais de ascensão social eram mais abertos e acessíveis, sendo cotidiana a convivência com elementos nacionais (SAITO, 1977).

Saito deu importância à função das associações no processo de adaptação e integração. Isto foi observado no tópico “Participação, mobilidade e identidade” no capítulo II “Adaptação e participação social” do livro “A presença japonesa no Brasil” (1980), que foi organizado por ele.

Em suma, em torno de alguns órgãos centralizadores, atuam diferentes associações com finalidades específicas, quer na área sócio-cultural, quer no setor assistencial. As funções assumidas por essas formas associativas são mais no sentido de dar cobertura e oferecer pontos de apoio aos japoneses e descendentes em seu processo de adaptação e integração na sociedade adotiva, a par de sua atuação no sentido de preservar os valores tradicionais. (SAITO, 1980:89)

Discussões sobre a questão da assimilação dos imigrantes japoneses do Brasil já

existiram, lideradas tanto por pesquisadores brasileiros quanto pelos próprios acadêmicos japoneses que imigraram para o País. Como essas discussões refletem a situação que imigrantes japoneses e a sociedade brasileira passaram na época, devemos levá-las em consideração para pensar na trajetória da imigração. Na próxima sessão, esclareceremos o surgimento e desenvolvimento dos jornais japoneses no Brasil.

2 História de jornais japoneses no Brasil

2.1 Surgimento de jornais japoneses antes da Segunda Guerra Mundial

Primeiro jornal japonês: *Shûkan Nambei*

Handa, ex-membro do *Doyôkai*, escreve: “o jornal aparecia como principal atividade no âmbito cultural. Podia ser de impressão rudimentar, mas o jornal desempenhava a função informativa e integradora da comunidade.” (1987: 602). Ele narra como jornais japoneses eram esperados por imigrantes:

Para os imigrantes que não conheciam o idioma e não sabiam ler o alfabeto romano, enquanto esperavam revistas e livros vindos do Japão — que demoravam de um mês e meio a dois para chegar — os diversos jornalzinhos espalhados por várias regiões, contendo notícias de seus conterrâneos, representavam seu maior consolo. (HANDA, 1987: 602)

Em janeiro de 1916 circulou o primeiro jornal japonês no Brasil, o *Shûkan Nambei* (Semanário da América do Sul), fundado por Ken'ichiro Hoshina. (FUKASAWA, 2010) O jornal semanário tinha geralmente de 30 a 40 páginas (às vezes, 12 páginas), e era impresso artesanalmente em folhas no formato 93 x 63 cm (HANDA, 1987). O fundador e principal jornalista do jornal, Ken'ichiro Hoshina havia experimentado plantar arroz no Havaí e no Texas, Estados Unidos (HANDA, 1987). Ele foi repórter do primeiro jornal japonês do Havaí

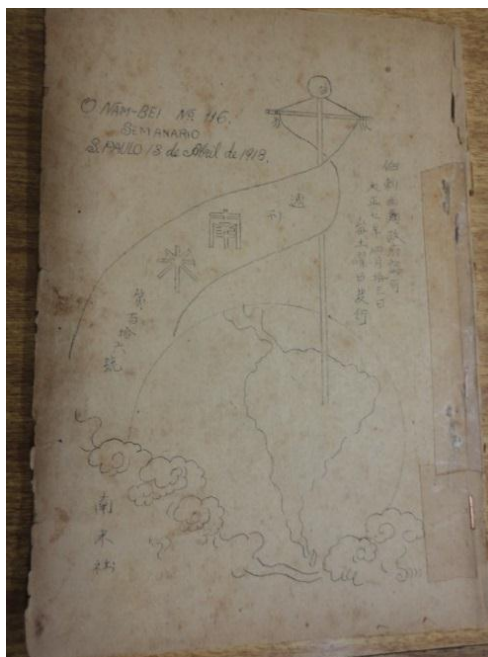
(HOSHINA, 1990). Sabendo que no Brasil não havia jornal japonês, foi precursor desta iniciativa quando já tinha mais de 50 anos (HANDA, 1987). Segundo Hoshina (1990), ele era cristão e uma figura forte, tendo o apelido de Jacaré.

Segundo a História dos 40 anos da imigração japonesa no Brasil (1949), o semanário assemelhava-se ao panfleto por ele lançado em 1915 por ocasião da venda dos núcleos Alto Brejão e Vaivém, situados na linha Sorocabana. Havia matérias de aspectos político-econômicos no mundo, atualidades do Japão, lista de preços de produtos básicos em São Paulo, notícias de atividades dos imigrantes japoneses na cidade de São Paulo e uma coluna literária.⁹ A História dos 40 anos da imigração japonesa no Brasil (1949) relata que os imigrantes estavam carentes de notícias em japonês, o que levava àqueles do interior a fazerem numerosos pedidos e o consulado japonês a receber infinitos pedidos de assinaturas e de seu pagamento. O princípio de Hoshina era imperialista, comum na grande maioria dos imigrantes japoneses da época, e era uma pessoa desprovida de ideologias.¹⁰ Segundo a História da expansão dos jornais japoneses no Brasil, o jornal baseava-se demasiadamente na figura do próprio Hoshina, tornando difícil para os leitores da época a compreensão de seus artigos (HANDA, 1987). Após um ano de atividades, o semanário fechou as portas. Hoshina dedicou na criação do núcleo Brejão, porém, morreu no dia 13 de dezembro de 1926 ao ser baleado na estação de Presidente Prudente por um funcionário da sua fazenda (HOSHINO, 1990).

⁹ Informação retirada a partir do relato da História dos 40 anos da imigração japonesa no Brasil.

¹⁰ Informação retirada a partir do relato da História dos 40 anos da imigração japonesa no Brasil.

FIGURA 1-PRIMEIRO JORNAL JAPONÊS DO BRASIL,
SHÛKAN NAMBEI



FONTE: Autora (2014)

O confronto entre os dois jornais: *Nippak Shimbun* e *Burajiru Jihô*

Após a fundação do primeiro jornal japonês, em agosto do mesmo ano foi lançado o jornal *Nippak Shimbun* (Jornal Nipo-Brasileiro) e, no ano seguinte, em julho de 1917 o jornal *Burajiru Jihô* (Notícias do Brasil) (FUKASAWA, 2010). *Nippak Shimbun*, administrado inicialmente por Akisaburo Kaneko e Shungoro Wako, passa em 1919 a ser dirigido por Saku Miura. Akisaburo Kaneko imigrou das ilhas do Pacífico para o Brasil em 1913 juntamente com Shungoro Wako que emigrou da América do Norte para o Brasil (HANDA, 1987). Hoshina utilizou o *Nambei* para propaganda de venda de terreno, o mesmo acontecendo com Kaneko, que defendia a ideia de fixação na terra, compra de terrenos e exploração de novos núcleos.¹¹

¹¹ Informação retirada a partir do relato da História dos 40 anos da imigração japonesa no Brasil.

Pouco se sabe sobre o passado de Miura, anterior ao *Nippak Shimbun*. Miura fora resgatado pelo navio Benjamin Constant próximo a uma ilha deserta ao norte do Pacífico. No navio, ensinou judô aos marinheiros e chegou ao Rio de Janeiro no dia 8 de dezembro de 1908, seis meses depois da vinda da primeira leva de imigrantes japoneses (MAEYAMA, 2002). Falava muito bem inglês, alemão e português (HANDA, 1987). Possuía forte apelo opinativo na figura de seu editor, Miura, de espírito liberal. A ele costumava expor seus ideais, os quais nem sempre se encontravam alinhados com os pensamentos do Consulado Geral do Japão e da *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha* ou KKKK (Companhia de Desenvolvimento Exterior). Ao que parece, o maior objetivo de Saku Miura, como editor do *Nippak Shimbun*, foi de proteger os direitos dos japoneses em solo brasileiro (FUKASAWA, 2010). O editor-chefe do *Burajiru Jihô* foi o jornalista Seisaku Kuroishi, que havia sido chefe de um jornal japonês dos Estados Unidos e, portanto, possuía experiência intelectual e administrativa (HOSHINA, 1990).

Fazendo uma breve comparação entre o *Nippak Shimbun* e o *Burajiru Jihô*, podemos constatar que o primeiro produzido por tipografia, porém numa impressora Guttenberg, o que tornava necessário que se imprimissem folha por folha, manualmente, entintando-se os tipos com um rolo de borracha (HANDA, 1987). Por outro lado, O *Burajiru Jihô* mostrou o caráter profissional: era apresentado com diagramação de fácil leitura, impressão nítida, utilizando tipos de impressão e máquinas gráficas (FUKASAWA, 2010). Todo esse auxílio financeiro e tecnológico do *Burajiru Jihô* vinha da aliança do jornal com a *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha* ou KKKK (Companhia de Desenvolvimento Exterior), a qual se beneficiava com publicação no jornal de artigos que serviam aos seus interesses. O *Burajiru Jihô* foi lançado pela KKKK para ser um contraponto de seu concorrente, o *Nippak Shimbun* e, assim, amenizar as críticas, feitas por Miura ao processo de imigração japonesa. O *Burajiru Jihô* seguiu uma linha editorial mais voltada aos interesses da elite nipônica e do Consulado

Japônês, os quais incluíam boas relações com o governo brasileiro (FUKASAWA, 2010). Mais tarde, o *Burajiru Jihô* comprou todos os direitos da KKKK (Companhia de Desenvolvimento Exterior) e a privatizou (HANDA, 1987).

Handa escreve sobre a relação dos dois jornais:

Antes de tudo, a diferença entre *Nippak Shimbun* e *Burajiru Jihô* tinha origem na própria diferença do meio do qual provinham e do temperamento dos seus jornalistas, assim como dos seus diretores; por isso, carregavam como destino o confronto natural e consequente destes dois protagonistas. (HANDA, 1987: 606)

Segundo a expressão de Handa, Miura “era de pequena estatura, e cofiando seu cavanhaque, tratava embaixadores e cônsules como se fossem seus subalternos. Seu texto não era retórico, expressando com classe e modernismo os textos satíricos e contestatórios.” (1987: 606). Em contrapartida, Handa escreve sobre Kuroishi como “o diretor do *Burajiru Jihô* era cavalheiro de temperamento agradável” (1987: 607) e “era mais cauteloso e prudente. Conservava sua posição de moralista e de doutrinador.” (1987: 609) Assim, Handa denominou o *Burajiru Jihô* como “um jornal com tendências para a ‘doutrina de esconder os podres’ ou ‘jornal partidário do governo.’” (1987: 607). Na sua percepção sobre os dois jornais: “na época, os jornais não eram noticiosos, mas um canal de discussão. (...) o jornalista possuidor de opinião era um termômetro da sociedade e também aquele que, de certa maneira, orientava” (1987: 607). Handa resume a característica dos primeiros jornais japoneses de maneira interessante: “a imprensa do período anterior à guerra se caracterizou por um jornalismo individualista, pois geralmente tinha o seu proprietário como jornalista principal e as discussões na colônia eram suscitadas por estes jornais ‘personalizados’” (1987: 616).

O editorial político de Miura, dono e redator do *Nippak Shimbun*, criou muitos inimigos e punições políticas. Em 23 de março de 1931 Miura, por conta do Decreto do governo Getúlio Vargas, foi expulso do país pela primeira vez. A publicação do *Nippak*

Shimbun foi suspensa em maio de 1939, quando Saku Miura foi novamente expulso do Brasil. O *Nippak Shimbun* ficou suspenso por quase um ano e depois disso, voltou a ser reeditado em 25 de julho de 1940, somente com o novo nome de *Burajiru Asahi* (Matutino do Brasil). (KIYOTANI, 1999).

Surgimento de jornais japoneses nas regiões rurais

Logo após, no dia 7 de setembro de 1921, intencionalmente coincidindo com o dia da independência do Brasil, o jornal *Seishû Shimpô* (Semanário de São Paulo) foi fundado em Bauru, da região noroeste de São Paulo, por Rokuro Koyama (HOSHINO, 1990). Segundo Fukasawa (2010), o jornal foi fundado para dar voz ao imigrante japonês dessa região, diferentemente dos dois jornais *Nippak Shimbun* e *Burajiru Jihô* que, além de demorarem de 7 a 10 dias para chegar na região, tratavam mais de assuntos de interesse urbano, menos úteis para a grande maioria dos imigrantes da área rural. Koyama estava sentindo a necessidade de defender os interesses dos imigrantes da região noroeste.

Seguindo o *Seishû Shimpô*, outros jornais regionais foram criados para amenizar a insatisfação dos imigrantes das regiões rural, visto que os jornais de São Paulo demoram para chegar às essas regiões e os jornais urbanos não tem muitas notícias relacionadas às comunidades do interior. Alguns exemplos desses jornais são *Aliança Jihô* (1929 – 1937) e *Noroeste Minpô* (1933 – 1941). O jornal *Aliança Jihô* foi fundado em 1929 por Isamu Yuba. O jornal noticiava os assuntos da Colônia Aliança, e segundo *Burajiruni Okeru Nihonjin Hattenshi* de 1953 (História do desenvolvimento dos japoneses no Brasil), posteriormente, foi reformado por membros da filial de *Rikkôkai* (Associação *Rikkô*) (KAYAMA, 1949). Outro jornal, *Noroeste Minpô* foi criado por Hokumin Kajimoto. Este jornal começou circulando como boletim da Associação Central de Jovens de Birigui em que Kajimoto participava e

depois da associação ser dissolvida, graças a Kajimoto esse boletim sobreviveu e virou jornal da região. (FUKASAWA, 2010)

Quando mais dois jornais japoneses concorrentes surgiram na região noroeste, Kayama mudou o *Seishû Shimpô* de Bauru para São Paulo em novembro de 1934, publicando cerca de 9 mil exemplares no final de década de 1930 (FUKASAWA, 2010). Mais um jornal de São Paulo se destacava neste período, o *Nippon Shimbun* (Jornal Japão) fundado por Sukenari Onaga como o presidente e por um grupo de Okinawa (província sul do Japão) em janeiro de 1932 (FUKASAWA, 2010). Onaga formou-se na Escola Naval Comercial como segundo comandante, chegando ao Peru antes de vir ao Brasil. Foi sucessor do diretor-proprietário do Notícias da América Latina e depois de 1918, foi o redator-chefe do Notícias do Brasil (HANDA, 1987). Segundo a descrição de Handa, “era uma pessoa honesta e sua opinião e posição eram coerentes” (1987: 615). A maioria dos leitores era imigrantes de Okinawa da região de Juquiá e Campo Grande (FUKASAWA, 2010). Até 1939 era semanal, passando depois a sair duas vezes por semana, atingindo a tiragem de 5 mil exemplares (HANDA, 1987).

Sobre a característica dos jornais japoneses antes da guerra, Handa escreve:

É impressionante como havia tantas notícias do Japão e muito poucos artigos dedicados à colônia. Isto não mudou durante a década de 30. Apesar de os imigrantes estarem no Brasil, sempre tinham a cabeça voltada para a sua terra natal. Os jornais também davam muito mais importância à transformação do Japão do que aos acontecimentos brasileiros. (HANDA, 1987: 610)

Como Handa descreve, enquanto os imigrantes sonhavam em voltar ao Japão após enriquecerem no campo, os jornais japoneses, contribuíam no papel da manutenção dos laços entre os imigrantes e sua terra natal.

2.2 Jornais japoneses na situação de guerra e pós-guerra

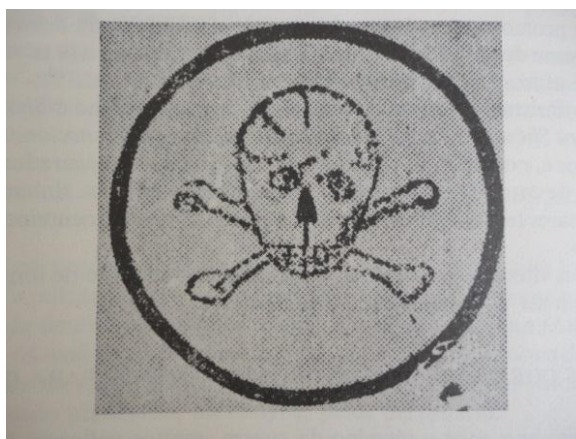
Proibição da circulação de imprensas estrangeiras sob a nacionalização e a confusão causada pelo rumor da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial

O crescimento dos jornais japoneses no Brasil é interrompido pelo movimento de nacionalismo instaurado sob a lei de nacionalização em 1938. Depois de ser estabelecido pelo departamento da Imprensa e Propaganda (DIP), os jornais imigrantes começaram a ser censurados (FUKASAWA, 2010). Em 1941 os jornais foram proibidos de circular e obrigados a fechar. O *Seishû Shimpô* foi o primeiro no final de julho, seguido do *Burajiru Jihô* no dia 31 de agosto, *Nippon Shimbun* em outubro e *Burajiru Asahi* no final de dezembro (FUKASAWA, 2010). Os imigrantes japoneses que não entendiam português começaram a sentir perdidos, assim tiveram que passar o período durante a guerra sem ter fontes confiáveis de informações na língua materna (HOSHINO, 1990).

A falta de informação causada pela inexistência de veículos de imprensas japonesas que noticiassem os acontecimentos na guerra resultou na divisão de parte dos imigrantes japoneses, trazendo conflitos entre os que acreditavam na vitória e os que acreditavam na derrota do Japão na guerra, chamados de vitoristas e os derrotistas, respectivamente. Estes conflitos aconteceram somente entre imigrantes japoneses que viviam no Brasil e, em nenhum outro lugar do mundo foi registrado fato similar. Os vitoristas eram aqueles que acreditavam que a guerra continuava ou que o Japão havia ganhado, eram constituídos pelas pessoas que guardaram a esperança de retorno ao país e eram em maior número. Do outro lado ficava os derrotistas, formados por pessoas do grupo mais próspero da comunidade, eram melhor informados e melhor adaptados ao Brasil. Segundo Handa, “o fato de essas pessoas terem aceito a derrota do Japão significou, para os vitoristas, que elas tinham admitido a debilidade da ideologia japonesa e das autoridades militares japonesas, em que se apoiavam tanto” (1987: 691). Ativistas terroristas contra os derrotistas foram realizadas pela parte executiva

Tokkôtai do grupo radical *Shindô Renmei*, composto por uma parte de vitoristas, de janeiro de 1946 até fevereiro de 1947. Foram, no total, 26 casos registrados. Os mortos, incluindo um brasileiro, somaram 16 (HANDA, 1987). A polícia brasileira obteve uma lista negra com os nomes das 23 principais personalidades da comunidade envolvidas nos incidentes. Pelo número dos núcleos do *Shindô Renmei* espalhados em áreas de concentração de japoneses do Estado de São Paulo, percebia-se a importância do grupo, que contava aproximadamente 130.000 membros (HANDA, 1987). Segundo Handa, “raras eram as regiões em que não houvesse um núcleo seu” (1987: 675). Este percurso do conflito dentro da comunidade japonesa foi investigado no livro de Fernando Morais, “Corações sujos” (2000), que foi filmado pelo diretor brasileiro Vicente Amorim e estreou em 2011.

FIGURA 2- SÍMBOLO ADOTADO PELOS VITORISTAS, CARIMBADO NAS CARTAS QUE ENVIAVAM AMEDRONTANDO OS DERROTISTAS



FONTE: Livro “O imigrante japonês” (1987, p.668)

O que fez com que tais incidentes ocorressem? Na interpretação dos acontecimentos, Handa escreve: “uma maneira de interpretar o caso é que ele fez parte do processo da adaptação dos japoneses à sociedade brasileira e que resultou num movimento tão violento por ter havido interferências de acontecimentos marcantes, como o movimento nacionalista, tanto japonês como brasileiro, a guerra e a derrota japonesa” (1987: 690). Handa, observando

por um outro prisma, considerou como um tipo de luta de classes. Esse fato é sustentado na ideia de que era uma revolta dos imigrantes oprimidos contra as companhias de emigração, como a Companhia Ultramarina de Empreendimentos S.A. ou a BRATAC, que desapareceram depois de passar por tal conflito. Entre os jornais brasileiros também haviam os que suspeitavam de que a classe imigrante havia-se rebelado contra os orientadores do derrotismo, tidos como a classe dominadora (HANDA, 1987).

O conflito dividiu a comunidade e, em seguida, esta discussão promoveu a criação de panfletos institucionais mimeografados elucidativos para passar a verdadeira situação. Isto aconteceu também no interior do estado, como parte da campanha de orientação e esclarecimento da comunidade, com o intuito de destroçar os boatos da vitória japonesa (HANDA, 1987). O grupo derrotista publicou panfleto intitulado *Johô* (Informações) feito por Chibata Miyakoshi por 16 vezes de abril até setembro de 1946 e a Cooperativa Cotia publicou *Shuhô* (Informativo semanal) por 20 vezes de maio até dezembro em 1946. Cada publicação imprimia cerca de 3 mil exemplares (FUKASAWA, 2010). Porém, logo em seguida, surgiram três ou quatro jornais com o apoio das vitoristas. Segundo Handa, estes passaram a declarar que “o problema não é mais discutir se ganhamos ou perdemos a guerra. Estamos lutando, na qualidade de verdadeiros patriotas, contra grupos de pessoas que caluniam a família imperial e nosso país de origem, Japão” (1987:667). Os vitoristas continuavam solidários e unidos entre si, agravando cada vez mais a cisão que se abria na comunidade. Nesta época podia existir cerca de 20 tipos de panfletos produzidos por indivíduo ou por grupo (FUKASAWA, 2010).

Jornais japoneses voltam a ser editados no pós-guerra

Durante a preparação da nova constituição brasileira, o grupo derrotista começou a preparar a fundação de novos jornais como *São Paulo Shimbun* e *Paulista Shimbun* sob a esperança de que a nova constituição ia liberar a circulação dos jornais de língua estrangeira (FUKASAWA, 2010). *São Paulo Shimbun* foi fundado no dia 8 de outubro em 1946 por Mitsuto Mizumoto e por ex-integrantes do *Seishû Shimpô*. *São Paulo Shimbun* foi primeiro jornal japonês que teve publicação permitida pelo governo brasileiro após guerra e publicou o seu primeiro jornal no dia 12 de outubro (FUKASAWA, 2010). Pouco tempo depois, o *Paulista Shimbun* publicou seu primeiro jornal no dia 1 de janeiro em 1947. Todos os investidores do *Paulista Shimbun* eram derrotistas, pois, o objetivo da fundação do jornal era justamente criá-lo para se posicionar contra as ideias vitoristas, assim para redatores e jornalistas foram recrutados fervorosos derrotistas como Hideo Onaga, José Yamashiro, Massuji Kiyotani e Hiroshi Saito (HOSHINO, 1990). Mesmo sendo jornal de derrotistas, o *São Paulo Shimbun* necessitava do público vitorista para aumentar as vendas. O jornal evitou os assuntos radicais, que contrariariam ao pensamento vitorista, e para explicar aos leitores sobre a situação da derrota do Japão, expôs gradualmente o assunto (FUKASAWA, 2010). Por outro lado, *Paulista Shimbun* demonstrava, visivelmente, o perfil derrotista com o objetivo de orientar a comunidade. Essa postura durou oito anos, até março de 1955 (FUKASAWA, 2010). Quando os administradores quiseram mudar a postura da edição para conseguir um número maior de leitores, inclusive vitoristas, acabou por contrariar a campanha derrotista de reconhecimento da derrota do Japão, chamada de *Ninshiki Undô* (FUKASAWA, 2010). Uma grande confusão foi gerada entre jornalistas e investidores ao publicarem uma notícia narrando o presente de uma senhora vitorista para o então governador, em meados de 1948, o que resultou na expulsão de alguns jornalistas que mostraram opiniões diferentes,

entre eles, Shuichi Takeuchi e Toshihiko Nakabayashi que criaram posteriormente o *Nippaku Mainichi Shimbun* (Jornal Diário Nipo-brasileiro). *Nippaku Mainichi Shimbun* foi fundado no dia 1 de janeiro de 1949 por esses ex-jornalistas do *Paulista Shimbun* com a política de amenizar o conflito entre derrotistas e vitoristas (HOSHINO, 1990).

Assim, para enfrentar esta situação, os vitoristas também começaram a fundação da mídia vitorista como *Shôwa Shimbun* (Jornal da Era Shôwa, 1949 – 1954), *Burajiru Chûgai Shimbun* (Jornal Brasil de notícias nacionais e internacionais, 1949 – 1957) e *Kagayakigô* (Boletim Luz) (FUKASAWA, 2010). O fundador do *Shôwa Shimbun*, Saburo Kawabata, em novembro de 1949 escreveu a situação em que os vitoristas não tiveram espaço para demonstrar a sua opinião e foram considerados um grupo de loucos na campanha de reconhecimento da derrota do Japão, *Ninshiki Undô*, formada por derrotistas intelectuais da comunidade, que culminou na criação do jornal (FUKASAWA, 2010). Enquanto a maioria dos dirigentes do *Shindô Renmei* estava na cadeia, diferentes dos jornais derrotistas, todos integrantes do *Shôwa Shimbun* não eram profissionais. *Shôwa Shimbun* começou como jornal semanal e posteriormente passou a publicar três vezes por semana. No auge, atingiu 6 mil tiragens (FUKASAWA, 2010). O único jornal anterior à Segunda Guerra Mundial que foi reeditado depois do final da mesma foi o *Burajiru Jihô*. Foi reaberto em dezembro de 1946, contando com o apoio de vitoristas (HANDA, 1987). Quando o *Burajiru Jihô* voltou a ser editado, o antigo redator Kuroishi já tinha 76 anos. Nesta situação, Isomitsu Okimoto, que era jornalista do *Burajiru Jihô* antes da guerra, assumiu a posição de redator (FUKASAWA, 2010). Okimoto publicava artigos críticos contra Mizumoto do *São Paulo Shimbun*. Okimoto tinha um grande público formado por vitoristas (FUKASAWA, 2010). Segundo Fukasawa (2010), para os imigrantes, admitir a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial não era simplesmente saber da derrota, mas sim desistir do sonho de voltar ao país de origem, renegando o orgulho sobre a cultura e a história japonesa que sempre guardavam no coração.

Os jornais vitoristas compartilhavam o sentimento do público geral de imigrantes japoneses e repetiam a grandeza da sua pátria (FUKASAWA, 2010). Naquele momento, o importante não era saber da derrota do Japão, mas era enfrentar o fato que seus planos de vida haviam mudado (FUKASAWA, 2010).

Os eventos mais importantes para ambos os jornais, derrotistas e vitoristas, eram o ano-novo e *Tenchôsetsu* (termo antigo para falar do aniversário do imperador). Nestas datas, os jornais publicavam uma edição especial em que recebiam verbas para publicar anúncios de felicitações pelo ano-novo ou pelo aniversário do imperador. No aniversário do imperador de 29 de abril de 1951, o *São Paulo Shimbun* tentou atrair o público vitorista com a divulgação de fotos imensas do imperador e da imperatriz, na capa da edição especial (FUKASAWA, 2010). Segundo Fukasawa (2010), o *Paulista Shimbun*, nesta data, reforçando a sua característica derrotista evitou o uso do termo específico “*Tenchôsetsu*”. Através do tamanho dos anúncios se podia avaliar o apoio que cada jornal obteve do público da comunidade. No aniversário do imperador de 1951, o *São Paulo Shimbun*, que tinha um forte departamento de vendas, coletou bastantes anúncios e lançou a edição especial com o total de 58 páginas, dividindo a publicação em dois dias. O *Paulista Shimbun* lançou a edição especial com 34 páginas, *Nippaku Mainichi Shimbun* com 32 páginas, *Shôwa Shimbun* com 34 páginas e *Burajiru Jihô* com 24 páginas (FUKASAWA, 2010).

Enquanto os jornais vitoristas tiveram vidas curtas, os três jornais que surgiram do grupo derrotista *São Paulo Shimbun*, *Paulista Shimbun* e *Nippaku Mainichi Shimbun* duraram mais tempo, tornando-se os principais jornais da comunidade japonesa. *São Paulo Shimbun* e *Paulista Shimbun* também perderam suas características derrotistas ao longo do tempo. Com a amenização do conflito entre derrotistas e vitoristas, os jornais começaram a diversificar suas atividades. O *Paulista Shimbun* se dedicou a promoção de eventos culturais e esportivos na comunidade. Em 1956, comemorando 10 anos de fundação, lançou diversos concursos e

premiações como de literatura, poesia japonesa, esporte e Miss Nikkey. O jornal também começou a emissão de programa de rádio, *Paulista News*, em 1957 (FUKASAWA, 2010). A partir do final da década de 1960, as empresas japonesas começaram a entrar no Brasil com o crescimento econômico, foi o Milagre Econômico Brasileiro (1968-1973), e foi neste contexto que os jornais japoneses fortaleceram a ligação com o Japão e estabeleceram filiais no país (FUKASAWA, 2010). O *São Paulo Shimbun* foi o primeiro a estabelecer uma filial no Japão, abrindo em Tóquio em 1971. Através da filial, o *São Paulo Shimbun* começou a organizar eventos nos dois países com a colaboração de entidades japonesas. Quando organizou a Grande Exposição do Brasil em uma loja de departamento de Tóquio em 1973, recebeu o então casal do imperador. Na cerimônia de 30 anos de fundação do *São Paulo Shimbun* no Imperial Hotel de Tóquio, entre as 200 autoridades convidadas da área política e do mercado financeiro, contou a presença do então primeiro-ministro do Japão (FUKASAWA, 2010). Assim, o *São Paulo Shimbun* construía uma forte ligação com os políticos e empresários japoneses, obtida através da rede de contato de Mizumoto, presidente do jornal. Na década de 1980, além do jornal, o *Nippaku Mainichi Shimbun* começou a trabalhar com revistas e publicações de livros (FUKASAWA, 2010). Segundo Fukasawa (2010), entrando na década de 1980, os imigrantes japoneses começaram a procurar lazer e entretenimento diferentemente da época anterior, quando somente trabalhavam, e os jornais japoneses ajudavam-lhes a obtê-los.

Na percepção de Fukasawa (2010), o período de 1960-1970 era a época que tinha mais leitores desses três jornais, ganhando o público dos imigrantes japoneses que vieram após a guerra, além dos imigrantes que aqui já estavam antes da guerra. Os jornais sempre divulgavam a tiragem oficial. Em 1959 o *Paulista Shimbun* oficializava a tiragem de 23 mil exemplares, enquanto imprimia 18 mil exemplares. Em 1977 e 1978, o *São Paulo Shimbun* oficializava a tiragem de 50 mil exemplares enquanto imprimia 26 mil exemplares

(FUKASAWA, 2010). Segundo Fukasawa (2010), até o começo de 1980, era comum uma pessoa assinar mais de um jornal japonês, dois ou três jornais, até quando a grande faixa de imigrantes de 60 a 70 anos mantia boa condição financeira. Fukasawa (2010) analisa que o maior público desses jornais japoneses era por volta de 1960, sendo composto por imigrantes antes da guerra e após a guerra, e a partir de 1970 o público dos imigrantes antes da guerra começou a diminuir e, enquanto isso, no período de 1980 a 1990 aumentou o público dos imigrantes após a guerra.

No final da década de 1990, três jornais começaram a utilizar computadores na edição das páginas. O *São Paulo Shimbun* foi o primeiro a estabelecer um website do jornal, em 1996, comemorando 50 anos da sua fundação (FUKASAWA, 2010). Quando a internet começou a se difundir no início da década de 1990, os jornais japoneses do Brasil não foram muito afetados pela sua influência, pois a maioria do seu público já tinha mais de 60 anos e não a utilizava (FUKASAWA, 2010). Porém, quando o canal nacional do Japão, NHK¹², iniciou a transmissão no canal brasileiro em 1998, mudou totalmente o ambiente midiático da comunidade japonesa (FUKASAWA, 2010). O início da transmissão do NHK possibilitou aos imigrantes receberem diretamente as notícias do Japão quase que instantaneamente. O NHK absorveu o público dos descendentes dos imigrantes que não sabiam escrever e ler, mas sabiam falar japonês (FUKASAWA, 2010).

Em 1998, o *Paulista Shimbun* e *Nippaku Mainichi Shimbun* se fundiram para enfrentar as constantes dificuldades financeiras, formando o jornal *Nikkei Shimbun*, que publicou seu primeiro jornal no dia 3 de março. Ao se fundirem, os cargos de dirigentes foram modificados, os cargos de *chairman*, diretor-presidente, diretor superintendente e redator foram concedidos a Paulo Koike, Raul Takaki, Oswaldo Takaki e Naonori Yoshida, respectivamente (FUKASAWA, 2010). O *Nikkei Shimbun* divulgava uma tiragem de 15 mil

¹²NHK (Nippon Hôshô Kyôkai) é Japan Broadcasting Corporation, que pode ser assistido no canal fechado brasileiro.

exemplares, na sua fundação, porém corrigiu para 10 mil exemplares em 2009, dez anos depois (FUKASAWA, 2010). Neste momento o *São Paulo Shimbun* e *Nikkei Shimbun* estão atuando como jornais diários, e não têm mais o caráter derrotista.

2.3 Papel que os jornais japoneses têm para a comunidade

Os jornais japoneses fortaleceram os laços, em primeiro lugar, entre os próprios imigrantes espalhados nas diferentes regiões do Brasil e, em segundo lugar, entre a comunidade japonesa do Brasil e o Japão. Handa escreve: “os conterrâneos que viviam espalhados em diversas regiões, como pequenas ilhas isoladas, conseguiam horizontalizar seus relacionamentos através dos jornais, assim como verticalizar-se em relação ao Japão. A não ter nenhum, qualquer jornal servia” (1987: 602). Imigrantes japoneses identificavam sua união através dos jornais, como na percepção de Handa: “com este meio de comunicação de massa é que os imigrantes se conscientizavam da comunidade nipônica brasileira existente” (1987: 602). O historiador afirmou a importância dos jornais japoneses para a comunidade japonesa da seguinte forma: “os jornais colaboraram decisivamente nos esportes, na literatura, em movimentos corporativos, realizaram a comunicação espiritual entre os membros da colônia, às vezes serviam até de ponta-de-lança de brigas, mas o seu papel social e cultural foi grande” (1987: 616). A visão demonstrada por Handa era similar a de Park (1922) que as imprensas imigrantes tendem a preservar a identidade nacional, ligar os membros de mesma origem que se encontram espalhados no país receptor e expressar as vidas da comunidade de imigrantes.

Podemos perceber que, em cada época, os jornais japoneses foram fundados para corresponder aos interesses da comunidade japonesa. Alguns jornais focaram na defesa do interesse dos imigrantes em determinadas regiões, como na cidade de São Paulo e, até em

lugares mais distantes, no interior do País. Durante a discussão da comunidade sobre a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, surgiram outras razões para a existência das imprensas, como defender os interesses dos dois grupos, tanto dos vitoristas quanto dos derrotistas, e unidos debater o nacionalismo japonês, deixando de lado a verdadeira situação da guerra, a derrota do Japão.

A proibição de circulação dos jornais durante a campanha de nacionalização durou cinco anos, de 1941 até 1946. Entretanto esse ato não obstaculizou o desenvolvimento dos jornais japoneses na história da imigração, pelo contrário, deixou clara a importância dos jornais para a comunidade. Podemos considerar que esse conflito que dividiu a comunidade japonesa do Brasil, embate que não ocorreu em nenhuma outra comunidade japonesa no exterior, foi causado pela falta de veículos de comunicação em japonês, o que fez com que a reedição dos jornais fosse tão esperada pelos imigrantes que buscavam informações confiáveis sobre a situação do Japão na guerra. Nunca se fez tão necessário por parte dos imigrantes ter jornais japoneses em suas comunidades. Após a permissão para a reabertura das imprensas estrangeiras, os jornais foram utilizados pelo grupo derrotista que queria divulgar sobre a derrota do Japão, e também pelo grupo vitorista que queria compartilhar sua visão do nacionalismo japonês. Os jornais vitoristas não eram compostos por profissionais, na época, não havia mais a clara divisão entre produtores profissionais de jornais e o público leitor, isto é, quem queria divulgar a sua opinião, simplesmente, criava um jornal.

Sob a história da imigração japonesa e o contexto mundial, transformando e se adequando a cada época, a existência dos jornais japoneses sempre constituiu um elemento importante para sustentar a vida da comunidade e até hoje continuam suas atividades.

3 Jornais japoneses contemporâneos: *Nikkei Shimbun* e *São Paulo Shimbun*

3.1 Perfis do *Nikkei Shimbun* e do *São Paulo Shimbun*

No Brasil, atualmente, circulam dois principais jornais: *Nikkei Shimbun* e *São Paulo Shimbun*. Os dois jornais têm sedes no bairro da Liberdade, bairro tradicional da comunidade japonesa em São Paulo.

Perfil do *Nikkei Shimbun*

A sede do *Nikkei Shimbun* está localizada na Rua da Glória, 326 e nome da empresa é Editora Jornalística União Nikkei Ltda. O presidente é Raul Takaki (descendente da segunda geração). Segundo o sítio oficial do jornal, possui cerca de 60 funcionários. A redação do jornal funciona nos cinco dias úteis da semana, de segunda a sexta e o jornal é publicado de terça a sábado. Oficialmente é declarado que a tiragem do *Nikkei Shimbun* é 10 mil exemplares (em julho de 2014). Podemos considerar que este número oficialmente divulgado não é número verdadeiro de impressão. Segundo os diretores do *Nikkei Shimbun*, o número verdadeiro de impressão é mais baixo do que o declarado, isso porque geralmente os dois jornais divulgam um número maior para poder ganhar mais anúncios.

O jornal é distribuído para assinantes e o resto dos jornais é vendido nas bancas do bairro de Liberdade de São Paulo. Um exemplar do *Nikkei Shimbun* é vendido por R\$ 3,50 nas bancas. A assinatura semestral tem o valor de R\$ 330 e a anual de R\$ 610. É distribuído em todo o Brasil da região Sul ao Norte, principalmente, a maior concentração dos leitores fica no estado de São Paulo. Além do jornal impresso, *Nikkei Shimbun* distribui o jornal pela internet em formato PDF¹³, mantendo idêntico ao impresso, assim atingindo leitores no Japão. A assinatura semestral do jornal em formato PDF custa R\$ 130 e a anual custa R\$ 250, mais

¹³ O jornal em formato PDF pode ser obtido acessando o sítio com a senha de assinante.

barato que o impresso. O *Nikkei Shimbun* conta com mais de 300 assinantes em formato PDF, inclusive assinantes no Japão. Além disso, o jornal utiliza-se da rede social Facebook como forma de divulgação a partir de agosto de 2012.

Nikkei Shimbun tem parceria e colaboração com jornais japoneses. Segundo o sítio, tem nove jornais parceiros ou colaboradores. Assim, troca informações e matérias com os jornais do Japão. A principal mídia de que o *Nikkei Shimbun* compra as notícias do Japão é a agência de mídia, *Kyodô Tsûshin*.

O jornal conta com repórteres correspondentes em Campinas, Londrina, Curitiba, Belém e no Equador, onde fazem coberturas locais. Geralmente esses correspondentes são ex-jornalistas dos jornais ou imigrantes voluntários que residem no local. Os colaboradores, em sua maioria, não são assalariados formais. Quando escrevem a matéria, colocam a identificação no começo ou no final da matéria. Além dos correspondentes, o jornal possui uma filial em Tóquio.

A Editora Jornalística União Nikkey Ltda. publica um outro jornal semanal escrito em português, chamado Jornal Nippak, que é destinado ao público das outras gerações da comunidade japonesa. O Jornal Nippak escreve em 14 a 16 páginas as notícias da comunidade e a unidade é vendida a R\$ 3,50. O Jornal Nippak foi fundado em março de 2007, a partir de uma reformulação do Jornal do Nikkey, que se tornou independente, saindo das páginas em português, do *Nikkei Shimbun* no ano de 2000. A tiragem inicial foi mil exemplares e, em 2009, o jornal aumentou sua impressão para 10 mil exemplares, distribuindo gratuitamente aos assinantes do jornal japonês, *Nikkei Shimbun* (FUKASAWA, 2010). Desde 2004, o redator é Aldo Shiguti (descendente da terceira geração) e a redação é, geralmente, composta por dois ou três jornalistas (FUKASAWA, 2010). Além disso, existem alguns colaboradores regulares para a produção dos textos. Além da produção dos jornais, a Editora Jornalística União Nikkey Ltda. também se dedica à publicação de livros e à promoção de eventos

culturais.

Perfil do *São Paulo Shimbun*

A sede do *São Paulo Shimbun* fica à Rua Mituto Mizumoto, 25 e o nome da empresa é Empresa Jornalística *São Paulo Shimbun* S/A. O presidente é Masao Suzuki (imigrante, primeira geração). Segundo o sítio, *São Paulo Shimbun* possui cerca de 70 funcionários. À igual do *Nikkei Shimbun*, a redação funciona nos cinco dias úteis da semana, de segunda a sexta publicado de terça a sábado. A publicação do jornal é feita cinco vezes por semana. Oficialmente é declarado que a tiragem é 30 mil exemplares (em julho de 2014).

O jornal é distribuído para assinantes e o resto dos jornais é vendido nas bancas do bairro de Liberdade de São Paulo. A venda nas bancas é menos de 10% da circulação total. Entre os assinantes, mais de 90% pertence a primeira geração da imigração japonesa e o resto é composto pelos membros segunda e terceira geração e empresários das empresas japonesas instaladas no Brasil. O *São Paulo Shimbun*, a unidade e assinatura semestral custam R\$ 3,50 e R\$ 395, respectivamente. (em setembro de 2014) A unidade do jornal é mesmo valor do *Nikkei Shimbun*, mas a assinatura semestral é mais cara do que a do *Nikkei Shimbun*. O mapa da distribuição é similar com o do *Nikkei Shimbun*. É distribuído para todo o Brasil da região Sul ao Norte onde possuem as comunidades japonesas, principalmente, a maior concentração dos leitores fica no estado de São Paulo. Segundo o sítio, o *São Paulo Shimbun* também possui leitores nos seguintes países vizinhos: Argentina, Bolívia e Paraguai.

O *São Paulo Shimbun* tem cinco jornais de irmandade, e parceria com um jornal e uma agência de comunicação. O jornal compra a maioria das notícias do Japão com a *Jiji Tsûshin*, agência de comunicação diferente da utilizada pelo *Nikkei Shimbun*, e o *Mainichi Shimbun*, que é um dos principais jornais do Japão.

Tem repórteres correspondentes no Rio de Janeiro, Brasília, Curitiba, Londrina, Maringá em Belém. Além de ter uma filial em Tóquio, possui escritórios filiais na cidade de Fukuoka da província de Fukuoka e na cidade de Hamamatsu da província de Shizuoka. Além da produção do jornal, *São Paulo Shimbun* também colabora com a publicação de livros culturais e de revistas comemorativos, e a promoção de eventos. O quadro 01 mostra resumidamente os perfis do *Nikkei Shimbun* e *São Paulo Shimbun*.

QUADRO 1 — PERFIS DO *NIKKEI SHIMBUN* E DO *SÃO PAULO SHIMBUN*

Itens	<i>Nikkei Shimbun</i>	<i>São Paulo Shimbun</i>
Data de fundação	Criado em março de 1998 a partir da fusão do <i>Paulista Shimbun</i> , fundado em janeiro de 1947, e do <i>Nippaku Mainichi Shimbun</i> , fundado em janeiro de 1949	Fundado pelo imigrante Mituto Mizumoto em outubro de 1946
Localidade	Rua da Glória, 326, Liberdade-SP	Rua Mituto Mizumoto, 25, Liberdade-SP
Presidente	Raul Takaki (descendente da segunda geração)	Masao Suzuki (imigrante, primeira geração)
Número de funcionários	60 funcionários	70 funcionários
Preço por unidade	R\$ 3,50	R\$ 3,50
Preço de assinatura semestral	R\$ 330	R\$ 395
Número oficial de tiragem	10 mil exemplares	30 mil exemplares
Número de páginas	8 páginas em média	8~10 páginas
Local de distribuição	Todo Brasil	Todo Brasil e mais países vizinhos do Brasil
Local das filiais	Campinas, Londrina, Curitiba, Belém, Equador (cidade não especificada) e Tóquio	Rio de Janeiro, Brasília, Curitiba, Londrina, Maringá, Belém, Tóquio, Fukuoka e Hamamatsu no Japão

FONTE: Elaborada pela autora com base nas informações obtidas dos sítios do *Nikkei Shimbun* e *São Paulo Shimbun* (2015)

3.2 Conteúdo dos jornais e sua produção

As páginas dos jornais japoneses não possuem grandes diferenciações, geralmente formatadas de forma a conter blocos compactos de ideogramas, com poucas fotos e espaços. Cristina Miyuki Saito (2009) descreve que o padrão pode causar estranheza aos padrões ocidentais modernos, mas trata-se de uma disposição gráfica bastante comum nos jornais do Japão. Ela compara o *São Paulo Shimbun* e o *Nikkei Shimbun*:

Apesar das diferenças e rivalidades que marcam a trajetória de ambos os jornais, eles apresentam semelhanças quanto à organização de editorias. As manchetes reproduzem o noticiário dos jornais japoneses, e a seleção das matérias é praticamente idêntica. Trazem igualmente a tradução das principais notícias brasileiras e os acontecimentos da comunidade. (SAITO, 2009, p.2)

As estruturas dos dois jornais são parecidas, geralmente compostos de oito páginas. Quando há comemorações, como ano novo e o Dia Nacional da Imigração Japonesa, 18 de junho, o número de páginas é diferenciado com a produção de matérias especiais. Os jornais publicam três tipos de matérias diferentes: notícias do Japão, notícias do Brasil traduzidas para japonês e notícias de alguns acontecimentos da comunidade japonesa do Brasil. Nas cinco primeiras páginas são colocadas notícias compradas do Japão, como política, economia, educação, esporte e entretenimento japonês de nível nacional e regional. Uma página é dedicada às notícias nacionais do Brasil, feita através da tradução de notícias produzidas pelas mídias brasileiras. Há uma seção dedicada às reportagens da comunidade japonesa, que conta com uma ou duas páginas, dependendo da quantidade de notícias. Diferente do *Nikkei Shimbun*, o *São Paulo Shimbun* tem uma página que transmite as notícias da comunidade japonesa em português.

As redações dos dois jornais têm, geralmente, de sete a nove jornalistas e é dividida

em equipe da tradução, composta por dois ou três jornalistas tradutores, e equipe de cobertura da comunidade japonesa, composta por cinco ou seis jornalistas. Praticamente todos os jornalistas da redação são japoneses. Os próprios jornais recrutam os jornalistas e jornalistas estagiários do Japão. Além da contratação de profissionais, os dois jornais possuem o sistema de receber estudantes universitários ou estagiários de associações nipo-brasileiras, que promovem aos jovens japoneses experiências de intercâmbio no Brasil. Porém, estes jovens ficam temporariamente no Brasil e geralmente a mão de obra é escassa, assim os jornais estão regularmente anunciando nos classificados a procura de jornalistas e tradutores.

Esses dois tipos de matérias produzidas por duas equipes têm funções diferentes. A página de notícias nacionais é feita pela tradução para o japonês, através dos principais jornais de São Paulo como *Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* cujas redações possuem credibilidade. A utilização desses jornais paulistanos é confirmada nas matérias pela sua citação. Além disso, são utilizadas outras mídias brasileiras disponíveis *online* para complementar as informações. Essa página da tradução apresenta os principais acontecimentos da sociedade brasileira e as informações úteis no cotidiano do Brasil para os leitores japoneses, que não sabem português. Diariamente a página de notícias nacionais possui quatro a cinco artigos. A página tem tendência de informar grandes notícias e assuntos mais ligados à região metropolitana de São Paulo, o que pode ser observado facilmente na publicação.

Por outro lado, a equipe da cobertura da comunidade japonesa realiza reportagens baseadas na comunidade. Faz reportagens de eventos e acontecimentos, como atividades das associações nipo-brasileiras e organizações japonesas, de empresas japonesas instaladas no Brasil, de empresas de proprietários descendentes de japoneses e de consulados japoneses no Brasil. Os assuntos da cobertura são variados, como cultura, educação, economia, política, esporte e entretenimento ligado aos imigrantes e descendentes de japoneses. Por exemplo,

trata-se da culinária japonesa e da educação em língua japonesa, no caso de esporte, têm destaque grupos de beisebol e de sumô. Diariamente, a equipe da cobertura produz de seis a doze artigos, contidos em uma ou duas páginas. Cada jornal produz dois editoriais. Um desses editoriais é uma coluna curta que traz um tema do cotidiano, que pode ser escrita por qualquer um dos jornalistas da redação. O outro editorial é um texto mais longo, feito por redatores mais experientes e geralmente tem o caráter de discutir sobre um tema maior, como o futuro da comunidade japonesa ou ligado questão nacional ou internacional em geral. Quando tem eventos especiais, visitas das autoridades do Japão, ou datas comemorativas, como aniversário do imperador, Ano Novo ou o Dia Nacional da Imigração Japonesa, as redações produzem as matérias especiais e páginas extras. Às vezes trabalham com páginas compradas por entidades japonesas para fazer a cobertura de seus eventos, como cerimônias de fundação das entidades.

Os repórteres dos dois jornais realizam coberturas dos eventos mais na região metropolitana de São Paulo. Porém, quando tem eventos, são enviados ao interior de São Paulo e do Paraná, onde concentra-se o maior número de imigrantes japoneses. No caso de ter eventos especiais, fazem cobertura até em cidades mais distantes no Norte do Brasil onde têm concentração de imigrantes. Os deslocamentos dos repórteres podem ser confirmados pela citação do local de reportagem nas matérias.

3.3 Linguagem dos jornais : *Colonia-go*

Na comunidade japonesa no Brasil, existe uma linguagem específica chamada *Colonia-go* (linguagem da colônia em japonês). *Colonia-go* é o japonês falado no Brasil, que utiliza expressões e vocábulos emprestados ou derivados da língua portuguesa, ou nomes de regiões brasileiras que os imigrantes japoneses inventaram em japonês e que não existem no padrão japonês original, ou, uma maneira de falar que mistura termos ou verbos portugueses

em frases japonesas. Este estrangeirismo é diferente do estrangeirismo difundido no Japão atual, que utiliza expressões e vocábulos derivados da língua inglesa. Segundo Santou (2005), pessoas que contribuíram à difusão do uso dessa linguagem foram os intelectuais da comunidade japonesa no final da década de 1950, entre eles, Zenpati Ando e Tomoo Handa que se autodeclararam *coloniajin* (pessoa da colônia). Porém, não existe uma definição clara sobre essa linguagem específica (SANTOU, 2005).

Este estrangeirismo é bastante usado entre os imigrantes até o então momento e é utilizado na linguagem dos jornais. Qualquer japonês é capaz de notar esta singularidade dos jornais japoneses do Brasil. O sítio do *Nikkei Shimbun* apresenta exemplos de vocábulos do *Colonia-go* frequentemente usados no jornal e seus significados: *colonia* (colônia), *inaugurason* (inauguração), *chappa* (chapa), *kaisha* (caixa) e *karutorio* (cartório), *pon* (pão), *nissei* (segunda geração), *seishi* (cidade São Paulo), *seishû* (estado de São Paulo), *hakkoku* (Brasil), *hakujin* (brasileiro), *kenjinkai* (associação de província japonesa), *pogo* (português) e *nichigo* (japonês). São termos que aparecem na vida cotidiana dos imigrantes. Além dos jornais, esta linguagem também é bastante vista na produção da literatura da comunidade japonesa.

Cristina Miyuki Sato (2009) analisou os estrangeirismos nos últimos jornais japoneses *São Paulo Shimbun*, *Nippaku Mainichi Shimbun* (Diário Nippak) e *Nikkei Shimbun*.

A leitura dos jornais *São Paulo Shimbun* e *Diário Nippak* revelam que decaiu drasticamente a utilização de termos em português adaptados ao texto. Predominam atualmente os estrangeirismos correntes no japonês padrão, com a grafia adotada no Japão. São exemplos constantes palavras como *purojekuto* (do inglês *project*), *imeeji* (do inglês *image*), *kurabu* (do inglês *club*). Em outros tempos, seria natural encontrar essas palavras grafadas como *purojeto*, *imaajen*, *kurube*, aproximando-se da pronúncia em português. Embora sejam menos constantes que no passado, alguns vocábulos claramente tomados do português continuam aparecendo nas matérias sobre a comunidade nipo-brasileira. É o caso da palavra

“*beterano*” (veterano) na página 8 do *Nikkei Shinbun* de 01/12/2007, no lugar de “*beteran*”(do inglês *veteran*) ao fazer referência à festa de confraternização dos atletas veteranos do Ibirapuera. Mesmo no *São Paulo Shinbun*, em que praticamente os estrangeirismos dessa categoria foram abolidos, é possível encontrar um “*bare tuudo*” (vale-tudo) em matéria sobre um campeonato de luta livre ocorrido em Manaus (pág. 2 da edição de 01/12/2007) (SATO, 2009: 3)

Podemos considerar que a transcrição do estrangeirismo nos jornais acompanha as mudanças no Japão. Como não existe um padrão pré-estabelecido pela redação dos jornais, a utilização dos termos depende da percepção e da formação dos jornalistas, assim, a linguagem nos jornais é mutável.

Junko Oka (1994) discute que o fator marcante no emprego da linguagem nos textos dos jornais japoneses do Brasil é a necessidade de expressar objetos e fatos que fazem parte da realidade dos falantes, envolvendo o emissor e receptor. Os estrangeirismos verificados nos jornais evocam o consenso entre o emissor e o receptor, a pressuposição do emissor em relação ao emissor como um outro membro da mesma comunidade (OTA, 1994). As expressões extraídas diretamente do português poderiam ser substituídas por vocábulos japoneses ou ingleses, como se tornou comum no Japão. Segundo Ota, a opção de utilizar termos em português demonstra a “cumplicidade linguística com o leitor”.

O uso do *Colonia-go* nos textos permite a interação dos jornais com seu público leitor (SATO, 2009). Os textos narram temas de conhecimento e memórias comuns aos imigrantes japoneses que vivem no Brasil. Na observação de Sato, “os fundamentos do texto acessível estavam claramente presentes, como provam a predominância de palavras que pertenciam ao universo semântico do imigrante – fazenda, camarada, patrão, por exemplo – embora não fizessem parte do seu léxico visual” (2009:5). Segundo Sato (2009) e Isao Santou (2005), o uso do *Colonia-go* foi um importante fator para a formação da identidade da comunidade japonesa no Brasil, acompanhando a negociação de sua identidade na sociedade brasileira.

Assim, a compreensão sobre a função do *Colônia-go* seria muito importante na hora de analisar o conteúdo das matérias jornalísticas.

3.4 Fundação e objetivos dos jornais: entrevistas com os redatores

Fundação dos jornais

Segundo os sítios do *Nikkei Shimbun* e do *São Paulo Shimbun*, o principal objetivo da fundação dos dois jornais era de transmitir informações verdadeiras para a comunidade japonesa no pós-guerra, em um momento de grande rivalidade entre os vitoristas e os derrotistas, sobre a derrota do Japão na guerra.

Segundo o sítio do *Nikkei Shimbun*, colegas da comunidade se reuniram com a preocupação de que a confusão nunca iria acabar sem que as informações verdadeiras fossem difundidas e em janeiro de 1947 fundaram *Paulista Shimbun*, posteriormente, em janeiro de 1949, algumas pessoas saíram do *Paulista Shimbun* e fundaram o *Nippak Mainichi Shimbun*, mais tarde, atravessaram a drástica diminuição de leitores na década de 1980 e em março de 1998, os dois jornais fundiram-se como *Nikkei Shimbun*.

O *São Paulo Shimbun* possui um início semelhante ao *Nikkei Shimbun*. Segundo o sítio do jornal, no pós-guerra, o imigrante Mituto Mizumoto¹⁴ sentiu a necessidade de transmissão de informações verdadeiras em língua materna e fundou a empresa *São Paulo Shimbun*, obtendo a licença de publicação de jornal japonês via negociação com o governo federal. No dia 12 de outubro de 1946 publicou o primeiro jornal japonês a ser publicado no pós-guerra.

¹⁴ Mituto Mizumoto é original da província de Kumamoto, que imigrou para o Brasil com a família aos 15 anos, em 1929. Depois de trabalhar na plantação, abriu uma consultoria jurídica e ajudava a fazer a documentação dos imigrantes japoneses.

Objetivo dos jornais

Objetivo do *Nikkei Shimbun*

✓ Segundo o sítio

O *Nikkei Shimbun* apresenta claramente o objetivo do jornal no sítio. Assim, para a diretriz da redação, foram listados sete itens: 1) líder de opinião da comunidade japonesa; 2) registro da memória da imigração japonesa para o Brasil; 3) sucessão e educação da cultura japonesa para a segunda e terceira gerações de descendentes de japoneses; 4) colaboração para o ensino de língua japonesa; 5) análise de fenômenos atuais da comunidade japonesa; 6) observação do fluxo de decasségus; e, 7) transmissão de informações para o Japão. O *Nikkei Shimbun* levanta a diretriz do jornal para contribuir ao desenvolvimento da comunidade japonesa do Brasil, funcionar como ouvinte e informante diante de imigrantes e descendentes de japoneses, se dedicar ao intercâmbio entre Japão e Brasil sendo a ponte entre os dois países, e apresentar a cultura japonesa para a sociedade brasileira.

✓ Segundo o redator

Para complementar o objetivo do jornal apresentado no sítio e saber da atual diretriz da redação, foi realizada uma entrevista com o atual redator Masayuki Fukasawa do *Nikkei Shimbun* no dia 20 de julho em 2012, em São Paulo. Segundo o sítio *Discover Nikkei*¹⁵, Fukasawa, nascido na província de Shizuoka em 1965, chegou ao Brasil em 1992 e trabalhou no jornal *Paulista Shimbun* como jornalista-estagiário. Voltou ao Japão em 1995 e depois de trabalhar junto com brasileiros decasségus numa fábrica da província de Gunma, retornou ao

¹⁵ Um *website* comunitário estabelecido pelo projeto internacional de pesquisa de descendentes de japoneses, onde compartilha experiência, cultura, história e identidade da descendência japonesa.

Brasil em 1999. Fukusawa começou a trabalhar no *Nikkei Shimbun* em 2001 e a partir de 2004 foi chefe da redação do jornal. A entrevista foi realizada na própria redação com perguntas abertas sobre a atual diretriz da redação e a sua posição em relação aos candidatos e políticos descendentes de japoneses.

Para o redator, o maior objetivo do jornal é ajudar a comunidade japonesa a compartilhar conhecimentos para promover sua solidariedade e o desenvolvimento da comunidade no Brasil. Mais especificamente, discute problemas de assuntos importantes e apresenta as diferentes opiniões da comunidade. Ele considera que o jornal assume um grande papel social para a comunidade. O segundo objetivo do jornal, segundo o redator, é relatar o cotidiano e o sofrimento dos imigrantes para recordar as memórias da história da imigração japonesa e narrar sua história para próximas gerações. O jornal tem como objetivo arquivar suas matérias para que possam ser utilizadas por pesquisadores e historiadores do Japão. O terceiro objetivo é a formação da identidade e a transmissão/cultivo da cultura japonesa para a segunda e terceira gerações, para não perder sua identidade e sua cultura no processo da integração à sociedade brasileira. Como outros objetivos, promover a educação da língua japonesa, observar o desenvolvimento da cultura japonesa fora do Japão e observar o movimento decasségui.

O redator afirmou que qualquer assunto ligado à comunidade que o público da comunidade tenha interesse pode se transformar em matéria. Sobre a campanha eleitoral, explicou que o jornal pretende colaborar com qualquer candidato e político descendente de japoneses e nesse caso não importaria o pensamento político ou o partido de cada candidato, no sentido de apoiar a comunidade e seus candidatos sem nenhuma condição. No final da entrevista, o redator denominou o jornal *Nikkei Shimbun* como “jornal regional da 48ª província do Japão”, já que o Japão possui 47 províncias. A ideia implica que a comunidade japonesa do Brasil é uma parte do Japão fora do país. Segundo Fukasawa, essa ideia foi

transmitida pelo redator anterior do jornal.

Posteriormente, no dia 30 de janeiro de 2015, foi realizada outra entrevista com Fukasawa, na redação do jornal, para complementar as informações sobre a linguagem das matérias. Ele explicou que não pretende utilizar muito o estrangeirismo de inglês pois, a maioria dos leitores é idosa e não está acostumando com o estrangeirismo moderno de inglês, diferentemente dos leitores, relativamente mais jovens, do Japão. Respondeu, também, que não estabelece nenhuma norma sobre o uso do *Colonia-go* entre jornalistas e deixa a critério de cada jornalista. Segundo ele, como a linguagem não é compreendida pelos leitores do Japão, foi estabelecido um sistema automático, no sítio, que faz com que o significado acompanhe a palavra quando o *Colonia-go* é utilizado no texto.

Nesta entrevista, ele reforçou a ideia do papel dos jornais japoneses utilizando o seguinte exemplo: “os jornais têm efeito de movimentar a comunidade. Quando ocorreu o terremoto do nordeste do Japão, em 2011, noticiamos a doação de entidades nipo-brasileiras para as vítimas da tragédia. As notícias foram espalhadas pela comunidade através divulgação e incentivaram inúmeras entidades e associações nipo-brasileiras a ajudarem a coletar doações. Até a metade do ano, a comunidade japonesa do Brasil conseguiu doar mais de 11,6 milhões de reais (cerca de 590 milhões de ienes) para enviar para o Japão.” Fukasawa adicionou, “emitimos novidades daqui destinado ao Japão e queremos atrair o interesse das pessoas do Japão pela comunidade japonesa do Brasil.”

Objetivo do *São Paulo Shimbun*

✓ Segundo o redator

O *São Paulo Shimbun* não possui a apresentação clara sobre seu objetivo no sítio. Para esclarecer a diretriz da redação do jornal, foi realizada uma entrevista, na redação, com o

vice-chefe da redação, Koji Matsumoto, no dia 28 de janeiro de 2015. Matsumoto trabalhou como repórter no *Nippaku Mainichi Shimbun* de 1994 até 1998, quando o jornal se fundiu com o *Paulista Shimbun* para criar o *Nikkei Shimbun*. Continuou trabalhando no *Nikkei Shimbun* por mais três meses após a fusão e, logo em seguida, mudou para o *São Paulo Shimbun*. Lembrou que “a fusão foi decidida pelas diretorias dos jornais e as duas redações não concordavam com as diretrizes, mesmo tornando uma só. Assim, no início do *Nikkei Shimbun*, a redação era separada e confusa.” Matsumoto contou que ele não concordava com o então redator-chefe do *Nikkei Shimbun*, que era da redação do *Paulista Shimbun*. Depois de atuar como repórter do *São Paulo Shimbun* por mais de dez anos, assumiu o cargo de vice-chefe da redação em outubro de 2010.

Ele explica que “nosso jornal é uma parte da comunidade japonesa do Brasil. Nossa atividade está profundamente baseada na relação com as pessoas da comunidade. Assim, para nossa atividade é importante manter uma boa relação com a comunidade.” Continuou, “queremos noticiar para a comunidade as informações úteis, melhorar nossa cidade e incentivar as atividades das entidades nipo-brasileiras.” Sobre o uso do *Colônia-go*, “damos a importância para a fala das pessoas da comunidade japonesa. Quando há palavras não entendidas pelos leitores do Japão no texto, colocamos seu significado entre parênteses.” Em relação à cobertura sobre políticos e candidatos descendentes de japoneses, ele respondeu que a redação geralmente não faz coberturas políticas por iniciativa própria, porém os atendem na redação quando pedem. Matsumoto enfatizou que nesse caso, ele pergunta e escreve sobre as qualidades que os candidatos possuem como político nipo-brasileiro frente aos adversários.

Matsumoto relatou que o jornal está perdendo leitores por causa das notícias do Japão transmitidas na televisão brasileira pela emissora de televisão NHK e também pela internet, considerou que a diminuição de leitores de jornais impressos não é somente uma situação que está acontecendo na comunidade japonesa, é um movimento mundial. Lamentou

sobre o fato de que mesmo tentando melhorar a qualidade do jornal, os funcionários e profissionais não continuam no emprego, causado pelo baixo salário oferecido pelo jornal, sendo assim, é difícil de manter uma boa equipe. Porém, insistiu: “pretendemos continuar mantendo o jornal o máximo possível, enquanto ainda tivermos leitores.”

3.5 Número de tiragem e as diretrizes: entrevistas com os diretores

✓ Visão da diretoria do *Nikkei Shimbun*

Para saber da mudança do número de tiragem e da sua visão sobre a administração foi realizada uma entrevista com o vice-presidente do *Nikkei Shimbun*, Oswaldo Takaki, irmão do atual presidente, na sala da diretoria do jornal, no dia 27 de maio de 2014. A entrevista foi feita utilizando questões abertas sobre a situação de tiragem nos últimos anos e sua visão sobre a administração. A tiragem oficial do *Nikkei Shimbun* é 10 mil exemplares, porém o verdadeiro número de impressão é somente 5 mil exemplares. Entre os 5 mil exemplares, 3500 exemplares são de assinantes. Até três ou quatro anos atrás, o número de impressão era de 6 mil até 7 mil exemplares. Segundo ele, a idade média da primeira geração, ou seja o principal leitor do jornal passou 80 anos, assim pelo cancelamento de assinatura dos leitores dessa faixa, o jornal está perdendo cerca de 300 assinantes por ano.

O vice-presidente comentou, “falando de verdade, acho que seria o melhor caminho o jornal tornar semanal daqui dois anos para sobreviver. Dependendo da região, tem somente 150 assinantes em uma área de 200 km quadrados, assim o custo de distribuição sai caro.” A administração do jornal sempre foi difícil, entretanto, a partir de 2000 começou a dar déficit. Ele afirmou, “a atividade do jornal não é mais comercial, é um serviço social. Temos missão de registrar os acontecimentos da comunidade japonesa e fazer a história.” Ele considerou que a manutenção do jornal está virando como a de um serviço comunitário, sem fins lucrativos.

Segundo ele, têm quatro elementos para o jornal ter grande dificuldade de recuperar o número de assinantes: 1) parada de nova entrada de imigrantes japoneses após 1990; 2) aumento da saída de decasségus para o Japão; 3) difusão da assinatura do canal nacional do Japão, NHK na televisão brasileira a partir de 2000; e, 4) difusão de internet. Assim, o jornal enfrenta vários problemas. O vice-presidente sugeriu, “um dia *Nikkei Shimbun* e *São Paulo Shimbun* deveriam fazer uma fusão.”

Posteriormente, foi realizada uma entrevista com o presidente do jornal, Raul Takaki, na sala da presidência do jornal, no dia 30 de janeiro de 2015. Takaki é descendente de japoneses da segunda geração, e é advogado. Ele foi presidente do *Nippaku Mainichi Shimbun* desde 1983 e assumiu a presidência do *Nikkei Shimbun* quando este se fundiu com o *Paulista Shimbun*, em 1998, para criar o *Nikkei Shimbun*. Contou que antes de assumir a presidência, ele era advogado do *Nippaku Mainichi Shimbun* e foi convidado para o cargo quando o jornal estava com déficit na administração. Por mais que fale japonês fluentemente, Takaki não sabe ler em japonês, consequentemente, não consegue ler os jornais japoneses. No entanto, ele está vendo todos os dias as matérias do *Nikkei Shimbun* e quando tem matérias importantes, ele pede à sua secretária para ajudá-lo a entendê-las. Por isso, dificilmente, ele interfere no trabalho da redação.

Segundo o presidente, 60% da receita do jornal é da venda de anúncios e 40% é da assinatura. Ele considerou que a venda de anúncios é mantida somente pela amizade e colaboração das pessoas da comunidade japonesa. Pois, pela baixa tiragem, ele duvida que as propagandas surtam efeitos. Takaki levantou a questão de que o alto preço na distribuição é uma das grandes dificuldades enfrentadas pela sua gestão. Destacou que o valor da assinatura do jornal é igual para todos, independente da região do Brasil em que o leitor mora, desde São Paulo até cidades na região Norte, não há taxas extras de distribuição. Na concepção de Takaki, o jornal não deve diferenciar o valor da assinatura baseado no local em que o leitor

reside. Para ele, a administração dos jornais japoneses não é uma tarefa fácil desde a época do *Nippaku Mainichi Shimbun* e nesse momento é natural em pensar na possibilidade de fusão com o *São Paulo Shimbun*. Ele assume o presidente da *Kaigai Nikkei Shimbun Hôshô Kyôkai* (Associação de Emissão de Jornais Japoneses no Exterior) há dez anos. Através do conhecimento pela associação, comentou: “parece que nos últimos anos, as imprensas japonesas exteriores que lucram mais são aquelas distribuídas gratuitamente cheias de informações de hotéis e restaurantes para turistas.”

Ele enfatizou a necessidade dos jornais japoneses do Brasil: “jornais japoneses fazem a cobertura que jornais brasileiros nunca fazem. Por exemplo, os jornais japoneses noticiam a vinda de autoridades e empresários do Japão para o Brasil. Sem os jornais japoneses, suas atividades no Brasil não seriam divulgadas.” O presidente terminou a entrevista desejando, “quero que pessoas do Japão também entendam a importância desses jornais japoneses do Brasil.”

✓ Visão da diretoria do *São Paulo Shimbun*

Os dois jornais japoneses contemporâneos devem estar enfrentando a mesma dificuldade financeira causada pela queda drástica de assinantes nas últimas décadas. Foi realizada uma entrevista com o presidente do *São Paulo Shimbun*, Masao Suzuki, na redação do jornal, no dia 28 de janeiro de 2015. Suzuki, nascido na província de Hyogo, no Japão, estudou no curso de comunicação no departamento de sociologia, e tendo o interesse principalmente no Brasil, integrava um clube universitário de pesquisa sobre a América Latina. Veio ao Brasil pela Japan Student Foreign Immigration Federation¹⁶ há 42 anos. Estagiou no *São Paulo Shimbun* e quando retornou ao Japão, trabalhou em uma filial do jornal em Tóquio

¹⁶ *Nihon Gakusei Kaigai Ijû Renmei (Gakui ren)*. É um clube universitário que foi fundado em 1955 com o objetivo de pesquisar para imigrar ao exterior e durou até 1990. Teve clubes filiais em 67 universidades japonesas.

por aproximadamente 30 anos, nessa filial, no seu auge teve até seis funcionários. Escrevia notícias relacionadas à comunidade japonesa do Brasil como os assuntos do Ministério de Relações Exteriores do Japão e da JICA (Japan International Cooperation Agency). Suzuki foi chamado para assumir a chefia da redação do jornal e em 2003, mudou-se para São Paulo. Mais tarde, em 2009, assumiu a presidência, com isso, ele desempenha uma função dupla, além de ser chefe da redação, é presidente do jornal.

Segundo ele, o *São Paulo Shimbun* chegou a ter a tiragem de 80 mil exemplares durante o final da década de 1960 e no começo da década de 1970. O jornal declara, há dez anos, que a tiragem oficial é de 30 mil exemplares. No entanto, o presidente evitou revelar o número verdadeiro da tiragem, pois esse número influencia a venda de anúncios. Porém, como muitas entidades nipo-brasileiras e empresas japonesas de assinantes compartilham o jornal em espaço público ou no escritório, ele considera que o número atual de leitores deve ser muito maior do que o da tiragem. Na percepção de Suzuki, a idade média dos assinantes é de cerca de 75 anos, com isso, ele pensa que não há muita coisa a ser feita para conter a diminuição das assinaturas. Uma das opções, segundo ele, é no futuro diminuir a publicação de cinco vezes por semana para três ou até duas vezes por semana, “nós temos a responsabilidade até o último leitor. Pretendemos continuar a atividade o maior tempo possível, mesmo diminuindo a atividade gradualmente.”

Segundo o presidente, a missão do jornal é ser um boletim da comunidade japonesa e ao mesmo tempo ser formador de opinião. Porém, na percepção dele, os jornais japoneses do Brasil não estão mais cumprindo este papel de formador de opinião, nos últimos 15 anos, depois da fusão do *Nippaku Mainichi Shimbun* e do *Paulista Shimbun*. Isto porque “mantendo três jornais diferentes na comunidade na época, os jornais japoneses tinham certa influência na comunidade.” Ele preocupa também: “agora não tem mais jornalistas que têm o papel de formador de opinião. Não tem jornalistas capazes de trazer argumentação como os antigos

jornalistas.” Uma outra missão do jornal é pensar em como desenvolver a comunidade japonesa do Brasil e como conectar a comunidade com o Japão. Contou que, para o Japão, ele tentava mostrar as qualidades da comunidade japonesa do Brasil, pois em suas palavras: “a comunidade japonesa ficou relativamente rica e nesta transferência para a segunda e terceira geração dos descendentes, ficou cada vez mais distante da união da comunidade. Essas pessoas não sabem mais manter o contato com o Japão.” Assim, ele considera que seu importante papel como o presidente do *São Paulo Shimbun* é preparar o terreno para o contato entre a comunidade japonesa do Brasil e o Japão através da sua rede de contatos pessoais estabelecida pelo trabalho. Para mais uma outra missão, o presidente levantou a importância de registrar a história da imigração japonesa e a vida dos imigrantes no Brasil. Ele confirmou que, neste caso, sua visão é exatamente mesma do *Nikkei Shimbun*. Terminou a entrevista afirmando: “o principal motivo da minha vinda ao Brasil era o meu interesse sobre os imigrantes japoneses. Assim, assumirei a responsabilidade com a comunidade até o fim.”

3.6 Visão de repórteres correspondentes regionais

✓ Entrevista com o correspondente de Curitiba do *São Paulo Shimbun*

Quais são as atividades dos repórteres correspondentes regionais dos jornais e por qual motivo eles assumiram este papel? Foi realizada uma entrevista com o correspondente de Curitiba do *São Paulo Shimbun*, Noboru Horiuchi, no dia 22 de janeiro de 2015, na sua residência. Ele é o correspondente do *São Paulo Shimbun* desde 1996. Mesmo com 85 anos, ele ainda sai para fazer as coberturas e utiliza o computador para redigir e enviar as notícias para a redação de São Paulo, via e-mail.

Ele nasceu na província de Hokkaido, norte do Japão, e estudou agronomia. Em 1960, com 29 anos, imigrou junto com sua esposa para o Brasil. Depois de atuar no campo em

Suzano, São Paulo, e em Mauá, norte do Paraná, trabalhou no escritório da atual JICA (Japan International Cooperation Agency) de Londrina do Paraná, que é uma entidade pública do Japão que, na época, administrava programas para imigrantes agricultores da região. Trabalhou nesta entidade até janeiro de 1981 quando a agência foi fechada. Logo depois, Horiuchi se mudou para Curitiba e aos 50 anos, ganhou um emprego no Consulado Geral do Japão em Curitiba, sendo promovido do escritório consular para o consulado geral no início do mesmo ano. Trabalhou no consulado por 15 anos, até 1996, tratando de assuntos relacionados à imigração, como passaporte e cadastro familiar. Em maio de 1996, se aposentou e, em julho do mesmo ano, assumiu o papel de repórter correspondente de Curitiba do *São Paulo Shimbun*. Segundo Horiuchi, naquela época, o antigo correspondente de Curitiba do jornal estava saindo do cargo e a redação estava procurando alguém para continuar o trabalho. Seu conhecido, o então chefe da redação, ligou para ele explicando a situação, e, em seguida, ele recebeu a ligação de um diretor do jornal. Assim, ele foi oficialmente convidado para ser o correspondente do jornal. Horiuchi lembrou: “eu já tinha interesse em trabalhar com a escrita. Sempre pensava em registrar os assuntos da imigração japonesa de Curitiba de forma escrita.” Segundo ele, no momento não foi acertado concretamente sobre a remuneração do trabalho. Porém, nos primeiros anos, confirmou algum recebimento mensal.

Antes de se tornar correspondente, Horiuchi sempre lia inteiramente os jornais japoneses no Brasil. Assinava o *Nippaku Mainichi Shimbun* e o *São Paulo Shimbun*, e gostava especialmente do *Nippaku Mainichi Shimbun*. Quando começou a trabalhar com o jornal, “aprendi muita coisa trabalhando com a redação. Sempre trabalhei em escritórios, então estava acostumado a trabalhar com documentos. Assim, os jornalistas da redação de São Paulo me aconselharam que meu texto era muito burocrático e difícil.” Ele lembra que, nos primeiros anos saía quase todos os dias para fazer cobertura. Quando tinha eventos, saía

acompanhando autoridades de entidades nipo-brasileiras. Às vezes, fazia cobertura participando de encontros de *Haiku*¹⁷ e de festivais japoneses, que costumava frequentar junto com sua esposa. Escrevia novidades do Consulado Geral do Japão em Curitiba, local onde trabalhou. A área cobertura era restrita à região metropolitana de Curitiba. Segundo ele, suas atividades não eram orientadas pela redação, e a seleção de quais assuntos cobrir dependia do seu interesse. Escrevia e mandava de 20 até 30 notícias por mês para a redação, no começo, por meio de correio. Comentou que mesmo percebendo que não estava mais recebendo a remuneração pelo trabalho, não se importava com isso, pois sustentava-se com a aposentadoria e considerava sua atividade como uma colaboração à comunidade japonesa. Ele contou que redigiu cerca de dois mil artigos desde 1996 até hoje. Depois de começar a atividade de correspondente do *São Paulo Shimbun*, Horiuchi também começou a escrever textos, em japonês, para o jornal *Paraná Shimbun* de Londrina, que fechou em 2012, e para o jornal Planeta Zen, um boletim gratuito de Curitiba.

Na hora de redigir os textos, ele atenta às seguintes coisas: “tento escrever conscientemente com neutralidade, sem emoção. Tento não transmitir as minhas opiniões.” Adicionou: “não gosto de fazer críticas e de escrever sobre escândalos, estou acostumado a escrever somente coisas boas da comunidade japonesa. Assim, pode ser que meu texto seja considerado insípido.” Enquanto os candidatos descendentes de japoneses na eleição, comentou: “gostaria de colaborar com os candidatos para a produção de notícias.” Horiuchi é uma pessoa determinada, “quero escrever quaisquer novidades que ouço sobre a comunidade.” Entretanto, por questões médicas, nos últimos anos está com dificuldade para sair para fazer cobertura. O envio de notícias diminuiu para duas ou três notícias por mês. Às vezes, Kazuko, esposa de Horiuchi, o ajuda no trabalho fotografando os eventos para colocar nas notícias, quando ele tem dificuldade para sair. Horiuchi falou, “quero continuar o papel do repórter correspondente pelo maior tempo possível”, ao mesmo tempo revelando, “já estou procurando

¹⁷ *Haiku* é um tipo de poema tradicional japonês.

alguém que poderá continuar meu trabalho em Curitiba, mas não acho ninguém.” Terminou a entrevista demonstrando sua expectativa sobre jornais japoneses do Brasil, “os ancestrais falavam, povos que esquecem da sua língua extinguem-se. Espero que os jornais continuem sua atividade pelo maior tempo possível e produzam mais notícias da comunidade japonesa como um registro para o futuro”.

Análise das entrevistas com os integrantes do *Nikkei Shimbun* e do *São Paulo Shimbun*

Nas entrevistas, ficaram demonstrados os objetivos de atender os interesses da comunidade, como noticiar informações úteis, orientar as opiniões dentro da comunidade e, também, manter a ligação com o Japão. Em relação aos políticos nipo-brasileiros, tomaram a posição de que os apoiam incondicionalmente dentro dos objetivos dos jornais. Entre os diretores e redatores de ambos os jornais, a maior preocupação das últimas décadas é a queda acentuada do número de leitores, causado pela diminuição da primeira geração dos imigrantes, que é o principal público, resultando em dificuldades financeiras e administrativas. Segundo os diretores, a idade média etária dos leitores está na faixa de 75 a 80 anos. Foi mencionado que os jornais não conseguirão manter suas atividades da mesma maneira daqui em diante e terão que diminuí-las.

Para os integrantes dos jornais, o mais importante no momento é manter os jornais pelo maior tempo possível. Na percepção dos diretores, com a dificuldade financeira, os jornais são mantidos pelo apoio da comunidade japonesa recebido pelas vendas de anúncios aos membros da comunidade. Neste momento, os jornais japoneses não têm mais o caráter comercial, e sua atividade está se tornando um movimento comunitário.

3.7 Situação de vendas dos jornais nas bancas

✓ Entrevistas nas bancas do bairro da Liberdade

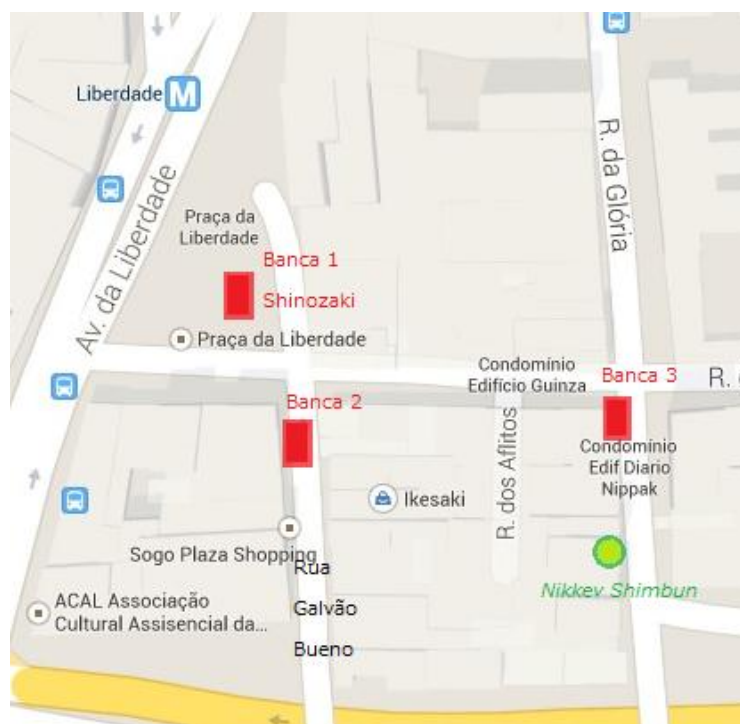
Além de entrevistar os funcionários dos jornais, foram coletadas entrevistas nas bancas de jornais do bairro da Liberdade de São Paulo, região onde se encontram as sedes dos jornais, para saber a situação da venda de exemplares nas bancas. As entrevistas foram realizadas no dia 30 de janeiro de 2015.

No entorno da Praça da Liberdade, região central do bairro da Liberdade, há lanchonetes e bancos, onde é muito comum ver durante o dia idosos japoneses sentados lendo os jornais japoneses. A Banca Shinozaki está localizada na Praça da Liberdade, em frente da saída da estação de metrô Liberdade, e vende os jornais *Nikkei Shimbun* e *São Paulo Shimbun*. A proprietária da banca é descendente de japoneses e colaborou com a pesquisa e respondendo que vende cerca de 50 exemplares dos jornais japoneses por dia. Ela informou que as vendas aumentam na quinta-feira e no sábado, segundo ela, quinta-feira é o dia em que a programação da NHK, canal japonês de televisão que é transmitido em canal fechado brasileiro, é impresso no jornal. Por isso, tem pessoas que os comprem somente quinta-feira. Contou que, na banca, geralmente vende mais *Nikkei Shimbun* do que *São Paulo Shimbun*. Nas quintas e nos sábados, a banca recebe 70 exemplares do *Nikkei Shimbun* e 35 exemplares do *São Paulo Shimbun* e, nos outros dias, 50 exemplares do *Nikkei Shimbun* e 25 exemplares do *São Paulo Shimbun*. Segundo a proprietária, antigamente vendia 100 exemplares de cada um jornal dos dois jornais japoneses, somando 200 exemplares por dia. Na banca vende mais dois jornais chineses. Segundo ela, os jornais chineses não são tão vendidos quanto os japoneses. A banca recebe 35 exemplares em total dos dois jornais e vende cerca de 15 exemplares por dia. A proprietária revelou que os jornais brasileiros também não são muito vendidos na banca. Além dos jornais, a banca vende revistas e bastantes mangás, com um

estoque grande de diversos títulos.

Foi visitada uma banca na Rua Galvão Bueno, avenida principal do bairro da Liberdade que é cheia de lojas orientais e com muito movimento durante o dia. A banca situa-se na frente de mercados japoneses. A atendente da banca, que não é descendente de japoneses, respondeu que a venda dos jornais japoneses muda bastante dependendo do dia e vende mais na quinta feira. A atendente não sabia informar mais detalhes. Foi visitada mais uma outra banca, agora está situada na Rua da Glória que é paralela a rua Galvão Bueno. A banca situa-se na mesma quadra da sede do jornal *Nikkei Shimbun*. O proprietário da banca é descendente de japoneses e respondeu que vende cerca de 10 exemplares dos dois jornais japoneses por dia e na percepção dele, vende mais *Nikkei Shimbun* do que *São Paulo Shimbun*. As últimas duas bancas visitadas não ofereceram muita colaboração com a pesquisa e as informações obtidas foram restritas. As bancas visitadas na coleta das entrevistas são mostradas na figura abaixo.

FIGURA 3 - MAPA DO BAIRRO DA LIBERDADE E BANCAS VISITADAS



FONTE: A autora com base no *Google Maps* (2015)

3.8 Disposição dos materiais jornalísticos

É importante confirmar a disponibilidade das matérias jornalísticas dos jornais. No sítio oficial do *Nikkei Shimbun* é possível encontrar desde 2003 até o presente momento arquivos completos dos jornais em formato eletrônico. Pelo sítio, é possível acessar todos os artigos dos últimos nove anos dispostos pela data e também é fácil encontrar artigos específicos buscando por palavra-chave no sistema de procura do sítio. O *São Paulo Shimbun*, no entanto, não organiza os artigos no sítio por data, porém, podem ser encontrados utilizando o sistema de busca por palavra-chave.

Em relação ao arquivo impresso, ambos os jornais são arquivados na biblioteca da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social e no Arquivo Histórico da Imigração Japonesa, do Centro Minoru Otsuka do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil do bairro Liberdade de São Paulo, ambas estão localizadas no mesmo prédio, na Rua São Joaquim, 381. A biblioteca da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social tem os jornais publicados pelo *São Paulo Shimbun*, *Paulista Shimbun* e *Nippaku Mainichi Shimbun*, desde 1979. O *Nikkei Shimbun* está desde a sua criação, 1998. O arquivo do museu disponibiliza por ano de publicação praticamente todos jornais impressos dos jornais japoneses existentes no Brasil desde sua primeira publicação do primeiro jornal *Shûkan Nambei* de 1916 até os mais recentes, como o *Nikkei Shimbun* e o *São Paulo Shimbun*, no formato impresso e em micro-filme. Porém, dependendo do ano e dependendo do mês, alguns jornais antigos arquivados não estão completos e estão faltando alguns exemplares. A coleção dos jornais não foi feita de maneira sistemática. A biblioteca e o arquivo do museu estão abertas para o público de segunda a sábado.

III COBERTURA POLÍTICA DO *NIKKEY SHIMBUN* E DO *SÃO PAULO SHIMBUN*

1 Cobertura dos jornais japoneses na campanha eleitoral x candidatura dos descendentes de japoneses

1.1 Indagações sobre a cobertura política nos jornais japoneses

Os jornais japoneses sempre registraram os acontecimentos e pensamentos dos membros da comunidade japonesa em cada época. Na observação das matérias dos últimos jornais japoneses, entre outras matérias relacionadas à comunidade japonesa, na época das eleições, se destacam as notícias relacionadas à campanha eleitoral. À primeira vista, parece que os jornais estão apoiando algum ideal político ou um partido político, tendo certa posição política. Porém, podemos saber que há mais coisas além. Lendo cuidadosamente as matérias, foi observado que elas são restritas à campanha eleitoral de candidatos descendentes de japoneses ou de candidatos não descendentes que têm alguma ligação com a comunidade japonesa. Nestas matérias, o interesse dos jornais destacou a descendência japonesa e o relacionamento dos candidatos com a comunidade japonesa. As notícias divulgam a candidatura deles e apresentam seus perfis e a ligação com a comunidade. No processo de produção das matérias, deve existir a negociação de interesse dos jornais, dos candidatos nipo-brasileiros e dos leitores.

Corroborando a ideia de que as notícias feitas para a campanha eleitoral estão promovendo a votação dos leitores nos candidatos ao propagar as suas imagens, nesse ponto surge a pergunta: será que as matérias feitas pelos jornais japoneses estão promovendo a votação para determinados candidatos? Como vimos no capítulo anterior, a maioria dos leitores dos jornais japoneses pertence à primeira geração e não vota no Brasil por não ter nacionalidade brasileira, nesse sentido fica difícil relacionar a publicação das candidaturas nos jornais japoneses direto à questão de votação. Aqui encontramos a contradição. Para os

imigrantes existe alguma vantagem em fazer a leitura dessas matérias das candidaturas na campanha eleitoral? Qual seria a importância dessas matérias jornalísticas para a comunidade japonesa? Podemos considerar a possibilidade de que observar as notícias das campanhas eleitorais dos jornais japoneses poderia trazer uma nova visão para compreender as funções essenciais de jornais em língua estrangeira de comunidades imigrantes.

Considerando a aparente contradição, estabelecemos uma hipótese de que o conteúdo das notícias poderia ter não somente a característica comercial e política, mas a característica de unificação comunitária e de identificação étnica. Como vemos na história e no percurso dos jornais japoneses do Brasil, a maioria dos jornais não foi fundada para fins lucrativos. Pelo contrário, os jornais sempre foram fundados por idealistas da comunidade japonesa e mantidos com a clara visão de unir a comunidade e debater os assuntos comunitários. Pensando na formação dos jornais, é considerado que até na cobertura política os jornais podem buscar um sentimento coletivo dos leitores e a identificação da sua comunidade. A explicação encontra-se no fato de que a questão política não é apresentada de forma ideológica ou partidária, mas é apresentado em reforço à etnia, visto que as matérias não estão sendo lidas com importância à ideologia política ou aos partidos dos candidatos apresentados. As matérias são consumidas como forma de identificação de sua etnia. Temos as seguintes questões para esclarecer as perguntas levantadas acima: em relação aos candidatos, qual posição os jornais demonstram nas matérias? De que maneira as matérias podem ser percebidas pelos leitores?

1.2 Imigrações e sua participação política no Brasil

1.2.1 Políticos oriundos de comunidades étnicas

O historiador Boris Fausto (1995) explorou as conexões entre os imigrantes e a participação política no Estado de São Paulo durante a Primeira República (1889-1930).

Segundo ele, o ingresso de imigrantes na área política pode significar pelo menos duas coisas. Quando o ingresso se dá sem fortes vinculações orgânicas com a respectiva comunidade, indica um acentuado grau de inserção de uma determinada etnia na sociedade (FAUSTO, 1995). Para ele, o caso exemplar da primeira hipótese é o caso dos italianos, cujo sobrenome já não se diferencia mais dos sobrenomes nacionais, na percepção comum. A segunda hipótese é que o ingresso na política por parte dos imigrantes apresenta fortes vinculações com a respectiva comunidade, até mesmo incentivados pelas associações de prestígio da mesma. Em regra irão figurar, na sua atuação, como representantes da comunidade. Esta segunda hipótese indica a capacidade de inserção de uma etnia no universo sócio-político e, ao mesmo tempo, o esforço para conservar uma identidade separada (FAUSTO, 1995). A atividade que observaremos nas coberturas políticas dos jornais japoneses seria a segunda hipótese de Fausto. Fausto afirma que o melhor exemplo é o dos japoneses: “a aproximação do campo político variou de acordo com a etnia – os italianos vieram à frente, os japoneses bem mais tarde – e de acordo com as regiões do estado” (1995:10). Segundo ele, a aproximação começou nos níveis mais modestos, em uma escala que foi da esfera municipal à federal. A anterioridade dos descendentes de italianos explica-se ainda pelo fato de terem chegado ao Brasil a partir de 1870 enquanto os japoneses só começaram a chegar em 1908.

Fausto (1995) perguntou por que investir no campo político, com todas as suas incertezas e resistências, se existia uma área de atividades econômicas cheia de possibilidades? Como hipótese, Fausto (1995) considera que em um país onde a cidadania é, na prática, direito de poucos, surge a necessidade de contar com a proteção dos políticos e, se possível, penetrar no mundo da política, a fim de alcançar vários objetivos: alguns, modestos, como a nomeação para um cargo público de pouca expressão; outros, mais altos, como a legalização da posse de terras, a obtenção de transportes, energia e valorização da propriedade. Para Fausto (1995), pela parte do imigrante, a aproximação ao mundo da política está

associada a sua inserção na sociedade receptora e a sua mobilidade social ascendente. Assim, o ingresso dos imigrantes na área política é um tema muito importante para observar a integração dos mesmos na sociedade receptora.

1.2.2 Breve história de políticos descendentes de japoneses no Brasil

Surgimento do interesse político na comunidade japonesa e o aparecimento dos políticos de ascendência japonesa

Segundo Miyao (1980), era menor o interesse da comunidade japonesa pela política no Brasil, pois como estrangeiro o imigrante não tinha direito a voto e, mesmo no Japão, o direito a voto foi conferido ao povo somente depois de 1925. Os imigrantes japoneses começaram a se interessar pela política brasileira somente após a definição da permanência no Brasil, e os seus descendentes, a partir da década de 1950, quando muitos deles tornaram-se eleitores e despertaram-se para a política (MIYAO, 1980).

Segundo Sakurai (1995), os primeiros sobrenomes de origem japonesa começaram a surgir nas listas de candidatos a cargos eletivos no Brasil após a Segunda Guerra Mundial, a partir de 1947, ano em que o primeiro descendente de japoneses foi eleito para a Câmara dos Vereadores de São Paulo e também a primeira vez que um representante de origem japonesa era eleito fora do Japão. Na percepção de Sakurai, a entrada na política de descendentes japoneses, após apenas quatro décadas da chegada dos primeiros imigrantes no Brasil, foi relativamente rápida.

Os primeiros eleitos eram graduados pela Faculdade de Direito de São Paulo (MIYAO, 1980). Na época a educação foi entendida como um dos poucos caminhos para que o imigrante e seus descendentes pudessem avançar na escala social. Em 1939, forma-se o

primeiro descendente de japoneses da segunda geração na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (SAKURAI, 1995). Na década de 1940, aumenta o número de formados em faculdades consideradas mais importantes, como a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, a Faculdade de Medicina e Escola Politécnica, todas da Universidade de São Paulo (SAKURAI, 1995). Os estudantes universitários e a geração um pouco mais jovem, formada por secundaristas, compõem um grupo específico no interior da colônia. Sakurai (1995) explica que neste ambiente os jovens com anseios e problemas comuns começaram a discutir a sua situação peculiar, salientando que a situação social em que viviam não era aquela imaginada por seus pais. Ao mesmo tempo, começaram a preocupar-se e a interessar-se pelos problemas nacionais do Brasil.

Em São Paulo surgiu um forte movimento universitário nascido nas salas de aula da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, tradicionalmente progressista e antigetulista, como resposta à Constituição de 1934 (LESSER, 2001). Neste clima, em 1934 foi organizada a Liga Estudantina Nipo-Brasileira, que tinha como objetivo a troca de ideias e a confraternização dos estudantes descendentes de japoneses visando promover o lugar do *nikkei* na sociedade brasileira (SAKURAI, 1995). Um dos fundadores da organização foi José Yamashiro, que posteriormente se tornou membro do *Doyôkai*. A Liga publicava o jornal mensal *Gakusei* (Estudante) que circulou entre 1935 e 1937, e a revista *Transição*, que circulou entre 1939 e 1941, ano da entrada do Japão na Segunda Guerra Mundial (SAKURAI, 1995). Também publicou o *Gakuyu* (Colega), em língua japonesa, que atingiu uma tiragem de mais de dois mil exemplares enquanto a do *Gakusei* era de quinhentos exemplares (LESSER, 2001). Segundo Lesser (2001), *Gakusei* foi a primeira manifestação pública de uma cultura hifenizada que era simultaneamente brasileira na nacionalidade e japonesa na etnicidade, sugerindo uma tentativa de negociação da identidade. Foram publicações que divulgavam o sentimento de brasileiros cuja missão era a harmonização de duas civilizações entre o Oriente

e o Ocidente: “a fusão, num ideal de mútua compreensão, das qualidades inerentes de cada uma. Enfim, brasileiros cômicos e orgulhosos de sua terra e de seu país” (*Transição*, jun. 1939, nº 1, in Cehijb, 1992: 176-177). José Yamashiro se tornou o editor-chefe do *Gakusei* em 1937, quando as novas leis exigiam que as publicações estrangeiras fossem traduzidas para o português (LESSER, 2001). Assim, podemos considerar que entre os jovens descendentes de japoneses na região urbana existia um clima de repensar sobre a situação da sua comunidade dentro da sociedade brasileira, sua cultura e identidade hifenizada sendo estimulado pelo movimento nacionalista que aumentava na época, e, ao mesmo tempo, toda esta situação enfrentada por esses jovens despertou seu interesse de participação na sociedade nacional.

A entrada dos descendentes de japoneses na vida política estava ligada ao contexto que envolveu a trajetória de membros da comunidade no Brasil. No final da década de 1940, após a campanha de nacionalização do Estado Novo, havia a necessidade do fortalecimento da imagem dos japoneses junto à sociedade brasileira e mesmo dentro da própria comunidade (SAKURAI, 1995). Segundo Sakurai (1995), com efeito, os japoneses enfrentavam problemas políticos pela diferenciação racial, cultural e social e a comunidade japonesa necessitava “limpar” sua imagem. A participação na política começou a fazer parte de um movimento amplo, empreendido pela comunidade japonesa a partir do início da década de 1950 (SAKURAI, 1995).

Segundo Sakurai (1995), os primeiros políticos descendentes de japoneses tentaram mostrar para as autoridades brasileiras, com a presença dos japoneses na arena política, que os imigrantes e descendentes não eram mais inassimiláveis. Eles procuravam se organizar no sentido de marcar sua posição como membros da sociedade brasileira, apesar das discriminações que haviam e que continuavam a sofrer (SAKURAI, 1995). Na percepção de Sakurai, para a comunidade japonesa “era o momento de ganhar visibilidade social, sair da atitude defensiva de até então, passando a usufruir de um canal legítimo de defesa de seus

interesses” (1995:145). Enquanto os jovens descendentes de japoneses despertavam seu interesse na questão nacional e visavam a participação na sociedade brasileira, a própria comunidade japonesa precisava de um suporte político para se estabelecer no Brasil. Podemos ver que havia interesse dos dois lados, as ideias do grupo de jovens descendentes e da comunidade japonesa coincidiam.

Nas entrevistas feitas por Sakurai (1995) com os primeiros políticos nipo-brasileiros, Yukishigue Tamura, João Sussumu Hirata, Yoshifumi Utiyama e Diogo Nomura, foi mostrado que todos eles tiveram em mente a missão de “elevar o nome da colônia”. Analisando a trajetória dos primeiros políticos, foi observado que essa missão demonstrava a necessidade de consolidar a unidade interna da comunidade japonesa e, para isso, era necessário também abrir caminho na sociedade brasileira (SAKURAI, 1995). Com o passar do tempo eles começaram a ser procurados por representantes da comunidade, para que tentassem defender seus interesses. Foram realizados projetos voltados para a agricultura e os hortifrutigranjeiros, campos em que os imigrantes estavam se notabilizando (SAKURAI, 1995).

1.3 Eleição dos políticos nipo-brasileiros: apoio da comunidade imigrante

Ainda segundo Sakurai, “os primeiros deputados descendentes de japoneses eleitos no Brasil podem ser caracterizados como ‘candidatos étnicos’, com sua base de apoio praticamente restrita à colônia” (1995: 129). Pelo trabalho de Miyao (1980), o comportamento político da comunidade japonesa resumiu-se em três períodos: 1) período de completo desinteresse pela política brasileira, antes e depois da guerra mundial até 1948; 2) período em que os descendentes de japoneses conseguem eleger os representantes com seu próprio voto, de 1948 até 1974; 3) após 1974, generalizados os votos, mesmo um político nipo-brasileiro não mais poderia ser eleito com os votos exclusivos da comunidade japonesa. Miyao escreve

a situação da eleição na comunidade antes de 1974.

Os candidatos nipo-brasileiros às assembleias e legislativos e Câmara Federal procuravam para base eleitoral os núcleos concentrados de japoneses e seus descendentes e, quando eleitos, retribuíam favores ao líder local em sinal de reconhecimento. Isso era forma comum. Os candidatos dependiam dos votos de nipo-brasileiros, resultando daí empenharem-se mais como representantes de interesses da comunidade nipo-brasileira do que propriamente de interesses distritais ou regionais. (MIYAO, 1980: 97)

Sakurai (1995) comparou a distribuição geográfica da população de origem japonesa na cidade de São Paulo e os votos da população de origem japonesa por distrito da capital na eleição de 1962. Mostrou que se pode deduzir a quantidade dos votos vindos dos descendentes de japoneses a partir da comparação entre a concentração de descendentes e por local de residência e a votação obtida pelos candidatos. Em sua pesquisa, demonstrou o peso da comunidade na eleição de seus representantes: a grande maioria dos votos tinha vindo da população de origem japonesa.

FIGURA 4- TABELA DOS VOTOS DA POPULAÇÃO DE ORIGEM JAPONESA
POR DISTRITO DA CAPITAL NA ELEIÇÃO DE 1962 FEITA POR SAKURAI

Tabela dos votos da população de origem japonesa por distrito da capital — 1962								
Distritos	Tamura		Utiyama		Hirata		Nomura	
	A	B	A	B	A	B	A	B
Acimação	76,5	2,7	13,1	0,5	24,8	0,9	15,3	0,5
Bela Vista	54,6	0,9	11,1	0,2	26,7	0,3	10,2	0,2
Ibirapuera	3,3	0,9	1,8	0,5	3,9	1,1	0,5	0,1
Indianópolis	30,2	1,1	60,1	2,1	20,1	0,7	40,0	0,2
Liberdade	53,5	6,9	11,4	1,5	17,0	2,2	7,7	1,0
São Amaro	26,3	1,8	4,4	0,3	11,1	0,8	2,0	0,1
Sé	39,1	4,3	8,1	0,9	9,7	1,1	12,6	0,5
V. Mariana	43,6	1,7	10,6	0,4	17,4	0,7	7,9	0,3
Itapeceira	7,2	*	0,6	*	3,0	*	*	*
Casa Verde	14,0	1,5	1,3	0,1	2,1	0,2	0,7	0,1
Consolação	61,9	0,9	17,8	0,2	8,9	0,1	4,8	0,1
Lapa	18,7	0,6	2,2	0,1	9,0	0,3	2,2	0,1
Perdizes	18,8	0,6	2,4	0,1	4,3	0,1	1,4	0,0
S. Cecília	51,7	0,7	6,0	0,1	15,8	0,2	6,4	0,0
Tucuruvi	10,3	1,4	1,3	0,2	1,9	0,3	0,8	0,1
A. da Moóca	21,8	1,2	2,6	0,1	4,9	0,3	0,7	0,0
Brás	44,5	1,7	4,4	0,2	9,5	0,4	3,0	0,1
Pari	57,8	1,0	6,6	0,1	14,5	0,3	3,5	0,1
V. Maria	30,1	0,7	4,1	0,1	3,9	0,1	1,3	0,0
Belém	40,8	0,9	6,5	0,1	6,7	0,2	1,6	0,0
Moóca	76,6	0,9	6,0	0,1	16,2	0,2	3,2	0,0
Itaquera	12,0	5,4	1,6	0,7	2,8	1,2	0,6	0,3
Penha	19,0	1,1	2,7	0,2	5,2	0,3	0,5	0,0
Santana	32,4	1,0	5,6	0,2	7,4	0,2	1,8	0,1
S. Miguel	30,4	2,4	3,5	0,3	3,5	0,3	0,2	0,0
Tatuapé	9,8	1,0	2,1	0,2	2,8	0,3	0,5	0,1
V. Matilde	13,4	1,3	2,5	0,2	2,7	0,3	0,1	0,0
Butantã	20,2	4,3	4,4	0,9	8,2	1,7	2,6	0,5
J. América	26,6	0,9	7,5	0,2	14,0	0,4	0,6	0,1
J. Paulista	31,0	0,7	8,6	0,2	8,7	0,2	0,6	0,1
Pirituba	20,9	1,1	*	*	2,2	0,1	0,3	0,0
V. Madalena	26,7	2,9	5,0	0,5	10,5	1,1	3,0	0,3
Barueri	16,8	*	*	*	1,8	*	2,7	*
Cotia	10,6	*	0,8	*	2,2	*	0,2	*
Mairiporã	17,0	*	0,9	*	3,5	*	0,0	*
Osasco	28,6	*	4,6	*	7,5	*	0,7	*
Cambuci	31,5	2,1	*	*	6,9	0,5	3,2	0,2
Ipiranga	23,4	2,2	4,5	0,4	6,9	0,6	1,9	0,2
Saúde	23,6	3,4	0,2	0,0	9,0	1,3	4,0	0,6
V. Prudente	22,4	2,4	1,2	0,1	2,0	0,2	0,4	0,0
Bom Retiro	8,1	1,4	0,1	*	2,0	0,1	0,9	0,0

A: Porcentagem dos votos sobre a população japonesa do distrito.
B: Porcentagem dos votos sobre o eleitorado que participou da eleição de 1962 no distrito.
*: Sem informações.
Os dados da população japonesa referem-se ao censo de 1958.
Fontes: SUZUKI, 1969; TRE-SP.

FONTE: Livro “Imigração e política em São Paulo” (1995, p.160)

Segundo Miyao (1980), esta situação persistiu até a década de 1970, mas mudou a partir das eleições de 1974. Nas eleições, fracassaram os candidatos que eram mais conhecidos na coletividade e que recebiam os votos da comunidade japonesa para se elegerem deputados estaduais e federais. Ele explica que em seu lugar assumiram os candidatos novos, menos conhecidos na comunidade japonesa, que colheram mais votos de brasileiros em geral.

Na visão de Miyao (1980), a partir de 1974, ser representante da comunidade perdeu o significado, por outro lado, os eleitores da segunda e terceira geração tornaram-se mais conscientizados da política do Brasil. Ele analisa o contexto eleitoral dos descendentes como um indicador de relacionamento com a sociedade brasileira:

Aqueles que conseguiram eleger-se sucessivamente como deputados estaduais ou federais foram fruto do bom relacionamento na sociedade brasileira, mantendo também suas bases eleitorais fora da coletividade nipo-brasileira. Isto quer dizer que os políticos de ascendência japonesa somente depois de 25 anos de participação política conseguiram ter sua posição de políticos. (MIYAO, 1980: 97-98)

Segundo o contexto explicado por Miyao, podemos interpretar resumidamente que antes de 1974 os políticos descendentes de japoneses representavam mais a comunidade japonesa do que a sociedade brasileira geral, dependiam do voto da comunidade para serem eleitos, porém, a segunda e terceira geração começou a perder o interesse nos representantes da comunidade, e os candidatos descendentes não conseguiam mais obter os votos necessários para se elegerem. Nesta discussão, pretendemos utilizar o termo “voto da comunidade japonesa”, e não “voto de descendentes de japoneses”, por mais que a votação fosse feita pelos descendentes, era considerado como um movimento ou um tipo de campanha junto à primeira geração, que não tinha o direito de votar. Precisamos considerar a influência dos pais, primeira geração, nos filhos nascidos no Brasil. Porém, com o passar do tempo as bases eleitorais que sustentavam os políticos descendentes de japoneses mudaram e ganharam mais votos de brasileiros em geral e menos votos da comunidade japonesa, e na visão de Miyao esta transferência das bases eleitorais tem ocorrido acompanhado o nível de participação dos políticos descendentes na sociedade brasileira.

Baseado nos dados obtidos pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, Miyao montou tabelas comparativas com o número total de prefeitos, vice-prefeitos e vereadores eleitos no

Estado de São Paulo, nos anos de 1950-1980 e no ano de 1976 em relação ao número de descendentes de japoneses eleitos nos mesmos cargos.

TABELA 2 – NÚMERO DE PREFEITOS, VICE-PREFEITOS E VEREADORES DO ESTADO DE SÃO PAULO DE BRASILEIROS E DE NIPO-BRASILEIROS, E A PORCENTAGEM DE NIPO-BRASILEIROS EM RELAÇÃO OS BRASILEIROS NO PERÍODO DE 1950-1980

CARGO	BRASILEIRO	NIPO-BRASILEIRO	%
Prefeito	3.663	28	0,8
Vice-prefeito	3.293	70	2,1
Vereador	44.987	862	1,9

FONTE: Miyao Sussumu (1980)¹⁸

TABELA 3 – NÚMERO DE PREFEITOS, VICE-PREFEITOS E VEREADORES DO ESTADO DE SÃO PAULO DE BRASILEIROS E DE NIPO-BRASILEIROS, E A PORCENTAGEM DE NIPO-BRASILEIROS BRASILEIROS EM RELAÇÃO OS BRASILEIROS ELEITOS NA ELEIÇÃO DE 1976

CARGO	BRASILEIRO	NIPO-BRASILEIRO	%
Prefeito	561	7	1,3
Vice-prefeito	551	18	3,3
Vereador	5.897	148	2,5

FONTE: Miyao Sussumu (1980)¹⁹

Comparando as duas tabelas e vendo os números exatos de políticos descendentes de japoneses e sua porcentagem entre os demais políticos, podemos perceber que a participação de descendentes na política brasileira estava aumentando gradualmente da década de 1950 para o final da década de 1970. Miyao (1980) observa, considerando que a proporcionalidade populacional da coletividade no Estado de São Paulo era 2,32% na década de 1970, que politicamente a comunidade japonesa começava a alcançar o nível geral. De 1908 a 1941, entraram 189 mil japoneses, 80% do fluxo total de japoneses ao Brasil. A era da imigração japonesa em massa terminou no início da década de 1970, segundo Saito (1977), até 1976 entraram no total 247,537 japoneses no Brasil. Segundo uma pesquisa realizada em 1987,

¹⁸ Os dados foram obtidos pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.

¹⁹ Os dados foram obtidos pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.

Pesquisa da População de Descendentes de Japoneses Residentes no Brasil (1988), havia cerca de 828 mil descendentes de japoneses, incluindo mestiços, residentes no estado de São Paulo, que representam 70,8% do total de descendentes de japoneses no Brasil, cujo número foi estimado através de amostragem. Observando o crescimento do número de descendentes de japoneses na época, depois do fim da imigração japonesa em massa, podemos considerar que a participação dos descendentes de japoneses na política, como mostrada nas tabelas, era um fenômeno socialmente estabelecido, envolvendo um grande número de eleitores descendentes. Segundo Miyao (1980), havia mais políticos nipo-brasileiros no estado de São Paulo e no estado do Paraná, lugares onde tiveram a maior concentração de imigrantes japoneses e seus descendentes.

1.4 Surgimento dos candidatos descendentes de japoneses nos jornais japoneses

Considerando as primeiras candidaturas e as obtenções de cargos representativos de descendentes de japoneses observadas por Miyao (1980) e Sakurai (1995), suas candidaturas e a nova posição dentro da sociedade brasileira deveriam ser uma grande novidade para a comunidade japonesa. Um ponto a ser ressaltado é que o ressurgimento dos jornais japoneses no pós-guerra, *São Paulo Shimbun* em 1946 e *Paulista Shimbun* em 1947, coincidiu com a primeira candidatura e a eleição dos primeiros políticos nipo-brasileiros em 1947, conforme analisado por Sakurai (1995). Com a volta dos jornais no pós-guerra, novas discussões foram trazidas para a vida da comunidade japonesa.

Ao investigar sobre as publicações dos primeiros candidatos nipo-brasileiros nos jornais japoneses do Brasil, foram encontradas seguintes propagandas eleitorais dos candidatos para deputado estadual de São Paulo, Keize Harada e Yukishigue Tamura, publicadas no jornal *Paulista Shimbun* no dia 14 de janeiro de 1947. A propaganda de Harada,

que se candidatou pelo Partido Trabalhista Brasileiro, se destaca com o título escrito em letras grandes, “peço pelos votos preciosos dos *nisseis* (segunda geração)!!”. A propaganda apresenta que o candidato é advogado e original da área rural, tendo a proposta de criar a providência social para agricultores, construir escolas em áreas rurais e melhorar o transporte da área rural. A propaganda do Tamura, que se candidatou do Partido Democrata Cristão, apresenta quatro declarações do candidato: 1. construção da democracia através da educação cristã do povo, 2. promoção do avanço social e integração mental dos nipo-brasileiros na sociedade brasileira, 3. desenvolvimento das áreas rurais através da difusão da educação fundamental e do curso profissional de agricultura, 4. estabelecimento da economia rural utilizando orientação técnica e pela difusão de cooperativas. É interessante observar que o Tamura tinha levantado a questão da integração dos nipo-brasileiros na sociedade brasileira como uma das declarações da candidatura. Provavelmente foram os primeiros candidatos nipo-brasileiros na eleição brasileira e as primeiras propagandas eleitorais nos jornais japoneses.

FIGURA 5- PROPAGANDAS ELEITORAIS DE KEIZE HARADA E YUKISHIGUE TAMURA PUBLICADAS NO *PAULISTA SHIMBUN* NO DIA 14 DE JANEIRO DE 1947



FONTE: Autora (2015)

A votação ocorreu no dia 19 de janeiro de 1947 e o resultado foi divulgado no dia 10 de março. O *Paulista Shimbun*, no dia 12 de março, noticiou a derrota do candidato Tamura dentro de um artigo sobre a notícia da eleição do governador de São Paulo, com o sub-título em destaque “Candidato Tamura perde. Resultado da eleição para deputado estadual.” A maior parte do artigo narrou sobre o novo governo, e sobre o candidato em questão, foi mencionado no final utilizando apenas a frase: “Candidato da segunda geração, Tamura perdeu por uma pequena margem.” O artigo não menciona o resultado do outro candidato Harada, porém, segundo o Almanaque da Imigração Japonesa do Brasil e da Comunidade Japonesa (1996), a eleição de Harada foi anulada por causa da falta de registro do candidato na justiça eleitoral.

Foi o ano de 1947 que provavelmente surgiram primeiros candidatos nipo-brasileiros a cargos eletivos no Brasil e que também foram eleitos. Após os primeiros candidatos nipo-brasileiros a cargos eletivos na eleição estadual de São Paulo, em janeiro, houve candidatos nipo-brasileiros eleitos para vereador de vários municípios paulistanos na eleição municipal realizada em novembro do mesmo ano. Segundo o artigo do *Paulista Shimbun* do dia 18 de outubro de 1947, “Eleição animada para vereadores de São Paulo. Bastantes candidatos descendentes de japoneses!”, muitos descendentes de japoneses se candidataram na eleição municipal em municípios do interior. O artigo conta que o advogado Yukishigue Tamura candidatou para o cargo de vereador de São Paulo depois de engolir a derrota na eleição passada para deputados estaduais de São Paulo.

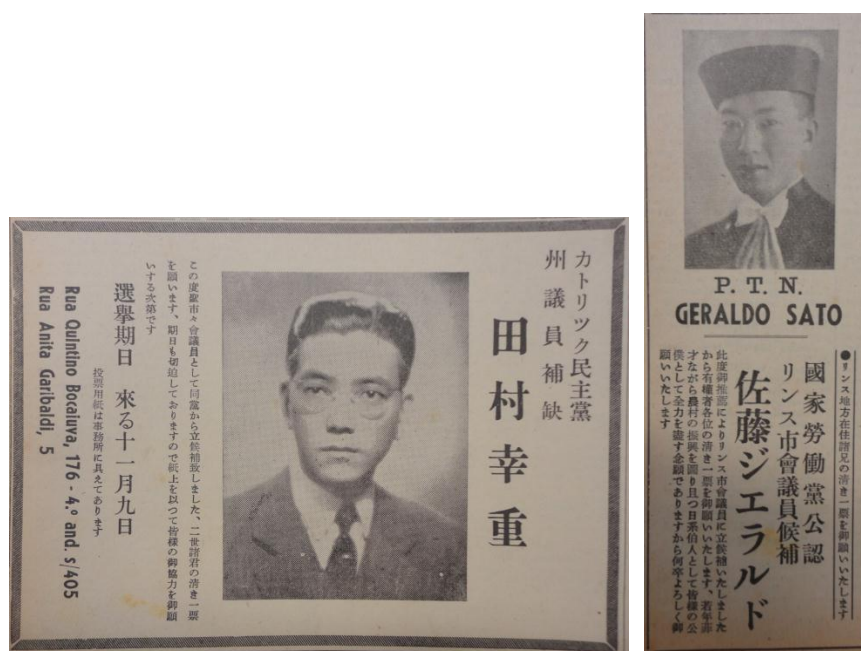
O *Paulista Shimbun* do dia 19 de novembro de 1947 lançou o artigo “Candidatos descendentes de japoneses ficam na frente. Que pomposo! Chegam a 20 o número de eleitos.” O artigo contou 17 descendentes de japoneses eleitos no ano, nas seguintes localidades do Estado de São Paulo: Heiko Fukuchi (Itanhaém), José Higa (Itanhaém), Toshimatsu Miyashiro (Miracatu), Ryugo Maechi (Registro), Makoto Matsuzawa (Registro), José

Miyahira (Cedro), Joaquim Miyashiro (Biguá), Yamashita (Álvares Machado), Oishi (Prudente), Paulo Imamura (Araçatuba), Yasumasa Hirata (Promissão), Geraldo Sato (Lins), Taneo Miura (Lins), Arlindo Aoki (Cafelândia), Jon Taroura (Garça), Tadafumi Harada (Juqueri) e Luigi Kanegae (Tremembé). Segundo o artigo, além dos eleitos citados acima, havia mais cinco ou seis candidatos nipo-brasileiros que provavelmente seriam eleitos.

Segundo o artigo do *Paulista Shimbun* do dia 14 de novembro de 1947, o Yukishigue Tamura foi o único candidato descendentes de japoneses para vereador de São Paulo e o artigo do *Paulista Shimbun* do dia 26 de novembro, do mesmo ano, titulado “Pena que o candidato Tamura perdeu” contou que o candidato não conseguiu se eleger, obtendo 1463 votos e ficando em quarto lugar dentro do Partido Democrata Cristão. Porém, segundo o Almanaque da imigração japonesa do Brasil e da comunidade japonesa (1996), Tamura conseguiu o cargo de suplente e tornou-se vereador de São Paulo em janeiro de 1948.

Na eleição municipal também foram lançadas as propagandas eleitorais. O anúncio de Tamura publicado no dia 11 de outubro no *Paulista Shimbun* comunica: “Gostaria de contar com o seu precioso voto de *nisseis* (segunda geração). A data de eleição está chegando e gostaria de pedir a sua colaboração.” O anúncio de Geraldo Sato, que candidatou a vereador de Lins, publicado no dia 25 de outubro pede votos: “Gostaria de contar com o seu precioso voto de irmãos de Lins. (...) Mesmo sendo novo tentarei promover a agricultura e fazer o máximo possível no cargo público como um nipo-brasileiro.”

FIGURA 6- PROPAGANDAS ELEITORAIS DE YUKISHIGUE TAMURA E DE GERALDO SATO PUBLICADAS NO DIA 11 DE OUTUBRO E NO DIA 25 DE OUTUBRO DE 1947 NO *PAULISTA SHIMBUN*



FONTE: Autora (2015)

Depois da eleição foram publicados anúncios de agradecimento aos eleitores dos candidatos eleitos. Um exemplo é o anúncio de Yasumasa Hirata, eleito a vereador de Promissão, publicado no dia 19 de novembro. O anúncio explica: “Conseguí me eleger graças ao imenso apoio de todos os senhores e gostaria de agradecer muito. Gostaria de dedicar na confraternização da comunidade de nipo-brasileiros, assim, peço-lhes que continuem a me encorajar com a sua orientação.”

Observando as propagandas e matérias eleitorais publicadas no *Paulista Shimbun* nas duas eleições de 1947, cujo ano é considerado o primeiro ano em que os nipo-brasileiros se candidataram a cargos eletivos no Brasil, surge uma dúvida: o ano foi realmente o primeiro ano em que os nipo-brasileiros se candidataram a cargos eletivos no Brasil, pois muitas pessoas se candidataram e foram eleitos logo na primeira candidatura? O resultado da eleição dos nipo-brasileiros nos dá impressão de que já tiveram candidatos nipo-brasileiros em pleitos anteriores à eleição de 1947. O *São Paulo Shimbun* em outubro de 1946 foi o primeiro jornal

japonês a ser editado depois da Segunda Guerra Mundial, porém, não foi encontrado o *São Paulo Shimbun* de 1946 e 1947 no Arquivo Histórico da Imigração Japonesa do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil. Assim, o jornal *Paulista Shimbun* de 1947 é o jornal japonês mais antigo após a Segunda Guerra Mundial disponível no arquivo. Pela falta de jornais japoneses durante a proibição da circulação do período da guerra, não pudemos obter mais informações sobre a eleição de candidatos nipo-brasileiros antes de 1947.

Um fato interessante foi que no *Paulista Shimbun* de 1947, além dos candidatos nipo-brasileiros, foram encontrados nos classificados alguns anúncios de candidatos não descendentes de japoneses como o de Otávio Fonseca, publicado no dia 5 de novembro e de Orlando de Almeida Prado, publicado no dia 8 de novembro. Os anúncios foram escritos em japonês, porém eles não mencionaram a comunidade japonesa e também não pediram o apoio especificamente voltado aos nipo-brasileiros. Otávio Fonseca foi apresentado como ex-chefe de uma associação de pesquisa da cultura nipo-brasileira. Podemos observar que o espaço de classificados do jornal era utilizado também por brasileiros não descendentes de japoneses na campanha eleitoral.

FIGURA 7- PROPAGANDAS ELEITORAIS DE OTÁVIO FONSECA E ORLANDO DE ALMEIDA PRADO PUBLICADAS NO DIA 5 DE NOVEMBRO E NO DIA 8 DE NOVEMBRO DE 1947 NO *PAULISTA SHIMBUN*



FONTE: Autora (2015)

Desde os primeiros candidatos nipo-brasileiros, até os atuais candidatos, suas candidaturas são noticiadas nos jornais japoneses. Segundo a descrição de Handa (1987), durante os preparativos para os festejos do quarto centenário da fundação de São Paulo, quando se discutia sobre as atividades que as associações da comunidade poderiam realizar durante o ensejo foi escrito um artigo no *Paulista Shimbun* no dia 27 de setembro de 1952, intitulado “O que espero dos políticos *nisseis* (segunda geração)”. O artigo do *Paulista Shimbun* apresentava que os políticos *nisseis* deveriam pensar nos problemas da comunidade japonesa pela óptica de cidadãos brasileiros. O *Paulista Shimbun*, no dia 23 de outubro de 1954, noticiou que Yukishigue Tamura, com 18.923 votos, se tornou o primeiro deputado federal nipo-brasileiro, ficando no décimo terceiro lugar no seu partido, PSD-PR.

Após uma década da primeira candidatura de descendentes de japoneses, na eleição estadual de 1958, podemos encontrar notícias como o seguinte exemplo: no dia 16 de julho, uma notícia do jornal *Nippaku Mainichi Shimbun* teve como título “Mais um candidato para deputado estadual. Paulo Nakamura candidata” como na figura 8 abaixo. Noticia-se aí que o ex-vereador de Santos, Paulo Nakamura é candidato a deputado estadual de São Paulo pelo partido PTB. Foram colocados os compromissos do candidato: 1. Promoção de valor de produtos agrícolas, 2. Isenção de imposto de compra e venda de cesta básica, 3. Incentivo aos esportes amadores, 4. Melhoria da higiene na zona rural. Os compromissos estavam destinados aos interesses da comunidade japonesa, na época, composta em maior parte por imigrantes agricultores.

FIGURA 8- ARTIGO DO NIPPAKU MAINICHI SHIMBUN DO DIA 16 DE JULHO EM 1958



FONTE: Autora (2015)

Assim, podemos observar que logo após a Segunda Guerra Mundial, os nipo-brasileiros estavam se candidatando a cargos públicos nas eleições brasileiras e desde a reedição dos jornais japoneses após a guerra até os últimos anos, as notícias sobre eles têm sido produzidas frequentemente no período da campanha eleitoral.

2 Análise de cobertura da campanha eleitoral do *Nikkei Shimbun* e do *São Paulo Shimbun*, 1998-2014

2.1 Materiais de análise e métodos

✓ Estabelecimento dos anos e períodos de observação e coleta de matérias

Mesmo que em anos anteriores já tivessem sido produzidos bastante materiais jornalísticos ligados às campanhas eleitorais e esses estejam disponíveis ao público, nesta pesquisa o período de coleção das matérias jornalísticas foi feita de 1998, ano da criação do *Nikkei Shimbun*, até 2014. A escolha foi feita tendo como principal razão a de que os leitores dos jornais atuantes são os únicos objetos acessíveis para se comunicar com o objetivo de coletar entrevistas e de realizar a comparação entre a produção jornalística feita e a percepção dos leitores, simultaneamente. Enquanto em relação às notícias feitas nos jornais antigos, inclusive no *Paulista Shimbun* e no *Nippak Mainichi Shimbun*, poderíamos prever qual a relação que tiveram com os leitores da época induzindo o resultado desta pesquisa. A coleta de matérias para a análise foi feita aleatoriamente nos anos de eleição a partir de 1998.

Nesse trabalho, foi observada somente a cobertura feita nas páginas produzidas pela equipe de cobertura da comunidade japonesa. Foi eliminada a página de notícias nacionais do Brasil, feita pela tradução, pois ela não informa ou discute as campanhas eleitorais dos candidatos descendentes de japoneses. Uma outra razão para eliminar esta página é o fato de que ela somente reproduz as notícias das mídias brasileiras em língua japonesa e não transmite a opinião e a posição do jornal.²⁰

A observação da cobertura do jornal foi baseada nas campanhas eleitorais desenvolvidas nas últimas eleições gerais e municipais de 1998 até 2014. O período de observação é a partir de 1º de julho até a segunda semana de outubro, final do primeiro turno

²⁰ Os jornalistas tradutores selecionam notícias nacionais a serem traduzidas.

das eleições. O período de observação foi estabelecido porque é no primeiro turno que são eleitos deputados e vereadores e, além do mais, houve poucos candidatos descendentes de japoneses a cargos executivos que disputaram o segundo turno nesses anos. A coleta de matérias do *Nikkei Shimbun* foi baseada no arquivo online onde estão disponíveis todos os jornais a partir de 2003 até o presente momento, enquanto os jornais antes de 2003, foram acessados no arquivo impresso do museu e da biblioteca. Em relação ao *São Paulo Shimbun*, seu *website* não possui um arquivo completo com os jornais antigos e não é facilitado o acesso aos artigos por data. Dada esta razão, a coleta de matérias do *São Paulo Shimbun* foi baseada no arquivo impresso do museu e da biblioteca, além disso, foram coletadas algumas matérias *online* aleatoriamente.

✓ Tradução das matérias e métodos de análise de conteúdo

Como as matérias são escritas em língua japonesa, a análise de conteúdo foi desenvolvida a partir da tradução feita por nós mesmos. No processo de tradução de japonês para português presamos para manter a fidelidade com o conteúdo original. Em relação às expressões e vocábulos japoneses emprestados ou derivados da língua portuguesa do *Colônia-go*, tentamos utilizar as expressões e os vocábulos originais em português.

Para analisar a maneira de transmitir e saber a posição do jornal, o conteúdo das matérias foi classificado em imagem positiva, imagem negativa e imagem neutra. Categorizando imagens, a “valência” propõe a discussão sobre o papel do jornal na formação da imagem (CERVI; MASSUCHIN, 2013). Desta forma, o principal critério para identificar a valência da matéria em relação a cada candidato procura esclarecer se o texto beneficia ou prejudica sua candidatura (CERVI; MASSUCHIN, 2013). A imagem positiva é dada a textos favoráveis às declarações ou manifestações dos candidatos e/ou às suas campanhas. A imagem

negativa, por sua vez, é para textos que reproduziam críticas ou ataques do autor ou de terceiros a respeito da atuação do candidato, de suas propostas e campanha. A imagem neutra é o caso de não ser classificado em nenhuma das imagens, positiva e negativa.

Para analisar a linguagem das matérias, demos atenção ao uso de certos termos e observamos com cuidado os trechos em que os autores demonstraram sua empatia aos objetos da matéria, ao mesmo tempo, observamos o destaque nos comentários dos entrevistados feito pelas redações. Para esta observação, foi adotada a análise de símbolo demonstrada por Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi (1996). Foram observados alguns determinados termos simbólicos referidos nas matérias que enfatizam a imagem-marca de candidatos nipo-brasileiros, tais como “imigração japonesa”, “comunidade”, “colônia”, “descendente”, “identidade”, “origem” etc. Além da linguagem jornalística, também foram observados nas matérias os pensamentos de políticos nipo-brasileiros e de leitores com o objetivo de tentar abordar a relação entre políticos nipo-brasileiros, redação dos jornais e leitores.

Vemos que os jornais produzem diversas matérias ligadas à campanha eleitoral, além de apresentação simples dos candidatos. Para abordar a posição dos jornais e analisar a sua produção jornalística, as matérias foram observadas e separadas por temas.

2.2 Observação de matérias jornalísticas

2.2.1 Matérias elaboradas e sua linguagem

Apresentação das candidaturas: eleições gerais e municipais

As matérias eleitorais mais encontradas no *Nikkei Shimbun* e no *São Paulo Shimbun* são relacionadas às candidaturas dos descendentes de japoneses. Na eleição geral de 1998, o *São Paulo Shimbun* publicou, no dia 20 de agosto, um artigo sobre o candidato Hatiro

Shimomoto com o título: “Contribuição para a colônia japonesa também é sua missão. Grande esperança no braço do veterano. Deputado Estadual Shimomoto visa ganhar sua sétima eleição. Ardente apoio da colônia.” (Tradução)²¹ O artigo explicou que o candidato ajudava ativamente as associações japonesas de previdência social e mostrou quanto ele já doou para as associações e quantos subsídios do governo estado ele conseguiu para elas. Para fechar a matéria, foi colocado um comentário do presidente de uma associação japonesa, “quero que seja eleito o deputado Shimomoto que está trabalhando para a colônia japonesa com paixão.” As frases selecionadas no título, “contribuição para a colônia japonesa” e “grande esperança” demonstram a imagem positiva, tendo a posição da redação no lado do candidato e sua linguagem está tentando aproximar o candidato à comunidade.

No dia 7 de julho de 1998, o *Nikkei Shimbun* publicou o artigo titulado “Pouca candidatura dos descendentes de japoneses. Kitaoka concorre a vaga de deputado estadual no Rio de Janeiro.” O artigo narra que Vicente Kitaoka, 36 anos, segunda geração, iria se candidatar a vaga de deputado estadual no Rio de Janeiro e expõe que nesse estado tem poucos candidatos descendentes de japoneses. O artigo começa contando a história da família Kitaoka, inclusive do pai e do tio, Gorou e Yuichi Kitaoka, respectivamente. Destaca que a família Kitaoka era líder e representante da comunidade de agricultores japoneses da região São Bento do Rio, na década de 1960. O artigo narra a infância do candidato e sua carreira. Formado em direito, representa o Partido da Reconstrução Nacional (PRN). O artigo foi finalizado com o comentário das autoridades autônomas de uma associação japonesa carioca: “no Brasil, a primeira geração tem pouca chance para participar da eleição brasileira, porém, a comunidade japonesa terá que desenvolver nas próximas gerações, segunda, terceira e quarta, assim, não podemos negligenciar mandar bons políticos japoneses para câmaras de vereadores,

²¹ A tradução foi feita pela autora. Na tradução, em relação ao vocábulo “*colonia*”, que foi emprestado da língua portuguesa para o *Colonia-go*, utilizaremos o vocábulo na sua versão original, em português, “colônia”. Imigrantes japoneses e seus descendentes tendem a utilizar este vocábulo frequentemente em conversações em japonês para denominar a comunidade japonesa.

de deputados estaduais e para o congresso nacional. Esperamos o trabalho de bons políticos nipo-brasileiros.” A ideia das autoridades da comunidade estava bem refletida no jornal da época. Pelo caráter do comentário acima, podemos supor que foi feito por alguém da primeira geração. É interessante observar que o comentário menciona a pouca participação da primeira geração na eleição brasileira e tenta estimular a comunidade japonesa, incluindo a segunda e terceira geração, para criar políticos nipo-brasileiros para contribuir com o futuro da comunidade. Podemos interpretar o pronome pessoal “nós”, mencionado no comentário, como a própria comunidade japonesa, composta pela primeira geração de imigrantes juntamente com as demais gerações. A matéria foi feita no Rio de Janeiro, então é importante observar que a candidatura de descendentes de japoneses não estava ocorrendo somente no Estado de São Paulo, ao mesmo tempo, o jornal tentava comparar a candidatura dos descendentes de japoneses no Rio de Janeiro e em outras regiões, com ênfase em que o Rio tinha poucos candidatos.

FIGURA 9- ARTIGO DO *NIKKEY SHIMBUN* DO DIA 7 DE JULHO DE 1998



FONTE: Autora (2014)

As matérias relacionadas às candidaturas dos nipo-brasileiros são observadas como matérias típicas dos jornais no período eleitoral e são produzidas desde 1998 até hoje. Por exemplo, na eleição de 2014, um artigo do dia 5 de agosto do *Nikkei Shimbun* apresentou o candidato a deputado federal Alex Hato (31, PMDB), filho do atual deputado estadual Jooji Hato. Segundo o artigo, Alex e Jooji visitaram a redação no dia 23 de julho. O médico Alex contou que pretende seguir a mesma profissão do seu pai e vendo o trabalho dele aprendeu a solucionar problemas sociais. O artigo apresenta quatro principais preocupações do candidato: educação, saúde, segurança e esporte. Segundo o artigo, o candidato está focado na ideia de reduzir o imposto para medicamentos, equipamentos médicos, insumos agrícolas e equipamento para a prevenção de crimes como câmeras contra assaltos. Sobre a comunidade japonesa, foi comentado: “associações de jovens japoneses não estão ativas, assim, quero animá-las através da promoção de esportes. Quero contribuir para a manutenção e o fortalecimento da comunidade japonesa.” Para finalizar o texto, foi acrescentado a expectativa do pai Jooji, “ver o filho ultrapassar o pai é meu sonho. Se Alex se eleger, podemos colaborar juntos no nível municipal, estadual e federal.” Segundo o artigo, outro filho mais velho George Hato é vereador de São Paulo. A matéria demonstra o perfil do candidato e a sua posição, e destaca a atuação da família na política.

Essas matérias são produzidas igualmente nas eleições municipais. Aqui é citado um artigo completo da entrevista com o candidato Humberto Yudi Watanabe, “*Sanssei* (terceira geração), candidato a vereador, Watanabe do PSB” publicado no *Nikkei Shimbun*, no dia 9 de julho em 2004.

Sanssei, candidato do PSB para a eleição de vereador de São Paulo em outubro, Humberto Yudi Watanabe (38) veio cumprimentar à redação através da apresentação do atual vereador de São Paulo, Jorge Taba do PSB. Watanabe ganhou 10 mil votos na região norte de São Paulo na última eleição. Para esta eleição, tem se preparado desde 2001. Como Luiza

Erundina está candidatando a prefeito, Jorge Taba não candidatará a vereador nesta vez para poder ajudar a campanha eleitoral da candidata. Assim, Watanabe ganha apoio total de Taba e pede a compreensão da colônia japonesa esperando os votos da comunidade. Para “o compromisso” à colônia, ele declara, “quero desenvolver a difusão de esportes, como baseball, Sumô e atletismo para jovens e gateball para idosos. Ainda não existe um plano concreto, mas quero colaborar com a cerimônia do centenário da imigração japonesa que está chegando daqui quatro anos.” O candidato se formou em direito. Administra O Depósito Material Construção Watanabe Ltda. no bairro Nova Cachoeirinha. Seu escritório da campanha fica localizado na Rua General Penha Brasil, 96 no bairro Nova Cachoeirinha. (Jornal *Nikkei Shimbun* de 09/07/2004, tradução)

O artigo enfatiza a descendência japonesa do candidato já no título, com o uso da palavra “*sanssei*”. Apresenta a biografia do candidato e seu bom relacionamento com outro político descendente de japoneses, demonstrando sua familiaridade com a comunidade. Nesse artigo, foi destacado o comentário do candidato em relação ao “compromisso” com a comunidade japonesa. A matéria ajuda o candidato a apresentar sua imagem de membro e representante da comunidade.

A estrutura de apresentação de candidatos que parece ter mais recorrência no jornal segue essa ordem: a biografia, sua relação à comunidade japonesa e os comentários para a comunidade. Segundo a descrição dos artigos, na maioria das vezes, os próprios candidatos procuraram a redação para que escrevesse as matérias de apresentação e as entrevistas foram realizadas na redação dos jornais. Confirmamos que, nesses casos, as matérias jornalísticas não são pagas, e isso pode ser explicado através das diretrizes do *Nikkei Shimbun* e do *São Paulo Shimbun* relatadas nas entrevistas com os seus respectivos redatores, Masayuki Fukasawa e Koji Matsumoto, que afirmaram o apoio incondicional para os membros da comunidade japonesa, até mesmo nas eleições.

Entre as matérias de apresentação dos candidatos, não foram encontradas muitas matérias sobre candidatos fora do estado de São Paulo. Como as redações dos jornais são sediadas no bairro da Liberdade, em São Paulo, e, na maioria das vezes, as entrevistas são

realizadas na própria redação, com as visitas dos candidatos, impondo uma limitação geográfica que restringe aos candidatos que se localizam mais próximos da cidade de São Paulo.

Redes de apoiadores da comunidade aos candidatos nipo-brasileiros

Através da leitura dos jornais, podemos reconhecer a rede de apoiadores dos candidatos nipo-brasileiros. Isso fica evidente em artigos como o do dia 25 de agosto e do dia 5 e 26 de setembro de 1998 publicados no *São Paulo Shimbun*, que noticiaram os eventos das campanhas eleitorais. Segundo o artigo do dia 25 de agosto, “Encoraja o candidato Nomura. Força para relações Japão-Brasil”, foi realizado um encontro de apoiadores do candidato no dia 20 de agosto no bairro da Liberdade que reuniu cerca de 200 pessoas. No encontro, as autoridades das associações japonesas discursaram “ex-deputado federal Nomura é um grande suporte da nossa comunidade japonesa. Vamos colaborar juntos e pedirmos a ele para ser deputado federal”, e “vamos mandar para Brasília novamente o prof. Nomura que tem a amizade com o primeiro ministro do Japão, Obuchi.”²²

O artigo do dia 5 de setembro de 1998 do *São Paulo Shimbun* narra sobre o estabelecimento da organização de apoio ao candidato e então deputado federal Antonio Ueno. O artigo foi escrito por um correspondente de Londrina, Masanori Majima. Segundo o artigo, a organização de apoio do deputado Ueno foi estabelecida no dia 25 de setembro e deu início a sua campanha eleitoral. O artigo conta que, “a forte união da comunidade japonesa para recomendar e eleger o deputado Ueno é uma característica regional do Paraná.” Segundo o artigo, a organização foi composta por um presidente, vice-presidente, um secretário de língua portuguesa, um de língua japonesa, um contador, dois diretores de serviços gerais, oito conselheiros e 19 representantes regionais. O artigo divulgou a lista de nomes dos membros

²² Keizou Obuchi foi primeiro-ministro do Japão de julho de 1998 até janeiro de 1999.

que são representantes da primeira geração e de gerações nascidas no Brasil. A organização atuava em todo o estado do Paraná e sua atividade também teve outro fim, apoiar, na eleição de 2002, Cassio Taniguchi para governador do estado, porém Taniguchi não se candidatou. Podemos constatar, através do artigo, que a rede de apoio a Ueno era bem organizada no Paraná, envolvendo muitas pessoas da comunidade japonesa. O artigo discute como a união da comunidade japonesa paranaense organiza-se para apoiá-lo.

O artigo do dia 26 de setembro de 1998 do *São Paulo Shimbun* narra novamente as campanhas eleitorais no Paraná com o título “Deputado federal Ueno visa nova vitória. Na eleição do Paraná, muita confiança no deputado estadual Ando.” Este artigo foi escrito por um correspondente de Curitiba chamado Noboru Horiuchi, ex-funcionário do Consulado do Japão em Curitiba que tornou-se correspondente do jornal após se aposentar. O artigo conta que o encontro conjunto para o deputado federal Antonio Ueno e o deputado estadual Julio Ando foi realizado em Curitiba no começo de agosto e reuniu pessoas de Guaíra, Paranavaí, Maringá, Londrina, Assaí e Bandeirantes contando com a presença do então prefeito de Curitiba, Cassio Taniguchi. O texto foi concluído transmitindo a mensagem do jornal ou do correspondente: “o dia da votação está chegando, esqueçam o interesse particular e as emoções precipitadas e sejam conscientes de que são descendentes de japoneses. Aproveitando a oportunidade de ter a participação política, queremos fazer a votação eficiente para mandar os talentosos políticos nipo-brasileiros para a política brasileira.” Vale ressaltar que na narração da matéria o pronome pessoal usado é a primeira pessoa do plural “nós” e quando fala da eleição dos candidatos, seu modo de tratar é “nós deixarmos eles se elegerem.” Nessa fala, transmite a impressão de que as eleições dos candidatos nipo-brasileiros estão dependendo do apoio da comunidade japonesa.

Constatamos que correspondentes regionais também colaboravam com as matérias eleitorais. Através desses artigos, temos ideia de onde e como estavam sendo feitas as

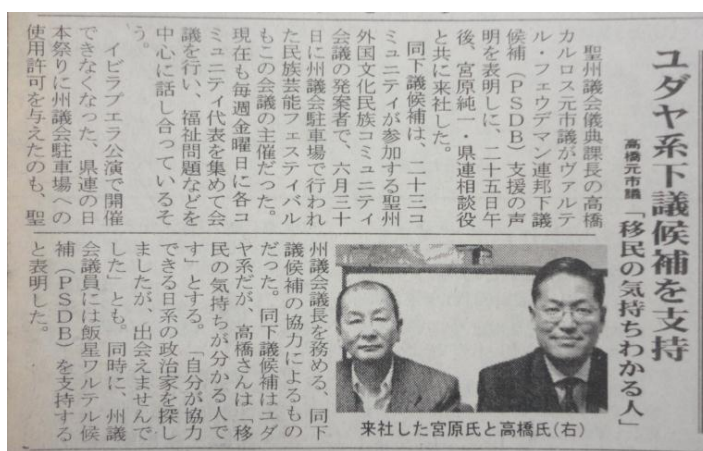
campanhas eleitoras dos candidatos nipo-brasileiros e localizar a rede de apoio da comunidade japonesa. É óbvio que alguns candidatos nipo-brasileiros contaram com o forte apoio dos membros da comunidade na sua campanha.

Apoio aos candidatos fora da comunidade japonesa

Outro tipo de matéria que se destaca é a divulgação de apoio ao candidato fora da comunidade japonesa. Por exemplo, o *Nikkei Shimbun* publicou o artigo “Apoio ao candidato descendente de judeus para deputado federal. Segundo o ex-vereador Takahashi ‘candidato entende o sentimento dos imigrantes’” no dia 28 de setembro de 2002. O artigo narra que no dia 25, do mesmo mês, o ex-vereador Carlos Takahashi visitou a redação junto com o conselheiro da Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil, Junichi Miyahara para oficializar seu apoio ao candidato a deputado federal, Walter Feldman (PSDB). Segundo o artigo, o candidato é idealizador da Comunidade de Etnias e Culturas Estrangeiras do Estado de São Paulo que abriga 23 comunidades étnicas e organiza o festival de etnias. A organização reúne os representantes de cada comunidade toda sexta-feira para discutir assuntos como o da previdência social. Foi o candidato Walter Feldman que quando era presidente da Câmara de deputados estaduais do São Paulo permitiu o uso do estacionamento da câmara para o Festival do Japão realizado pela Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil, quando não podia mais realizar o festival no Parque Ibirapuera. Takahashi explicou que mesmo o candidato sendo descendente de judeus, ele tem compreensão sobre o sentimento dos imigrantes. Ele também comentou que não encontrou candidatos nipo-brasileiros para apoiar. A foto publicada junto com o artigo foi a foto de Takahashi e Miyahara, que visitaram a redação, e não a do candidato. A oficialização do apoio de Takahashi no jornal tem objetivo de atrair o apoio da comunidade para o candidato. A

explicação do artigo mostra claramente qual é o benefício de se apoiar o candidato não descendente de japoneses para a comunidade japonesa, e ao mesmo tempo, deu importância para compartilhar o sentimento de ser imigrante com descendentes de outra ascendência. Nesses casos seria interessante considerar o relacionamento entre os grupos étnicos de diferentes etnias.

FIGURA 10- ARTIGO DO *NIKKEY SHIMBUN* DO DIA 28 DE SETEMBRO DE 2002



FONTE: Autora (2014)

Um outro exemplo é visto em um artigo da eleição municipal de 2008, publicado no *Nikkei Shimbun* no dia 27 de agosto. O jornal publicou a entrevista com o filho de Romeu Tuma, Robson, que se candidatou a vereador de São Paulo. Mesmo ele não tendo origem japonesa, seu pai participava de muitos eventos japoneses e o jornal o descreveu como “amigo da colônia” pela amizade da comunidade japonesa com o seu pai Romeu Tuma. Na entrevista, o candidato fez elogios à comunidade japonesa dizendo, “honestidade é o símbolo da colônia japonesa”, referindo-se à relação do seu pai com a comunidade. Comparando a cidade de São Paulo com o Japão, destacou a melhoria do sistema de transporte e de antipoluição de São Paulo. É anotável que neste artigo seu partido político não foi mencionado.

Os artigos demonstram que a origem japonesa não é o único critério para se ter um espaço no jornal e o que vale mais para isso é aparentemente o nível de ligação e de relacionamento com a comunidade japonesa.

Oferecendo espaços para leitores discutirem sobre a eleição nipo-brasileira

Uma abordagem diferente dos jornais sobre o assunto político é a publicação de textos produzidos pelos leitores que opinam diretamente sobre o tema. Por exemplo, no dia 29 de setembro de 2000, alguns dias que antecedem a votação, o *São Paulo Shimbun* publicou a visão de um leitor sobre as eleições no espaço estabelecido para publicar opiniões de leitores, “sala de leitores”. O texto titulado “A eleição e a comunidade japonesa” foi escrito por um leitor chamado Masao Suda da cidade de Jacarezinho (PR). O autor inicia o texto questionando se realmente existe uma base eleitoral de votação pelo eleitorado descendente de japoneses destinada aos candidatos de mesma ascendência. Ele discute que essa base eleitoral deve ser uma ilusão e os candidatos que procuram estes votos ilusórios acabam se atrapalhando mutuamente e não obtenham o resultado esperado. O autor afirma que os políticos descendentes de japoneses devem demonstrar o espírito “japonês garantido”²³ e se disse envergonhado de alguns casos específicos em que descendentes não mantiveram esse espírito. O autor mencionou o ex-prefeito de Curitiba, Cassio Taniguchi como um bom exemplo de político nipo-brasileiro que se elegeu sem depender da base eleitoral pela comunidade japonesa e ganhou uma grande confiança do povo brasileiro através do seu trabalho. O autor terminou o texto enfatizando que tem prazer em ver um político do mesmo sangue japonês fazer bom serviço. Ele considera como bom político um político que serve ao

²³ Uma expressão amplamente dita no Brasil sobre os imigrantes ou descendentes de japoneses que expressa como eles são trabalhadores honestos e confiáveis.

povo com dedicação e consegue utilizar o poder corretamente sem ser tomado pela arrogância.

Em 1º de outubro de 2010, dois dias antes da votação, o *Nikkei Shimbun* ofereceu um grande espaço na página da comunidade japonesa ao líder de uma associação japonesa, Akio Ogawa, da segunda geração, publicando o texto de opinião “Descendentes de japoneses atuantes no mundo político, valorize cada voto”. O texto visou incentivar a votação consciente e a colaboração com os candidatos citando nomes de alguns candidatos que o autor considerou competentes.

Não é obrigatório, mas acredito que podemos apoiar os candidatos enquanto esperamos muito por eles, divulgando as atividades dos seus candidatos preferidos, dando apoio financeiro se tivermos condições, ajudando a distribuição das propagandas e realizando os encontros para ouvirmos suas declarações. As entidades japonesas tendem a evitar essas atividades sob a proibição de participação política pelas cláusulas das entidades, entretanto, de fato essas atividades não serão participação para a política, serão participação para a comunidade. (Texto enviado por Akio Ogawa, publicado no jornal *Nikkei Shimbun* de 01/10/2010, tradução)

O autor pediu colaborações para os candidatos da comunidade para membros da mesma, dizendo que as colaborações serão participações ativas na comunidade. Ogawa citou alguns nomes de candidatos e explicou resumidamente as contribuições de cada um deles, entre eles se encontram Junji Abe (DEM), Valter Iihoshi (DEM) e William Woo (PPS) para deputado federal, e Hélio Nishimoto (PSDB), Jooji Hato (PMDB) e Victor Kobayashi (PSDB) para deputado estadual de São Paulo. Sobre os candidatos para deputado federal, o autor comentou, “esses três candidatos não são somente representantes da colônia japonesa, também são pessoas muito importantes que contribuem para o desenvolvimento do Brasil. Assim, gostaria de apoiá-los com grande orgulho.” O autor concluiu o texto com a frase, “para colônia japonesa, especialmente para pessoas do estado de São Paulo, tem um grande significado eleger candidatos de descendência japonesa. Mesmo que agora não tenham mais

muitos dias até a data da votação, gostaria de colaborar para podermos coletar muitos votos”. Ao aceitar publicar esse texto na página destinada ao editorial do jornal da comunidade japonesa, não na página destinada às opiniões dos leitores, é possível analisar que é a mesma mensagem que a redação visa transmitir. Podemos observar que, para o autor da segunda geração, apoiar os candidatos nipo-brasileiros é uma questão de orgulho.

Também podemos observar o interesse dos leitores através do texto de contribuição publicado na página seis da comunidade japonesa, no dia 12 de agosto de 2014 no *Nikkei Shimbun*. O texto “Eleição de deputado estadual. A concorrência é grande, uma vaga para 14 candidatos. Qual político nipo-brasileiro vai ganhar? Quem a colônia vai apoiar?” foi produzido pelo leitor Hideo Komagata. Este tipo de texto de leitor é publicado frequentemente sobre os mais variados assuntos, esse mesmo autor já publicou textos com outros assuntos. O autor primeiro tenta explicar e analisar a eleição brasileira baseado na sua percepção e pensa em importantes critérios para eleger um candidato. Em seguida, a discussão é transferida para o assunto dos políticos nipo-brasileiros. Ele critica que eleger um deputado federal não basta ser popular dentro da comunidade japonesa e somente pedir votos aos descendentes de japoneses, como era pensado pelos candidatos do passado. O autor apresenta perfis e partidos de cinco candidatos que considera fortes candidatos: Keiko Ota, Junji Abe, Walter Iihoshi, William Woo²⁴ e Alex Hato. É interessante que nesta apresentação, os pais, a base eleitoral e a profissão dos candidatos são expostas, mas em nenhum momento foi citada a ideologia política do candidato. Podemos imaginar que a preocupação do autor é a biografia e o passado dos candidatos. Além disso, junto com o texto, foi publicada uma lista de todos os candidatos nipo-brasileiros a deputado federal no estado de São Paulo. A lista, que não é identificada se foi criada pelo autor ou redação, contou com o nome do candidato, partido, origem, idade e rápida explicação dependendo do candidato, como atual político, deputado

²⁴ William Woo é candidato nipo-brasileiro que tem mãe descendente de japoneses e pai descendente de taiwaneses.

suplente, ex-deputado, em alguns casos foram citadas suas profissões como médico, advogado, contador, arquiteto e empresário. A lista contou com 32 nomes. Geralmente os candidatos nipo-brasileiros são reconhecíveis pelo seu nome ou sobrenome, assim, fazer uma lista não seria um trabalho tão complicado.

No dia 30 de setembro de 2014 do *Nikkei Shimbun*, foi publicada uma publireportagem, publicação de artigos publicitários pagos, “Avaliação geral sobre o debate público de candidatos nipo-brasileiros”, escrita por Kiyoshi Harada, especialista em direito e coordenador geral do debate. Segundo o autor, o terceiro debate de candidatos nipo-brasileiros realizado no dia 20 de setembro na Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social foi um sucesso. Recebeu um grande público de descendentes de japoneses, inclusive algumas pessoas da primeira geração. Ele afirma que o interesse da comunidade sobre a eleição está aumentando cada vez mais comparado com o primeiro e o segundo debate. Ao discutir a importância do debate público entre os candidatos nipo-brasileiros, o autor escreve “o debate público não é exclusivo, antidemocrático ou injusto. Os políticos são aqueles que têm a missão de construir o desenvolvimento do Brasil multicultural e multirracial, como representantes da sociedade geral.” Harada finalizou o texto destacando, “os descendentes de japoneses devem contribuir para a construção do País junto com os descendentes de italianos e alemães, mantendo a cultura japonesa.”

Através dessas opiniões publicadas, confirmamos que a votação nos candidatos descendentes de japoneses não era debatida somente por jornalistas, mas também era interesse de uma parte dos leitores. Podemos observar que os jornais estão oferecendo espaços para os leitores abrirem a discussão e os leitores estão dialogando com outros leitores através dos jornais sobre como é importante ter políticos nipo-brasileiros para a comunidade e para o Brasil, e como podem elegê-los.

Análise sobre a candidatura no *Nikkei Shimbun*

Outro destaque entre matérias é a de explicar e analisar a situação da candidatura dos políticos nipo-brasileiros do *Nikkei Shimbun*. Na publicação de 23 de julho em 2004, com a manchete de “Esperam pelos votos nipo-brasileiros”, o jornal sugeriu que os votos fossem mais concentrados, para que assim a comunidade conseguisse eleger alguns representantes “sem gasto dos votos válidos.” Nessa mesma reportagem, foi mostrado que houve aproximadamente 20 candidatos descendentes de japoneses para vereador de São Paulo, e foi citada uma diminuição significativa do número de candidatos comparando com a eleição passada, onde contava com 31 candidatos.

Em 22 de setembro de 2006, a redação publicou uma pesquisa sobre o número total de candidatos descendentes de japoneses. Relatou que tiveram 86 candidatos para deputado federal e estadual em 15 estados e no distrito federal. Detalhando que para deputado federal, havia 22 candidatos em seis estados e no distrito federal. Para deputado estadual, 64 candidatos em 14 estados e no distrito federal. No estado de São Paulo, 11 candidatos para deputado federal e 35 candidatos para deputado estadual. Enquanto no estado do Paraná, seis candidatos para deputado federal e nove candidatos para deputado estadual. O artigo mostrou que nesse ano o número total de candidatos aumentou em relação a 2002, que era de 80 candidatos. O jornal criticou a desorganização da campanha, explicando que isso causa confusão e induz a votação espalhada em diferentes candidatos. Foi demonstrada a preocupação de que não se poderia eleger candidatos da comunidade sem conseguir a votação necessária e destinada a alguns determinados candidatos. O título da manchete “Candidatura espalhada novamente” enfatizou essa preocupação. Sem criticar nenhum político específico, foi mostrado o exemplo de 2002 que somente um candidato conseguiu ter votos suficientes

para garantir a vaga entre os 41 candidatos descendentes de japoneses para deputado federal e estadual de São Paulo.

Na eleição geral de 2010, o *Nikkei Shimbun*, no dia 18 de setembro publicou um artigo em que analisou a situação da candidatura dos descendentes de japoneses junto com as fotos dos candidatos. A manchete foi a seguinte: “Concentre os votos em alguns candidatos específicos, vote considerando o perigo da anulação mútua.” No artigo, foram destacados os comentários de autoridades das associações nipo-brasileiras de São Paulo, que foram utilizadas para a manchete, explicando o que seria o “perigo da anulação mútua”. O artigo previu que se os votos da comunidade se direcionassem a apenas três candidatos para deputado federal e a três candidatos para deputado estadual no estado de São Paulo, todos esses seis candidatos seriam eleitos, mas que se houvesse a dispersão em um grande número de candidatos, a chance de elegê-los diminuiria bastante, ocasionando o que eles denominaram de “anulação mútua”. Em 2010, havia 17 candidatos para deputado federal e 23 candidatos para deputado estadual no estado de São Paulo. O artigo alertou que em 2006 os 30 candidatos descendentes de japoneses para deputado estadual receberam 330 mil votos, porém, como os votos não foram concentrados em poucos candidatos, ninguém foi eleito. Mostrou que, ao contrário disso, a votação para deputado federal foi feita de forma eficiente, elegendo dois candidatos, com o total de 214 mil votos, entre os 250 mil votos para os 10 candidatos descendentes de japoneses. Podemos observar que a redação do *Nikkei Shimbun* realiza a investigação sobre a base eleitoral dos candidatos nipo-brasileiros e utiliza os dados para a discussão.

Em 2014 a duas semanas da eleição, o jornal do dia 23 de setembro publicou uma notícia sobre o debate público de candidatos nipo-brasileiros que ocorreu no dia 20 do mesmo mês no prédio da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, “Para ter uma política ideal com o trabalho dos políticos nipo-brasileiros. ‘Tenha mais interesse na

política’. Debate entre candidatos nipo-brasileiros para deputado federal e estadual. Tem menos de duas semanas até a votação.” Segundo o artigo, o debate reuniu cerca de 130 ouvintes. Foi citado um comentário do coordenador geral, Kiyoshi Harada, sobre o objetivo da realização do debate, “a comunidade japonesa tem contribuído para o desenvolvimento do Brasil como um integrante da sociedade brasileira. Como agricultura, artes e a área acadêmica, para elevar a política brasileira a ser mais ordenada com a honestidade e a diligência da característica nipo-brasileira, os nipo-brasileiros têm que mostrar mais interesse na política. Faça a votação com consideração.” O artigo narrou que oito candidatos para deputado estadual e sete candidatos para deputado federal discursaram sobre sua visão política e debateram respondendo as perguntas da plateia. O artigo citou discursos de cada candidato resumindo com duas ou três frases.

É observado que o *Nikkei Shimbun* faz a análise da candidatura dos descendentes de japoneses e da sua base eleitoral dentro da comunidade japonesa, e prevê os resultados, como uma forma de tentar eleger mais candidatos nipo-brasileiros opinando sobre a votação. Quase todo ano de eleição, o *Nikkei Shimbun* alerta repetitivamente sobre a dispersão de votos para candidatos nipo-brasileiros. Sua linguagem transmite a principal preocupação da redação com as eleições dos candidatos nipo-brasileiros e estimula o interesse da comunidade para eleger alguns candidatos específicos. Porém, mesmo sugerindo a concentração de votos em alguns candidatos, as matérias nunca mencionam quais candidatos devem ser votados. No *São Paulo Shimbun*, durante o período de observação não foi encontrado esse tipo de matéria de análise sobre a situação da candidatura.

Divulgação de resultado da votação

Depois da votação, os jornais já noticiam o resultado. Na eleição de 1998, no dia 6 de outubro, o *Nikkei Shimbun* noticiou os candidatos provavelmente eleitos antes do resultado

oficial sair, com a manchete “Candidato Kobayashi para deputado federal é provavelmente eleito. Candidato e atual político Kamia tem grande chance. Candidato Abe é provavelmente eleito para deputado estadual de São Paulo. Sairá o resultado hoje ou amanhã.” Depois da votação no dia 4, a matéria foi escrita a partir do resultado parcial obtido na manhã seguinte. O artigo explica que segundo o resultado parcial da votação, o candidato a deputado federal Paulo Kobayashi e o candidato a deputado estadual Junji Abe estariam eleitos, enquanto o candidato a deputado federal Ushitaro Kamia possivelmente seria eleito. Também narrou a situação de mais outros candidatos nipo-brasileiros citando o número de votos obtidos até o momento. O jornal previu o resultado da eleição analisando o possível número total de vagas por partidos e mostrou a preocupação sobre a dificuldade dos candidatos nipo-brasileiros conseguirem ocupar uma vaga. Nesse artigo, é observada a característica da informação rápida e da investigação sobre o resultado da eleição.

Sequentemente, no dia 9 de outubro de 1998, o *Nikkei Shimbun* lamentou o resultado não favorável aos candidatos nipo-brasileiros com o seguinte título “No passado já houve no máximo seis deputados federais. No ano em que completou 90 anos da imigração japonesa ficou fracassado na eleição nipo-brasileira.” Segundo o artigo, no ano foi eleito somente um deputado federal, Paulo Kobayashi, entre os 12 candidatos descendentes de japoneses causando uma queda no número de deputados federais nipo-brasileiros, que na eleição anterior teve cinco candidatos eleitos para deputado federal. O jornal destacou que a eleição nipo-brasileira do ano foi uma grande derrota e analisou as eleições gerais passadas, 1994, 1990, 1986, 1982 e 1978 descrevendo o número de candidatos e de eleitos em um cronograma. Mostrou que todos os anos tiveram um número grande de candidaturas e os candidatos que estavam concorrendo com a base eleitoral da comunidade japonesa não conseguiram obter votos suficientes para se eleger. Assim, o *Nikkei Shimbun* publica suas análises sobre a candidatura antes da votação e sobre o resultado depois da votação.

Saudações de eleitos e não eleitos

Seguindo a lógica, as matérias escritas após a divulgação dos resultados das eleições, serão de saudações dos candidatos eleitos e de não eleitos destinadas aos eleitores e apoiadores. Os candidatos voltam à redação depois das eleições para transmitir uma mensagem sobre o resultado para o público leitor. No mesmo dia, 9 de outubro de 1998, no *Nikkei Shimbun*, ao lado da matéria anterior, saiu a matéria de saudações com a foto do eleito Junji Abe para os apoiadores da candidatura. O título foi “‘Continuando a questão agrícola no futuro.’ Deputado estadual Abe conta a sua meta.” Segundo o artigo, o eleito veio saudar a redação no dia 8 de outubro, depois de receber o resultado final da eleição. Comentou na entrevista: “não posso expressar como era grande o apoio da colônia japonesa, até quero agradecer a todos apertando a mão de cada um.” Além disso, o eleito demonstrando sua relação com os jornais, destacou, “Geralmente os jornais brasileiros sempre tratam dos políticos como um alvo de crítica, porém, nos casos dos jornais japoneses, nós políticos somos bem avaliados, falando que prestamos o serviço honesto. Nessa campanha eleitoral, visitando cada região percebi como o noticiário é importante.” Nesse comentário, é confirmado que o político sente a alta necessidade dos jornais japoneses na divulgação da candidatura.

Paralelamente, enquanto publicam as saudações dos eleitos, os jornais dedicam o espaço para as declarações de agradecimento dos não eleitos igualmente. Podemos observar que logo depois da eleição as páginas da comunidade japonesa são ocupadas por saudações dos candidatos que perderam a eleição. Um artigo do dia 8 de outubro, do mesmo ano, do *Nikkei Shimbun* contou a declaração de Diogo Nomura, com o título “Bom jogo do Nomura não atingiu o resultado. ‘Daqui para frente, ainda mais colaboração para a colônia.’” O artigo

explica que ele precisava de pelo menos 60 mil votos, porém, ganhou somente 40 mil. Foi colocado o comentário dele que durante a campanha eleitoral tinha certeza de que obteria os votos necessários. O artigo narra que ele acrescentou que mesmo não conseguindo se eleger não iria mudar a vontade de colaborar com a comunidade japonesa. É anotável que no penúltimo parágrafo do artigo foi acrescentado pela redação, “no século 21, a relação Japão-Brasil deverá ser mais intensa e os políticos nipo-brasileiros deverão ter mais atividades, porém, teremos apenas uma única pessoa eleita para deputado federal, Paulo Kobayashi, diminuindo o número de deputados federais nipo-brasileiros, que tinha quatro contando Antonio Ueno. É uma tragédia para a comunidade japonesa.” Definindo a situação da eleição como “uma pena”, o jornal mostrou claramente sua torcida para candidatos nipo-brasileiros baseando na convicção de que eles são necessários para a comunidade.

No dia 10 de outubro de 1998, no *Nikkei Shimbun*, o artigo “Candidato Kamia agradece aos apoiadores” foi publicado com a declaração do candidato Ushitaro Kamia (PPB) que perdeu a eleição para deputado federal e veio falar na redação do jornal. Nesta ocasião, ele fez o comentário: “acredito que posso ficar no segundo lugar pelo número de votos entre outros candidatos nipo-brasileiros. Por pouca diferença não consegui ganhar. Quero agradecer do fundo do coração a todos os apoiadores.” Ao lado do artigo foi publicada uma foto do candidato sorrindo junto com um apoiador.

FIGURA 11-ARTIGO DO *NIKKEY SHIMBUN* DO DIA 10 DE OUTUBRO DE 1998

FONTE: Autora (2014)

Nessas matérias seguintes os jornais noticiam o processo completo da eleição dos candidatos descendentes de japoneses desde a candidatura, apresentação do resultado e até os comentários dos candidatos eleitos e não eleitos.

Opinião da redação nas colunas

A coluna do dia 10 de outubro de 1998 do *Nikkei Shimbun* lamentou o resultado da eleição chamando de “grande choque para a comunidade.” A coluna narra que sempre teve pelo menos três deputados federais nipo-brasileiros e que na eleição de 1998 somente um candidato nipo-brasileiro foi eleito a deputado federal, é uma grande derrota da comunidade japonesa na eleição. A coluna discute, “a época está mudando da primeira e segunda geração para terceira e quarta geração diminuindo gradualmente a tendência em apoiar os candidatos descendentes de japoneses.” Analisa que a eleição mostrou uma mudança completa na

comunidade japonesa e essa mudança foi causada pela troca de gerações. A coluna foi escrita e assinada por um jornalista da redação utilizando um pseudônimo. Observamos que o jornalista interpreta a eleição dos políticos nipo-brasileiros como um movimento comunitário, e por isso ele denomina de “derrota da comunidade” o resultado da eleição. Ele também levou em consideração o resultado para mensurar a transferência de solidariedade da comunidade.

No dia 15 de novembro de 2010, uma coluna do *Nikkei Shimbun*, começa elogiando a realização do debate público entre os candidatos descendentes de japoneses a deputado federal e estadual. O colunista afirmou que a realização do debate teve um grande significado para o público da comunidade para tornar a votação concentrada em alguns candidatos, além disso, defendeu que é eficiente votar nos candidatos mais experientes na área política do que votar nos inexperientes com observações dos convincentes discursos dos experientes. O colunista ainda discutiu como é importante realizar os debates para formar a opinião dentro da comunidade sobre a eleição e para garantir a votação colaborada. Explicou que a emenda parlamentar de cada político nipo-brasileiro está beneficiando bastante as entidades nipo-brasileiras e eventos japoneses, e insistiu que é necessário colocar representantes da comunidade em posições importantes dentro governo brasileiro para a imigração japonesa se enraizar no Brasil. Na visão do colunista, os imigrantes ainda não estão completamente enraizados no País e necessitam dessa posição para que o processo seja finalizado.

Candidatos nipo-brasileiros nos classificados

No período de campanha eleitoral, o espaço pago de classificados é ocupado por propagandas de candidatos nipo-brasileiros. É interessante que mesmo sendo publicadas nas páginas em japonês, muitas propagandas eleitorais são escritas somente em português. As propagandas das campanhas eleitorais contêm, na maioria das vezes, a foto do candidato, o

número, partido, seu principal ideal político e sua experiência. Dependendo do candidato, quando votação chegar mais perto, sua propaganda é encontrada repetidamente nesse espaço.

FIGURA 12- PROPAGANDAS ELEITORAIS PUBLICADAS
NO *NIKKEY SHIMBUN* NO DIA 30 DE SETEMBRO DE 1998

The figure displays three separate political campaign advertisements. The top-left ad is for Getúlio Hanashiro, a PMDB candidate for the state assembly, with the number 15.211. It includes a photo and text in Japanese and Portuguese. The top-right ad is for Junji Abe, a PFL candidate for the state assembly, with the number 25.555. It features a photo and text in Portuguese. The bottom ad is for William Woo, a PSDB candidate for the state assembly, with the number 45.116. It includes a photo and text in Portuguese, mentioning his experience as a security guard and his commitment to the community.

FONTE: Autora (2014)

FIGURA 13- PROPAGANDA ELEITORAL DE HATIRO SHIMOMOTO
PUBLICADA NO *SÃO PAULO SHIMBUN* NO DIA 29 DE AGOSTO DE 1998

The figure shows a single political campaign advertisement for Hattiro Shimomoto. It features a large photo of the candidate on the left. To the right of the photo, the name 'HATIRO SHIMOMOTO' is printed in large, bold letters, followed by the number '25.125' and 'VIVA SÃO PAULO - PFL'. Below this, a quote reads: 'Trabalha muito pela comunidade, merece continuar e vamos ajudá-lo votando e pedindo os votos dos filhos e netos:'. At the bottom, it lists his professions: 'ADVOGADO - CONTABILISTA - PROFESSOR' and provides contact information: 'END. RUA: CORONEL MEIRELES, 170 - PENHA - TEL.: 684.7211 - FAX: 684.7211'.

FONTE: Autora (2014)

2.2.2 Resumo da produção das matérias eleitorais nos jornais japoneses

Resumo do número dos candidatos nipo-brasileiros e a cobertura do *Nikkei Shimbun* nas eleições 2004-2014

Resumindo o número dos candidatos nipo-brasileiros e a cobertura elaborada das eleições de 2004, 2006, 2008, 2010, 2012 e 2014 do jornal *Nikkei Shimbun*, é possível compor as tabelas abaixo para observar a situação da cobertura do jornal comparando com o número de candidatos descendentes de japoneses que tiveram a apresentação da candidatura, o número total de candidatos descendentes de japoneses e o número de candidatos eleitos.²⁵ Para compor as tabelas, a coleta de dados foi limitada ao número de candidatos a vereador de São Paulo, a deputado estadual e a deputado federal do estado de São Paulo. Os dados das tabelas foram baseados nas informações do *Nikkei Shimbun*.

QUADRO 2: NÚMERO DE CANDIDATOS DE DESCENDENTES A VEREADOR DE SÃO PAULO, A COBERTURA DO JORNAL E O RESULTADO DAS ELEIÇÕES (2004 / 2008 / 2012)

Ano	Nº de candidatos nipo-brasileiros a vereador em sp independente do partido	Nº de candidatos que tiveram a apresentação da candidatura	Imagem-marca associada	Nº de candidatos eleitos nipo-brasileiros a vereador de sp independente do partido	Nº de candidatos eleitos que tiveram a apresentação da candidatura
2004	20	4	Representante do bairro oriental, Educador e Comissário da comemoração de 100 anos da imigração japonesa no Brasil	4	4

²⁵ Nas tabelas, foram citados os números de candidatos nipo-brasileiros somente eleitos com o número suficiente de votos, eliminando os eleitos posteriormente como suplente, pois é difícil confirmar posteriormente se eles assumiram o cargo.

2008	25	5	Bom político da comunidade japonesa e Filho da imigração japonesa	2	1
2012	30	0	—	3	0

FONTE: Elaborada pela autora com base nas informações obtidas do jornal *Nikkei Shimbun* de 2004, 2008 e 2012

QUADRO 3: NÚMERO DE CANDIDATOS DESCENDENTES NO ESTADO DE SÃO PAULO, A COBERTURA DO JORNAL E O RESULTADO DAS ELEIÇÕES (2006 / 2010 / 2014)

Ano	Nº de candidatos nipo-brasileiros em sp para deputado estadual e deputado federal independente do partido	Nº de candidatos que tiveram a apresentação da candidatura	Imagem-marca Associada	Nº de candidatos eleitos nipo-brasileiros em sp independente do partido	Nº de candidatos eleitos que tiveram a apresentação da candidatura
2006	46	5	Representante da comunidade japonesa, Laço entre Brasil e Japão, Educador e Comissário da comemoração de 100 anos da imigração japonesa no Brasil	2	2
2010	40	4	Representante de associação japonesa e Líder do bairro oriental	4	1
2014	— *	3	Portador da cultura japonesa, Originário da comunidade japonesa do interior, Filho de família japonesa com histórico político	4	0

FONTE: Elaborada pela autora com base nas informações obtidas do jornal *Nikkei Shimbun* entre 2006, 2010 e 2014.²⁶

²⁶ No ano de 2014, não foi mencionado o número total de candidatos nipo-brasileiros em São Paulo para deputado estadual e deputado federal.

Comparando com o número total de candidatos nipo-brasileiros, o número dos que tiveram a apresentação da candidatura foi pequeno. Baseado no fato de que geralmente as matérias de apresentação são produzidas pela procura dos próprios candidatos, podemos considerar que a maioria dos candidatos não está preocupada com a divulgação da candidatura em jornais japoneses e também observamos que houve alguns candidatos que tiveram a apresentação da candidatura repetidamente em diferentes anos.

Vale anotar que em 2004 e 2006 todos os candidatos eleitos tinham a divulgação no jornal, por outro lado, em 2008 e 2010 três candidatos dos quatro candidatos entrevistados pelo jornal não foram eleitos. Um fato interessante é que na eleição municipal de 2012 não foi produzida nenhuma matéria de apresentação de candidatura. Na eleição geral de 2014 todos os três candidatos que o jornal publicou matérias de apresentação não foram eleitos. Esta observação reforça a ideia de que a divulgação das candidaturas no jornal não pode ser relacionada diretamente ao resultado da eleição dos candidatos.

As imagens-marca associadas no jornal nos seis anos foram similares. A maioria delas foi ligada à representação e liderança da comunidade japonesa, à relação Brasil-Japão ou à descendência japonesa. Nas eleições anteriores a de 2008, houve a imagem-marca associada ao comissário da comemoração de 100 anos da imigração japonesa no Brasil.

Candidatos nipo-brasileiros e sua relação aos partidos políticos

Como vemos nos artigos, os partidos políticos dos candidatos nipo-brasileiros apresentados no *Nikkei Shimbun* e no *São Paulo Shimbun* são variados. É considerado como único critério dos jornais para apresentar os candidatos a descendência japonesa ou a ligação com a comunidade japonesa, assim, aparentemente os jornais não estão ligando à questão da filiação partidária ou orientação ideológica dos candidatos. Podemos pensar que a atividade

dos jornais não é apoiar partidos políticos específicos ou ideias políticas, mas sim apoiar os candidatos em si.

Para observar a relação dos candidatos nipo-brasileiros com os partidos políticos, foram elaborados os seguintes quadros com os candidatos e seus respectivos partidos. O quadro 04 mostra todos os três candidatos a deputado federal e estadual que tiveram a matéria de apresentação de sua candidatura no *Nikkei Shimbun* na eleição geral de 2014, e constata que os candidatos pertencem a três partidos diferentes.

QUADRO 4: TODOS OS CANDIDATOS NIPO-BRASILEIROS A DEPUTADO ESTADUAL E FEDERAL NO ESTADO DE SÃO PAULO QUE TIVERAM MATÉRIAS DE APRESENTAÇÃO DE CANDIDATURA NO *NIKKEY SHIMBUN* EM 2014 E SEUS PARTIDOS POLÍTICOS

Nome do candidato	Partido	Cargo Pleiteado	Data de apresentação de candidatura
Alex Hato	PMDB	Deputado federal	05 ago. 2014
Amélia Naomi	PT	Deputado federal	27 set. 2014
Patricia Kiyomi Tani	PSDB	Deputado estadual	30 set. 2014

FONTE: Elaborada pela autora com base nas informações obtidas do jornal *Nikkei Shimbun* de 2014

O quadro 5 apresenta, em ordem alfabética, os principais candidatos nipo-brasileiros para eleição geral e municipal que foram mencionados diversas vezes nos artigos no período de 1998-2014 e seus partidos políticos, incluindo as apresentações de candidatura e quaisquer outras citações relacionadas à eleição. Além disso, foi registrado em quais estados se candidataram, o ano em que as citações foram feitas e os jornais que os citaram. Dependendo do candidato, ele pode ter sido citado várias vezes em diferentes dias no mesmo ano. Essa tabela não foi elaborada para contar todos os candidatos nipo-brasileiros, foram listados somente aqueles que se destacaram pela frequência de citações nos jornais, com o objetivo de observar a tendência partidária das matérias dos jornais ao longo do tempo. Os partidos dos

candidatos são variados e não foi considerado que os jornais estão destacando candidatos de alguns partidos específicos.

QUADRO 5: CANDIDATOS NIPO-BRASILEIROS MENCIONADOS NOS JORNAIS E SUA RELAÇÃO AOS PARTIDOS POLÍTICOS (1998-2014)

Nome do candidato	Partido	Estado de candidatura	Ano de citação e os jornais
Aurélio Nomura	PSDB	São Paulo	2002, 2008, 2012 (<i>Nikkei Shimbun</i>)
Hélio Nishimoto	PSDB	São Paulo	2010, 2012, 2014 (<i>Nikkei Shimbun, São Paulo Shimbun</i>)
Jooji Hato	PMDB	São Paulo	2006, 2008, 2010, 2014 (<i>Nikkei Shimbun, São Paulo Shimbun</i>)
Junji Abe	DEM, PFL, PSD	São Paulo	1998, 2010, 2014 (<i>Nikkei Shimbun, São Paulo Shimbun</i>)
Keiko Ota	PSB	São Paulo	2010, 2014 (<i>Nikkei Shimbun, São Paulo Shimbun</i>)
Luiz Nishimori	PSDB, PR	Paraná	2002, 2010, 2014 (<i>Nikkei Shimbun, São Paulo Shimbun</i>)
Ushitaro Kamia	PPB	São Paulo	1998, 2004 , 2012 (<i>Nikkei Shimbun, São Paulo Shimbun</i>)
Victor Kobayashi	PSDB	São Paulo	2008, 2010, 2012 (<i>Nikkei Shimbun, São Paulo Shimbun</i>)
Walter Ihoshi	DEM, PSD	São Paulo	2002, 2006, 2010, 2014 (<i>Nikkei Shimbun, São Paulo Shimbun</i>)
William Woo	PSDB, PPS, PV	São Paulo	1998, 2006, 2010, 2014 (<i>Nikkei Shimbun, São Paulo Shimbun</i>)

FONTE: Elaborada pela autora com base nas informações obtidas do jornal *Nikkei Shimbun* e *São Paulo Shimbun* entre 1998-2014

Entre os candidatos citados frequentemente, mesmo com uma grande variedade de partidos dos candidatos nipo-brasileiros, foram encontrados poucos partidos de esquerda como PT e PSB. Por outro lado, foram observados repetidamente o PMDB e o PSDB. Percebemos que alguns candidatos mudaram de partido várias vezes com o passar do tempo, no entanto, é interessante observar que isso nunca foi mencionado nos jornais.

2.2.3 Análise de matérias jornalísticas

No período eleitoral, os jornais estimulam o interesse do público pelos candidatos nipo-brasileiros com publicações diversificadas relacionadas ao tema, como as apresentações de candidatura com entrevistas, notícias sobre as campanhas eleitorais dos candidatos, notícias sobre a realização de debates públicos e análises de candidatura, inclusive publicam colunas e textos de leitores. As coberturas eleitorais dos jornais são bastante opinativas. Na maioria das vezes, colaboraram com a imagem positiva dos candidatos e em nenhuma vez foi mostrada a imagem negativa.

Observamos que as coberturas não são necessariamente direcionadas para apoiar ideias políticas ou partidos políticos, mas para apoiar os candidatos em si. Nas matérias de apresentação de candidatura, elas apresentam a biografia do candidato e sua familiaridade com a comunidade japonesa, às vezes contando até a história da sua família. Depois disso, destacam a imagem de representante da comunidade e expõem os benefícios que os políticos nipo-brasileiros poderiam trazer à comunidade japonesa independente da filiação. Dependendo da matéria, não foi nem mencionado o partido político do candidato. Esses artigos de apresentação de candidatura ou de saudações após a eleição transmitem as mensagens dos candidatos diretamente ao público da comunidade. Desta maneira, os jornais estão ajudando voluntariamente os candidatos nipo-brasileiros a dialogarem com o público leitor. Ao mesmo tempo, os artigos de apresentações de candidatos fora da comunidade japonesa demonstraram que a descendência japonesa não é o único critério para ter um espaço nos jornais e o mais importante é o relacionamento com a comunidade japonesa e o benefício de apoiar candidatos não descendentes de japoneses para a comunidade japonesa. Nota-se

assim que o critério de pertencimento à comunidade supera a questão da filiação partidária ou a orientação ideológica.

Além disso, através das diversas publicações, os jornais trazem a discussão sobre a importância de se ter políticos nipo-brasileiros na sociedade brasileira e a questão de como tê-los. Podemos observar que os jornais estão oferecendo espaço para os leitores dialogarem com outros leitores que debatem sobre a importância de se ter políticos nipo-brasileiros para o desenvolvimento da comunidade japonesa e do Brasil, e como podem elegê-los. Considerando os alertas sobre a votação nas análises de candidatura, observamos que aparentemente o *Nikkei Shimbun*, opinando sobre a votação, está tentando eleger mais candidatos nipo-brasileiros com os votos da comunidade, diferentemente da percepção de Miyao (1980) que de 1948 até 1974 os descendentes de japoneses conseguiam eleger os representantes com seu próprio voto e após 1974, generalizados os votos, mesmo um político nipo-brasileiro não mais poderia ser eleito com os votos exclusivos da comunidade japonesa. Por outro lado, independentemente da questão de que os jornais influenciam ou não na votação, as matérias relacionadas a discussão de como a comunidade japonesa pode eleger políticos nipo-brasileiros despertam a consciência da solidariedade da comunidade entre os leitores.

É muito interessante observar o uso de termos específicos frequentemente encontrados nas matérias, como eleição nipo-brasileira, base eleitoral da comunidade japonesa e voto japonês. O uso frequente destes termos delimita um espaço reservado para os membros da comunidade. Além disso, as matérias orientam o sentimento coletivo da comunidade apresentando termos como “nós”, “colônia” e “comunidade”, que tornam o sujeito das matérias. Essa linguagem dos jornais tende a conduzir os leitores a sentirem empatia com os candidatos nipo-brasileiros, baseando na negociação do sentimento coletivo de pertencer a uma comunidade étnica e da identidade da descendência de imigrantes. A identidade de ser étnico deve ser reconhecida, nesse caso principalmente, pela questão de

orgulho de ter ascendência japonesa, que é abordada com a argumentação de quanto os descendentes de japoneses estão contribuindo para a sociedade brasileira.

É possível afirmar que diferentemente da intenção de influenciar na votação e tentar trazer benefícios políticos para a comunidade, as coberturas políticas dos jornais japoneses promovem a coletividade da comunidade japonesa e fazem prevalecer a identidade nipo-brasileira. Assim, até nos assuntos relacionados às eleições brasileiras, os jornais trazem os elementos do sentimento coletivo da comunidade imigrante e identidade étnica para o seu público leitor.

IV PERCEPÇÃO DE LEITORES DO *NIKKEY SHIMBUN* E DO *SÃO PAULO SHIMBUN* SOBRE A COBERTURA POLÍTICA E POSIÇÃO DOS POLÍTICOS NIPO-BRASILEIROS

1 Entrevistas com os leitores sobre as matérias eleitorais e políticos nipo-brasileiros

Para abordar a percepção dos leitores sobre as coberturas políticas do *Nikkei Shimbun* e do *São Paulo Shimbun*, foram realizadas algumas entrevistas com os leitores. O alvo da entrevista é o leitor da primeira e da segunda ou terceira geração de imigrantes japoneses. O primeiro é o público-alvo dos jornais e não vota no Brasil, no entanto, o segundo grupo vota no país mas pertence a faixa minoritária de leitores. Foram entrevistados no total treze leitores, nove da primeira geração e quatro da segunda. Nesta pesquisa não foram encontrados leitores da terceira geração. A faixa etária dos entrevistados varia entre 60 e 90 anos. Os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente entre autoridades da comunidade japonesa, membros das associações japonesas, entre outros. As entrevistas foram coletadas a partir de 2013 até o início de 2015, nas cidades de São Paulo e Curitiba. Foram realizadas entrevistas presenciais semiestruturadas que duraram de 15 a 30 minutos. Nas entrevistas, além da relação com as matérias políticas, foram abordados os motivos em ler jornais japoneses, os costumes de leitura e as opiniões gerais sobre os jornais. Todas as entrevistas foram realizadas em japonês. Nesta sessão, serão abordadas todas as entrevistas realizadas na pesquisa.

1.1 Depoimentos dos leitores

O senhor Y. de 70 anos, primeira geração, representante do Escritório da Província de Hyogo do Brasil que é sediado em Curitiba, assina o *Nikkei Shimbun* e o *São Paulo Shimbun* por 5 anos utilizando o nome do escritório. Ele assinou os jornais baseado na relação que o escritório tem com os jornais e também pela recomendação de amigos japoneses. Respondeu

que lê com interesse os artigos ligados aos políticos descendentes de japoneses e que como não vota no País, porém pensa em pedir à sua família para votar nesses políticos descendentes de japoneses. Comentou que não consegue confiar nos políticos brasileiros de modo geral, pois existe muita corrupção, assim, quer que os políticos nipo-brasileiros mostrem sua honestidade e o espírito japonês. Considerou que é necessário ter políticos nipo-brasileiros para a melhoria da política brasileira e acredita que assim a imigração japonesa poderia contribuir com essa questão como já o fez em outras áreas para o desenvolvimento do Brasil, como na agricultura e na economia. No pensamento dele, a comunidade japonesa deve apoiar os candidatos nipo-brasileiros nas eleições e criar mais oportunidades para reunir a comunidade para discutir sobre os candidatos. Pelos comentários, seu pensamento é parecido com as opiniões que os jornais japoneses publicam.

O senhor S. de 67 anos, que é um secretário da Associação da Província de Gifu do Brasil sediada em São Paulo, imigrou para o Amazonas com seus pais quando ainda era criança. Respondeu que continua a ler as imprensas japonesas porque era um costume da sua casa no Japão e queria mantê-lo mesmo vivendo no Brasil, além do mais, não tinha outra maneira de obter notícias sobre o Japão quando ainda não tinha acesso a internet. Quando trabalhava numa empresa japonesa em São Paulo, no escritório, lia três diferentes jornais japoneses do Brasil por 20 anos. Depois, assinou o *Nikkei Shimbun* e o *São Paulo Shimbun* por 5 anos, de 2001 a 2005 e, mais tarde cancelou as assinaturas e começou a ler os dois jornais na associação onde já eram assinados. Ele os lê todos os dias por meia hora, porém não lê todas as matérias, pois está acessando as principais notícias via internet. Além disso, as notícias sobre o Brasil, ele as lê nos jornais brasileiros. Ele aprendeu português em escolas brasileiras e se formou em uma universidade de São Paulo. Respondeu que o principal interesse nos jornais é sobre o atual pensamento dos japoneses e como os japoneses veem o Brasil. Ele comentou, “mesmo morando fora do Japão, sinto que sou japonês. Assim, tenho

interesse no que os japoneses estão pensando agora.” Lendo as notícias da comunidade japonesa, às vezes encontra comentários dos visitantes japoneses sobre o Brasil e ele lê essas matérias com cuidado. Em relação à política, respondeu que tem interesse sobre a política geral, mas não tem interesse específico sobre os políticos descendentes de japoneses porque ele não encontra candidatos com ideais políticos com os quais ele concorde. Comentou que está lendo as matérias políticas dos jornais japoneses junto com outras matérias, porém, pretende manter distância do assunto. Mesmo que não ache bons políticos brasileiros, ele também questionou se os políticos nipo-brasileiros poderiam ajudar a política brasileira e de que forma fariam. Lembrou que antigamente existiram bons políticos nipo-brasileiros e que os filhos dos imigrantes eram influenciados pelas opiniões de seus pais em relação à eleição, agora, diferente do passado, têm muitos descendentes de japoneses que estão apoiando outros candidatos.

O senhor C. de 73 anos, atual presidente da Associação da Província de Iwate do Brasil, sediada em São Paulo, lê os jornais japoneses no Brasil há 60 anos. Seu pai assinava os jornais e sua família, inclusive seus irmãos, costumavam ler jornais japoneses. O motivo de ler jornais japoneses devia ao fato de não saber português e acreditar que é muito importante estar informado sobre as notícias da comunidade japonesa em que convive. Atualmente lê as notícias do Japão pela internet, assim o maior interesse nos jornais japoneses são as notícias da comunidade japonesa. Em relação à política, comentou que se pudesse votar no Brasil queria votar nos políticos descendentes de japoneses. Não tem interesse específico na política, porém, achou que é bom que muitos políticos originários da comunidade japonesa atuem na política brasileira e desejou que esse número aumentasse. Ele respondeu isso baseado na questão do orgulho da imigração japonesa no Brasil. Para a atividade da associação, ele mesmo está escrevendo um boletim há 35 anos e distribuindo cerca de 450 cópias para associados e não associados.

O senhor T. de 89 anos, residente em Curitiba, chegou ao Brasil com seus pais quando tinha nove anos. Ele aprendeu português em escolas brasileiras desde pequeno, por isso, a vida dele é quase similar a segunda geração da imigração japonesa. Nesse contexto, ele considerava que o japonês dele não era muito bom e sentia necessidade de praticar a ler e escrever em japonês. Ele acredita que esse foi o maior motivo para começar e continuar a ler jornais japoneses. Assinou o *São Paulo Shimbun* por mais de 60 anos, desde sua fundação. Ele lia o jornal todos os dias, o máximo possível, e até comentava “falta tempo para ler suficientemente as matérias”. Porém, a entrega do jornal estava falhando frequentemente e não chegava todas as manhãs. Contou que quando isso acontecia sentia um grande desespero e chegava até a fazer falta no seu dia-a-dia. Assim, cancelou a assinatura do *São Paulo Shimbun* e depois em 2013, assinou o *Nikkei Shimbun*. Entretanto, o *Nikkei Shimbun* também não chegava todos os dias pelos problemas no transporte e ele recebia somente alguns exemplares por semana, contou que está pensando novamente em cancelar a assinatura. Sobre as matérias políticas, comentou que não entende bem a política em geral, mesmo lendo, sente que os assuntos não são tão familiares a ele e não está dando a atenção especial para essas matérias.

O senhor I. de 70 anos imigrou para Brasil pela *Japan Student Foreign Immigration Federation* em 1968 e atualmente ajuda a secretaria da Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil. Lê os dois jornais, o *Nikkei Shimbun* e o *São Paulo Shimbun* e utiliza-os como importante fonte de informações da comunidade japonesa. Contou que está sabendo dos eventos das entidades japonesas e acompanhando os acontecimentos na comunidade. Ele não assina os jornais, geralmente os lê na secretaria da federação ou nos escritórios das outras associações de províncias japonesas do bairro Liberdade onde frequenta.²⁷ Também comentou que assiste o canal NHK nas associações.²⁸ Além das

²⁷ Na maioria das vezes, as associações das províncias estão assinando o *Nikkei Shimbun* ou o *São Paulo Shimbun*, ou os dois.

notícias da comunidade, ele mostrou interesse pelo espaço de divulgações dos leitores, onde leitores publicam seus poemas, histórias e opiniões. Respondeu que, em geral, não tem muito interesse no mundo político. Contrariando seu desinteresse, contou que espera que mais descendentes de japoneses atuem na política e contribuam para a sociedade brasileira, ao mesmo tempo, questionou se realmente os políticos nipo-brasileiros ajudam na melhoria da política brasileira.

A senhora O. de 74 anos imigrou para o Brasil com 18 anos e não teve a chance de aprender português numa escola brasileira. Ela é associada da Associação da Província de Gunma do Brasil e mora no prédio da associação²⁹. Ela lê o *Nikkei Shimbun* no escritório da associação, que está localizado no mesmo prédio onde ela reside. Respondeu que tem mais interesse nas notícias do Japão. Ela não usa a internet. Para ela, o jornal impresso é a principal fonte para obter as informações do país. Ela geralmente lê todas matérias, porém respondeu que as coberturas políticas não chamam muita atenção. Para a pergunta sobre em relação aos políticos nipo-brasileiros, comentou que deseja que atuem mais descendentes de japoneses na política brasileira pela expectativa de que eles possam ajudar a comunidade japonesa, porém, ao mesmo tempo, adicionou que não tem político nipo-brasileiro interessante no momento.

O senhor N. de 69 anos imigrou ao Brasil em 1970 com sua esposa, ambos nascidos no Japão. Depois de trabalhar numa fazenda interior do Paraná, mudou-se para a cidade de Curitiba. Pela sua formação, obtida no Japão, começou a trabalhar na prefeitura e depois, naturalizou brasileiro com o objetivo de assumir cargos executivos a nível municipal e estadual. Ele assina o *Nikkei Shimbun* há 20 anos e lê o jornal no final de semana. Na casa, pelo costume de leitura familiar, assina o jornal Gazeta do Povo, porém, comentou que prefere ler em japonês para entender melhor. Ele lê com mais atenção no jornal japonês a página das notícias do Japão. Sobre as notícias da comunidade japonesa, comentou que tem

²⁸ NHK (nippon housou kyokai) é Japan Broadcasting Corporation, que pode ser assistido no canal fechado brasileiro.

²⁹ Dependendo das associações de províncias, possuem os prédios que tem quartos para alugar.

mais interesse nos assuntos sobre as atividades de empresas japonesas no Brasil. Como ele é naturalizado no País, respondeu que quer apoiar os políticos nipo-brasileiros e vota em candidatos descendentes de japoneses, mesmo afirmando que por enquanto não têm políticos que realmente considera bom. Em relação às matérias do jornal sobre candidatos nipo-brasileiros, respondeu que não tem muito interesse. Depois das perguntas, ele pensou e contou sua opinião geral sobre japoneses e seus descendentes no Brasil: “quero que os japoneses difundam sua cultura japonesa sem negar a cultura brasileira. Podem harmonizar uma com a outra e, mesmo assim, continuando a ter dignidade da sua cultura original. *Nissei* (segunda geração) e *sansei* (terceira geração) parecem estar mais individualistas e não estão colaborando um com o outro. Entre eles, tem que ter líderes firmes para melhorar a situação.”

Na Praça da Liberdade, é fácil de encontrar durante o dia idosos japoneses lendo jornais sentados nos bancos da praça e nas lanchonetes. Um deles é o senhor O. de 85 anos da primeira geração. Ele encontra com seu amigo japonês na praça e compartilham os jornais japoneses. Ele nasceu na província de Yamaguchi e imigrou para o Brasil em 1932, trabalhou no comércio como proprietário de restaurantes e bares em São Paulo. Assinou o *São Paulo Shimbun* por 60 anos, desde a criação do jornal, e posteriormente, por um tempo, também assinou o *Nikkei Shimbun*. Porém, há alguns anos cancelou a assinatura de ambos os jornais pelas falhas da distribuição dos jornais. O senhor O., no entanto, lê o jornal *Nikkei Shimbun* que o seu amigo compra na banca. Ele disse ter interesse nas notícias sobre o Japão e nas notícias sobre a comunidade japonesa. Ele gosta das páginas de notícias da comunidade, pois são relacionadas aos seus compatriotas e por essa razão prefere o *Nikkei Shimbun* ao *São Paulo Shimbun*, pois o primeiro parece ter mais notícias relacionadas à comunidade. Respondeu que não tem muito interesse na cobertura política do jornal. Contou que não conhece bem os partidos políticos e não conhece pessoalmente nenhum político nipo-brasileiro, porém, através de seus conhecidos, sempre escuta coisas boas sobre eles. Ele

pensa que é bom ter políticos nipo-brasileiros, isso porque, “eles são do mesmo sangue japonês e eu, como um japonês, sinto bem sobre a notícia.” Comentou que ele pede para sua família votar nos candidatos nipo-brasileiros. No final da entrevista, ele levantou a questão: “mesmo tendo bons políticos nipo-brasileiros seria difícil mudar a sociedade brasileira com esses poucos.”

Além dos leitores da primeira geração, foram realizadas entrevistas com os leitores da segunda geração. A primeira dificuldade foi a de encontrar leitores da segunda ou terceira geração, diferentemente da primeira geração, supomos que o número de leitores dessas gerações é muito baixo. Abaixo foram transcritas as entrevistas com quatro da segunda geração.

A senhora S. de 72 anos pertence à segunda geração e lê todos os dias o *Nikkei Shimbun* e o *São Paulo Shimbun* através dos sítios. A entrevista foi realizada em japonês. Ela nasceu perto do município de Lins do estado de São Paulo e mudou-se para Curitiba com a família aos 13 anos. Seus pais pertenciam a primeira geração e no Brasil seu pai trabalhou como bancário e a mãe como professora de japonês. Ela contou que aprendeu primeiramente japonês e depois, ao ir à escola, aprendeu português. Ela também tornou-se professora de japonês, sucedendo a profissão da sua mãe, e leciona há 36 anos. Os jornais japoneses faziam parte do seu cotidiano, pois era costume em casa lê-los, ela lembra que o seu pai assinava o *São Paulo Shimbun*. Ela prefere saber das notícias sobre o Japão e sobre a comunidade japonesa, tendo curiosidade em ler quaisquer assuntos sobre os temas. Comentou que na hora de leitura dá mais atenção para a escrita e gosta de aprender novas expressões e vocabulários da língua japonesa. Não lê artigos sobre políticos ou candidatos nipo-brasileiros com interesse especial, mas os apoia, “nós temos que apoiá-los.” Na percepção dela, eles ajudam as empresas japonesas a terem negócios no Brasil e realizam missões levando brasileiros para o Japão. Além de pensar que os políticos nipo-brasileiros são confiáveis, apoia principalmente

os políticos nipo-brasileiros que falam a língua japonesa e os considera necessários para a ligação entre os dois países. Para ela, se não sabe falar japonês, mesmo sendo candidato descendente de japoneses, não é destacado entre demais candidatos brasileiros. Ela conversa com sua família para ajudar os candidatos nipo-brasileiros, caso não tenham outros candidatos brasileiros mais interessantes. Adicionou, também, “ultimamente parece que os políticos nipo-brasileiros não trazem mais muitos benefícios para a comunidade japonesa, assim não tenho tantas expectativas sobre eles.”

Uma outra leitora entrevistada é a senhora O. de 72 anos, nascida em Assaí, norte do Paraná, pertence a segunda geração e também é professora de japonês. A entrevista foi realizada em japonês. Ela lê o *Nikkei Shimbun* na escola japonesa onde trabalha. A escola recebe o *Nikkei Shimbun* gratuitamente há alguns anos, graças ao apoio do jornal. Ela seleciona e recorta os artigos interessantes para mostrar aos alunos e aos outros professores. Quando era criança, logo após o final da guerra, ela se sentia oprimida, pois era proibida a utilização de línguas estrangeiras em público. Aprendeu *Hiragana*³⁰ com sua mãe, porém mesmo querendo, na infância, não teve oportunidade de aprender japonês fora de casa. Seus pais assinavam o *Paulista Shimbun* e o *Nippaku Mainichi Shimbun*. Acostumada desde a infância com escritas japonesas, sempre teve vontade de ler livros e mangás em japonês. Depois de se casar e ter filhos, estudou japonês numa escola de idiomas em Curitiba e foi para o Japão três vezes para o treinamento de professora de japonês. Praticando o idioma, teve em mente a seguinte missão: “mesmo sendo *nissei* (segunda geração) não quero ser diferenciada dos professores *isseis* (primeira geração).” Trabalhando como professora na escola japonesa em Curitiba há mais de 15 anos, assumiu o cargo de coordenadora administrativa e diretora. Tem interesse na página das notícias do Brasil traduzidas para japonês e das notícias da comunidade japonesa. Ela lê as notícias do Brasil em japonês e as compara com as originais em português, para saber como escrever os acontecimentos do Brasil em japonês, ela enfatiza

³⁰ *Hiragana* é um dos alfabetos silábicos da língua japonesa.

que isso faz parte da sua formação de professora. Além do mais, ela tem grande interesse na educação japonesa no Brasil e em assuntos relacionados à literatura nipo-brasileira, que são discutidos na página das notícias da comunidade. Sobre a cobertura política, ela respondeu que não tem muito interesse, pois não tem afinidade por candidatos e tem impressão de que não são muito confiáveis, porém, pretende apoiá-los como candidatos nipo-brasileiros. Ela acredita que eles podem trazer algum benefício para a comunidade japonesa e para a escola japonesa. Contou que sua família também os apoia, tendo o mesmo pensamento e demonstrou a sua opinião: “seria uma vergonha se não tivesse políticos nipo-brasileiros na sociedade brasileira, mas ao mesmo tempo também preocupo se esses políticos não seriam uma vergonha para descendentes de japoneses.”

A seguinte entrevista foi coletada com dois idosos no Centro de Estudos Nipo-Brasileiros de São Paulo, um da primeira geração e um outro da segunda geração. As entrevistas foram realizadas com duas pessoas, pois os dois eram amigos e estavam no mesmo local. As entrevistas foram realizadas em japonês. No entanto, é possível que um possa ter influenciado o outro ao responder as perguntas. O senhor S. tem 85 anos e imigrou ao Brasil em 1952, depois de estudar no curso de português da Universidade de Línguas Estrangeiras de Tóquio. Trabalhou como intérprete de português e japonês na antiga embaixada do Japão no Rio de Janeiro, e posteriormente numa empresa japonesa de exportação. Depois de assinar o *Paulista Shimbun* por cerca de 30 anos, mudou para o *São Paulo Shimbun* há 20 anos. Faz parte do seu cotidiano ler os jornais japoneses todos os dias na hora do café da manhã. O motivo da leitura é saber dos acontecimentos da comunidade japonesa, eventos da comunidade e notícias de seus conhecidos. Ele frequenta eventos culturais da comunidade após consultar as datas no jornal e também gosta de ler contos e novelas escritas por pessoas da comunidade. Ele assina o jornal brasileiro, o Estado de São Paulo, e o lê com o apoio de um dicionário de português e japonês, assim treinando o idioma português, por isso tem

interesse na página das notícias do Brasil para saber a tradução. Respondeu que mesmo lendo não tem interesse especial sobre os artigos de políticos nipo-brasileiros. O senhor S. disse que, ao ler os artigos, pensa se eles são bons políticos ou não.

O senhor M. tem 84 anos e faz parte da segunda geração, amigo do senhor S., nasceu na Colônia Aliança do estado de São Paulo. Ele foi ao Japão aos nove anos para morar com seus parentes na província de Nagano, porém só conseguiu voltar ao Brasil com 23 anos, depois de se formar na universidade, pois ficou impedido de voltar ao País por causa da Guerra do Pacífico. Assim, ele completou o ensino fundamental, médio e superior no Japão. Contou que na infância esqueceu o português e que agora não fala bem o idioma. Por assumir o conselho do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, visita o centro frequentemente e lê o *São Paulo Shimbun* e o *Nikkei Shimbun*, assinado pelo escritório, duas ou três vezes por semana. Para ele, jornais japoneses são objetos de observação da imigração japonesa, então, não faz falta se não lê-los. Ele gosta principalmente da literatura nipo-brasileira publicada nos jornais pelos seus leitores e observa sua evolução. Comentou que nos últimos anos os jornais não são mais interessantes, pois não têm mais artigos argumentativos. Respondeu que não tem interesse nas coberturas sobre políticos nipo-brasileiros e afirmou que não vota neles. Confessou que já se sentiu desconfortável sobre a suposição que todos descendentes de japoneses devem votar nos candidatos nipo-brasileiros, quando ele estava na fila da votação, uma idosa descendente de japoneses, que estava atrás dele na fila, lhe perguntou o número de candidatos descendentes de japoneses para que ela pudesse votar. Ele acredita que antigamente existia uma forte influência da opinião da primeira geração para a segunda geração na eleição, lembrando que na época havia candidatos nipo-brasileiros que discursavam em japonês.

Foi entrevistado o senhor S. de 81 anos, segunda geração, que mora em Assaí no estado do Paraná, em um evento japonês de Curitiba. A entrevista foi realizada em japonês.

Ele mora em Assaí desde quando tinha nove anos. Estudou na escola japonesa da região, escreve e fala japonês desde sua infância. Ele atuou na diretoria da Aliança Cultural Brasil-Japão do Paraná, sediada em Londrina, por 22 anos, como presidente e vice-presidente, e atualmente é presidente honorário da associação. Também assume presidente de um centro de educação japonesa da região há dez anos. Segundo ele, seus filhos e netos sabem falar e escrever japonês. Ele, em parceria com o seu primo, assina o *São Paulo Shimbun* e o *Nikkei Shimbun*. Já assinava o *Nippaku Mainichi Shimbun* e o *Paulista Shimbun* antes do *Nikkei Shimbun*. Para ele, os jornais japoneses são as únicas formas de receber notícias da comunidade japonesa e afirmou que continuará a lê-los até o último dia da sua vida. Respondeu que gosta de ler as matérias sobre os políticos nipo-brasileiros e desejava que existissem mais políticos nipo-brasileiros. Segundo ele, a razão de apoiá-los é “ter bons políticos nipo-brasileiros na sociedade brasileira é o orgulho da imigração japonesa.”

1.2 Análise das entrevistas com os leitores

Nas entrevistas, os costumes dos imigrantes e seus descendentes em relação à leitura dos jornais japoneses foram revelados. Muitos entrevistados comentaram que já assinaram mais de um jornal japonês e os assinam por muito tempo, durante décadas. A leitura dos jornais japoneses faz parte do seu cotidiano. O motivo dos entrevistados para ler os jornais japoneses foi saber das notícias da comunidade japonesa, continuar com o costume familiar e praticar a leitura em japonês. Foi demonstrado que muitos entrevistados utilizam os jornais como uma fonte de informações sobre a comunidade. Entre os motivos de lê-los, podemos dar a atenção aos depoimentos frequentes sobre o costume familiar de leitura de jornais na casa. No caso dos entrevistados da primeira geração, eles estão mantendo seus costumes que tiveram no Japão, e no caso da segunda geração, estão sucedendo os costumes da geração anterior. É interessante observar que os entrevistados não demonstraram muito interesse nas páginas de notícias do

Brasil traduzidas de jornais brasileiros e notícias do Japão. Em relação à página de notícias do Japão, pode ser explicado pela difusão da internet e dos programas da emissora NHK no Brasil a partir de 2000.

A maioria dos entrevistados, onze pessoas entre treze, declarou não ter interesse específico sobre as coberturas políticas dos jornais e nos assuntos referentes aos políticos descendentes de japoneses. É interessante notar que mesmo os entrevistados da segunda geração e os imigrantes naturalizados no País, que podem votar, não demonstraram interesse nas matérias dos políticos nipo-brasileiros, quatro entre cinco entrevistados responderam que não tem interesse específico nelas. Simultaneamente, muitas respostas mostraram que mesmo as matérias não sendo interessantes eles as leem. Na maioria das vezes, independente do seu interesse nas matérias, os entrevistados mostraram o desejo de que os descendentes de japoneses atuassem na política brasileira e responderam que os apoiam. Alguns entrevistados da primeira geração contaram que pedem para que seus filhos votem mais em candidatos nipo-brasileiros e outros entrevistados da segunda geração também contaram que preferem votar neles. As respostas obtidas para esse desejo apareceram como a questão de orgulho da imigração japonesa no Brasil e alguns entrevistados relacionaram a questão à argumentação de quanto os descendentes de japoneses estão contribuindo para a sociedade brasileira. Foi observado o frequente aparecimento da palavra “orgulho” nas falas dos entrevistados em português e em japonês (*Hokori* “誇り” em japonês). Quando os entrevistados trataram do assunto dos políticos nipo-brasileiros, a preocupação estava ligada à identificação da comunidade japonesa dentro da sociedade brasileira, não somente ao benefício que a comunidade ganhará através do trabalho desses políticos. Podemos considerar que este sentimento de orgulho dos imigrantes pode ser reforçado pela diferenciação dos outros brasileiros, como vemos na percepção de Weber sobre a honra étnica de que “todas diferenças de ‘costumes’ podem alimentar, em seus portadores, um sentimento específico de ‘honra’ e

‘dignidade’” (1991: 269).

Mesmo observando os títulos ou lendo as matérias sobre os candidatos nipo-brasileiros, a maioria dos entrevistados não demonstrou interesse em lê-las. Os entrevistados da primeira e segunda geração preferem os políticos nipo-brasileiros, motivados pelo orgulho da imigração japonesa e esta preferência não estaria ligada ao interesse nessas matérias? Se eles não obtêm informações sobre os candidatos nipo-brasileiros, como julgar quais candidatos nipo-brasileiros são os melhores comparando-os com demais candidatos nipo-brasileiros? Existe alguma outra fonte para as informações? Ou, uma outra suposição é que os leitores observam os títulos ou leem as matérias acreditando que não têm interesse. Isso significa que, independente dos seus interesses, poderiam estar dando uma atenção às notícias. Nesta situação, pelo menos, os jornais assumem a função de noticiar as candidaturas dos políticos nipo-brasileiros na eleição para o público da comunidade japonesa poder procurá-las.

Por outro lado, no ponto de compartilhamento do sentimento de orgulho sobre a imigração japonesa, percebe-se que os critérios demonstrados pelos leitores para quererem políticos nipo-brasileiros são similares à abordagem linguística colaborada nas matérias que conduz a sentir a empatia com os candidatos nipo-brasileiros. Neste ponto, é considerado que independente da consciência dos leitores, a direção da produção das matérias dos jornais e o interesse dos leitores coincidem. As matérias sobre os políticos nipo-brasileiros, inclusive as candidaturas na eleição, poderiam ser o que os leitores estão querendo ver nos jornais japoneses inconscientemente, como um elemento para elevar o sentimento de orgulho sobre a imigração japonesa. Ou, podem ser as linguagens dos jornais que estão provocando a curiosidade dos leitores sobre esse sentimento.

2 Entrevistas com os políticos nipo-brasileiros relacionados às matérias eleitorais

2.1 Depoimentos dos políticos

Para saber as opiniões dos candidatos nipo-brasileiros sobre os jornais japoneses, foram realizadas entrevistas com cinco políticos e ex-políticos nipo-brasileiros da segunda e da terceira geração de descendentes de japoneses: Jooji Hato, Victor Kobayashi, Junji Abe, Hatiro Shimomoto e Luiz Nishimori. A maioria das entrevistas foi realizada por telefone, exceto em um caso, em que ela foi realizada em Curitiba. As entrevistas seguiram os questionários sobre a relação com a comunidade japonesa e a missão dos políticos nipo-brasileiros, além da percepção sobre a importância da divulgação da candidatura nos jornais. Para serem entrevistados, foram escolhidos atuais políticos ou ex-políticos que assumiram cargos públicos de vereador, deputado estadual ou deputado federal. Os contatos foram obtidos através da cooperação da redação do *Nikkei Shimbun* e do *Jornal Nippak*.

O primeiro entrevistado foi o atual deputado estadual de São Paulo, Jooji Hato, 66 anos, segunda geração. Segundo o sítio oficial do deputado, ele é descendente de imigrantes das províncias japonesas de Ehime e Wakayama. Nasceu no município de Pacaembu do estado de São Paulo. Lá trabalhou com seus pais no roçado de amendoim e depois em uma pequena padaria. Em 1968 veio para São Paulo onde estudou e tornou-se médico cirurgião geral e pediatra. Em 1982 foi eleito para o cargo de vereador pela primeira vez, com aproximadamente 60 mil votos, o quarto mais votado da cidade de São Paulo, e reelegeu-se por sete mandatos consecutivos como vereador de São Paulo. Em 1998 foi candidato ao Senado por São Paulo, quando alcançou 300 mil votos, e em 2010 foi eleito deputado estadual com cerca de 84 mil votos. Na última eleição de 2014, foi reeleito deputado estadual com 67,125 votos.³¹ Atua como membro da Executiva Estadual do PMDB. O sítio destaca, “uma importante luta política de Jooji Hato foi a devolução do Hospital Santa Cruz à Comunidade Nipo-Brasileira, que teve este bem usurpado durante a Segunda Guerra. Foi graças ao seu

³¹ Informação foi retirada do *Nikkei Shimbun* do dia 7 de outubro de 2014.

trabalho e dedicação junto com a comunidade, que conseguiu retomar o Hospital Santa Cruz.” A entrevista foi realizada por telefone, e foi feita em japonês. Hato contou que fala japonês, porém, não sabe ler em japonês, assim não lê os jornais japoneses. A razão de visitar as redações japonesas na eleição, contou que os jornais têm leitores da segunda geração que votam e seus conhecidos, da segunda geração, também estão lendo.

A segunda entrevista foi o ex-vereador de São Paulo, Victor Kobayashi, 40 anos, terceira geração. Ele é filho do ex-deputado federal, Paulo Kobayashi, e é presidente de honra do Instituto Paulo Kobayashi (IPK) que lida com execução e coordenação de projetos sociais. Em 2008 foi candidato a vereador de São Paulo e ganhou 15 mil votos. Em 2010 foi candidato a deputado estadual de São Paulo alcançando cerca de 50 mil votos³², em meado de 2011 assumiu o cargo de vereador de São Paulo por um mês, como suplente. A entrevista foi feita pelo telefone, e em português. Contou que não sabe ler japonês, assina e lê somente o jornal português, Jornal Nippak da Editora Jornalística União Nikkey Ltda. Ele não considera que os jornais em japonês ajudam a obter votos. Para a importância de divulgação nos jornais, Kobayashi comentou que tem como objetivo informar os leitores sobre seus projetos culturais e sociais para a comunidade japonesa, inclusive a primeira geração. Porém, ao mesmo tempo, considerou a influência da opinião da primeira geração sobre seus filhos e conhecidos das outras gerações na eleição, segundo ele, a primeira geração tende a propagar a boa impressão sobre ele nos espaços públicos, como em encontros de associações nipo-brasileiras e em festivais japoneses. Prevê que a grande parte de seus votos na eleição é composta pelos descendentes de japoneses e acredita que a influência da comunicação da primeira geração ainda é forte, descrevendo-a como “votos da primeira geração.” No final da entrevista, demonstrou perspectiva de se candidatar na próxima eleição.

A terceira entrevista foi realizada com o ex-prefeito e ex-deputado federal Junji Abe de 74 anos, da segunda geração. Segundo a sua biografia, encontrada no seu sítio oficial, Abe

³² Informação foi retirada do *Nikkei Shimbun* do dia 9 de outubro de 2010.

nasceu no município de Mogi das Cruzes. Tanto os avós, Makie e Tokuji Abe, como os pais, Fumica e Izumi, são imigrantes japoneses que vieram da província de Oita. O trabalho das três gerações da família Abe em prol do desenvolvimento de Mogi recebeu o reconhecimento da sociedade. Em 1960 Tokuji recebeu o título honorífico de "Cidadão Mogiano" e em 1979 Izumi foi homenageado com a mesma honraria. Abe ingressou na vida pública em 1972, quando foi eleito vereador de Mogi das Cruzes com a maior votação da história da cidade, 3.876 votos. Deputado estadual por três legislaturas consecutivas, conquistou os votos de 30.844 eleitores para iniciar o primeiro mandato em 1991. Foi reeleito em 1994, com 40.073 votos obtidos. Em 1998, teve sua reeleição assegurada pelos 59.932 votos recebidos. Foi o primeiro prefeito de Mogi das Cruzes a exercer dois mandatos consecutivos a partir de 2001. Em 2000 foi eleito com 90.612 votos e em 2004 foi reeleito com 102.689 votos. Em 2010, havia sido eleito para deputado federal por São Paulo, cargo exercido de fevereiro de 2011 a janeiro de 2015, com 113.156 votos. Desde outubro de 2011, integra o Partido Social Democrático, que ajudou a fundar. Na eleição de 2014, obteve 79.909 votos no estado de São Paulo e não conseguiu a reeleição para o cargo. A entrevista foi realizada pelo telefone, e foi em japonês, pois ele fala fluentemente o idioma. Contou que estudava japonês até os 16 anos e depois esqueceu um pouco. Consegue ler japonês, porém, falou que não lê os jornais japoneses, pois leva muito tempo para conseguir compreendê-los. Ele considera que a divulgação de candidatura nos jornais japoneses não é tão importante para votos porque a maioria dos leitores não vota no País. Na percepção de Abe, os jovens da segunda e terceira geração não leem mais jornais japoneses e muitos dos filhos dos imigrantes nascidos no pós-guerra nem sabem ler japonês. Comentou que entre os membros da segunda e terceira geração, somente os líderes de entidades nipo-brasileiras devem lê-los. Segundo ele, 70 a 80% do total de votos obtidos é composto por brasileiros não descendentes de japoneses. Demonstrou sua opinião, “a situação da eleição na comunidade é uma vergonha. Diferente do

passado, a comunidade perdeu o espírito de ajudar os candidatos nipo-brasileiros na eleição. Somente alguns líderes de entidades nipo-brasileiras estão preocupados com a situação.” Na opinião dele, isso significa o desaparecimento do respeito para a história da imigração japonesa e os pensamentos dos *nikkeis* estão se tornando cada vez mais similares ao dos brasileiros comuns. Comentou, “as entidades nipo-brasileiras sempre pedem doações e ajuda para os políticos nipo-brasileiros, porém, na hora da eleição, não nos ajudam. Sempre tenho me dedicado a melhoria da comunidade japonesa, mas na última eleição consegui somente entrar como suplente. Essa situação é uma lástima para a comunidade.” Segundo Abe, há 30 anos atrás, o apoio da comunidade na eleição era forte. As entidades e associações nipo-brasileiras estavam ajudando voluntariamente e a influência da primeira geração sobre as outras gerações era grande. Mesmo considerando a questão de que agora as entidades e associações têm estatutos que dificultam apoiar as campanhas eleitorais, ele pensa, “quando as pessoas perdem a solidariedade e o interesse na liderança da comunidade, também perdem o interesse nos políticos nipo-brasileiros.” Contou que já teve a experiência de ser criticado nesses jornais japoneses. Para ele, a missão dos políticos nipo-brasileiros é desenvolver o Brasil através do intercâmbio cultural, econômico e diplomático com o Japão. Em seu pensamento, quando o Brasil melhora a comunidade japonesa do Brasil também melhora, mas o contrário não é válido, quando a comunidade japonesa melhora sozinha não ajuda o país. Sua meta é criar bons brasileiros para o futuro, através da educação japonesa que imigrantes japoneses trouxeram como o espírito de solidariedade, respeito e humildade.

A quarta entrevista foi realizada com o ex-deputado estadual, Hatiro Shimomoto, 79 anos, segunda geração. Seus pais, Yasuishi e Tomie Shimomoto, chegaram ao Brasil em 1931 com cinco filhos e tiveram mais sete no País. Hatiro foi o oitavo filho, terceiro a nascer em território brasileiro. Por volta de 1945 a família se mudou para Andradina, onde abriu uma peixaria e uma loja de presentes. Depois mudaram para São Paulo, onde, em 1955, instalaram

o Mercadinho King. Shimomoto formou-se bacharel em Ciências Jurídicas na Faculdade de Direito do Sul de Minas, em Pouso Alegre.³³ Foi eleito, pela primeira vez, ao cargo de deputado estadual em 1971 pela Arena. Assumiu a quarta legislatura pelo PDS, em 1986, recebendo 23 mil votos. Ele assumiu seis mandatos de deputado estadual e mais dois mandatos de suplente de deputado estadual, no total, permaneceu por 32 anos na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (1971-1999). A entrevista foi realizada pelo telefone e em japonês. Ele fala fluentemente japonês, porém, contou que não sabe ler e escrever japonês. Assina o *São Paulo Shimbun*, o *Nikkei Shimbun* e o *Jornal Nippak*, e no seu escritório de contabilidade têm um funcionário japonês que lê as notícias da comunidade japonesa e assuntos políticos do Japão para ele. Para ele, a divulgação da candidatura nos jornais japoneses não era somente para atrair os votos. Shimomoto, por trabalhar junto à comunidade japonesa assumindo cargos de diretoria de associações e entidades nipo-brasileiras, considera como uma obrigação relatar suas atividades para os membros da comunidade, utilizando os jornais como uma ferramenta de comunicação. Na vida pública, segundo ele, sempre teve um forte apoio da primeira geração e ela era que pedia ajuda para a segunda e terceira geração na eleição. Ele acredita que para criar um país, deve-se criar bons humanos, e para criar bons humanos, deve-se criar patriotas. Como um político nipo-brasileiro, falou da missão de desenvolver a sociedade brasileira difundindo a boa educação da cultura japonesa e fortalecendo a diplomacia entre o Brasil e o Japão. Além disso, comentou sobre outra missão, a de ser reconhecido na sociedade brasileira como um bom trabalhador nipo-brasileiro, para poder elevar o nome da comunidade japonesa no País.

A última entrevista foi realizada com o atual deputado federal, Luiz Nishimori, 65 anos, segunda geração. A entrevista foi realizada no dia 23 de fevereiro de 2015, no Palácio Hyogo de Curitiba. Segundo o sítio oficial, ele nasceu em Marialva, no estado do Paraná, e morou por um tempo no Japão com sua família, terminando o ensino médio na província de

³³ Informação foi retirada do sítio Imigração Japonesa, museus, história e depoimentos.

Kochi. Voltando ao Brasil, formou-se no curso de ciências contábeis na Universidade Estadual de Maringá em 1981. Assumiu o cargo de deputado estadual do Paraná por dois mandatos (2003-2010) e foi eleito duas vezes para deputado federal pelo Paraná (2011-2014, 2015-). Na eleição de 2014, foi eleito com 106.852 votos, representando o Partido da República. Ele assina o *Nikkei Shimbun* há 20 anos. Fala fluentemente japonês, também lê e escreve no idioma. A entrevista foi realizada em japonês. Ele considera que a divulgação de candidatura nos jornais japoneses não é muito importante para obter votos porque a maioria dos leitores não vota, porém, pensa que é muito importante relatar suas atividades para a comunidade japonesa, assim ele visita as redações dos jornais todas as vezes que tem assuntos relevantes para informar à comunidade, inclusive sua candidatura. Nishimori supõe, analisando a geografia de seus votos por município, que 10% a 15 % dos votos obtidos são de descendentes de japoneses e que outros políticos nipo-brasileiros devem ganhar menos votos dos descendentes de japoneses. Na percepção dele, os eleitores descendentes de japoneses tendem a não participar ativamente de campanhas eleitorais em comparação com os demais eleitores brasileiros. Sua missão como um político nipo-brasileiro é se dedicar ao fortalecimento da relação Brasil-Japão. Assumiu em 2015 a presidência do Grupo Parlamentar Brasil-Japão da Câmara dos Deputados e afirmou, “quero me dedicar na relação diplomática entre os dois países, continuando o trabalho dos políticos nipo-brasileiros anteriores.” Na opinião dele, a fluência em língua japonesa ajuda bastante a estreitar contatos com autoridades da área econômica e política do Japão, assim para os políticos nipo-brasileiros que não falam a língua o trabalho é difícil. E segundo ele, dos cinco atuais deputados federais nipo-brasileiros, somente ele e mais um falam japonês.

2.2 Análises das entrevistas com os políticos

Nas entrevistas foi revelado que quase todos políticos nipo-brasileiros entrevistados falam bem japonês, porém, a maioria deles não sabe ler o idioma e não lê os jornais japoneses, com exceção de um deputado, no entanto um deles está lendo os jornais com o apoio de uma terceira pessoa que entende a escrita do idioma. A percepção demonstrada por alguns políticos sobre a queda do número de votos obtidos dos descendentes de japoneses na eleição coincidiu com a visão de Miyao (1980), de que os descendentes de japoneses conseguiam eleger os seus representantes, com apenas o voto da comunidade japonesa, no período de 1948-1974 e após 1974, generalizados os votos, mesmo um político nipo-brasileiro não poderia mais ser eleito com a base de votos da comunidade. Quase todos os políticos entrevistados afirmaram que as divulgações de suas candidaturas nos jornais japoneses não resultam diretamente no ganho de votos na eleição, pois a maioria dos leitores dos jornais é da primeira geração e não vota no Brasil. Entretanto, muitos deles consideraram que a importância da divulgação de sua candidatura nos jornais está em relatar suas atividades para os membros da comunidade japonesa. Eles acreditam que isso é importante, pois eles estão atuando fortemente dentro da comunidade japonesa, assumindo cargos em diretorias de entidades ou associações nipo-brasileiras, independentemente das atividades políticas. Muitos desses políticos assumiram, e ainda assumem a liderança em entidades ou associações nipo-brasileiras antes de serem políticos. Neste ponto, para os políticos nipo-brasileiros, a função das matérias de candidatura na eleição dos jornais não é atrair votos, mas é informar suas atuações à comunidade japonesa mantendo a relação com a comunidade.

Porém, ao mesmo tempo, temos que dar atenção aos depoimentos demonstrados de que a primeira geração influencia ou influenciava seus filhos e netos da segunda e terceira geração na hora da eleição, assim, para alguns políticos entrevistados, a primeira geração possui o “voto indireto”, pela percepção de que essa geração tende a falar bem dos políticos

nipo-brasileiros e pode pedir votos para outras gerações. Essa percepção demonstrada por eles coincide com alguns depoimentos feitos por leitores da primeira geração, em que foi contado que pedem para seus filhos votarem em políticos nipo-brasileiros. Porém, segundo os políticos entrevistados, essa influência da primeira geração sobre as demais gerações está diminuindo. Somando essas visões obtidas pelas entrevistas dos leitores e dos políticos, pelo menos, podemos afirmar que os jornais japoneses cumprem a função de informar as candidaturas dos nipo-brasileiros na eleição para o público que não lê notícias em português, mas se envolve com a eleição, que é a primeira geração.

Considerando a percepção dos políticos entrevistados, supomos que há três ou quatro décadas atrás, a primeira geração influenciava mais as demais gerações sobre as escolhas de candidatos nas eleições e era no período em que os antigos jornais japoneses do pós-guerra eram lidos por um público maior da primeira geração do que o de agora. Neste cenário, o público leitor poderia ter mais interesse nas matérias sobre os políticos nipo-brasileiros, e os jornais podiam estar promovendo mais o diálogo entre o público da comunidade e os políticos. Acreditamos que as condições da comunidade japonesa e dos jornais japoneses do Brasil mudaram: o enfraquecimento da ligação entre a primeira geração e os políticos nipo-brasileiros e a diminuição do público dos jornais. Concluímos que as matérias sobre os candidatos nipo-brasileiros na eleição nos jornais japoneses do Brasil podem ter multi-funções e essas variedades de funções podem ser interpretadas considerando o percurso que o público da comunidade japonesa e os jornais japoneses passaram.

CONCLUSÃO

Para os imigrantes, as imprensas em sua língua materna são um dos principais espaços para conservar, cultivar e renovar as tradições, como Park escreveu “the press was a window on life” (1922:106). A leitura das imprensas imigrantes em língua japonesa do Brasil demonstrou o mundo que os imigrantes japoneses conservam dentro de uma comunidade. Nesse trabalho, tentamos esclarecer as relações que os jornais japoneses têm com o seu público leitor, composta pelos imigrantes e seus descendentes. Para este fim, optamos em observar a cobertura política típica feita por essas mídias, através da realização de observações das matérias jornalísticas e de entrevistas com os membros da comunidade. Nesse trabalho foi revelado mais um aspecto da etnicidade dos imigrantes japoneses. Esperamos que o trabalho contribua, como mais uma amostra, para enriquecer as referências em língua portuguesa sobre a imigração japonesa do Brasil.

Dentre todos os políticos brasileiros, percebeu-se que os jornais japoneses produzem matérias específicas voltadas aos políticos descendentes de japoneses e estabelece-se a relação de que os jornais tendem a ajudá-los nas suas atividades, e que os políticos nipo-brasileiros procuram os jornais para divulgarem-se. Consideramos que os políticos estão procurando os jornais para se comunicarem com o público leitor e os jornais são utilizados como uma ferramenta de diálogo entre a comunidade e os políticos nipo-brasileiros. Os políticos nipo-brasileiros pertencem à segunda e terceira geração, que não é o público-alvo dos jornais e, que na maioria das vezes não lê os jornais em língua japonesa. Baseado nas observações das matérias políticas, pudemos observar que os jornais contribuem para a manutenção do laço comunitário entre a primeira geração e as demais gerações.

As notícias relacionadas à campanha eleitoral divulgam as candidaturas dos descendentes de japoneses e apresentam suas biografias. Observamos a produção das matérias relativas à campanha eleitoral de candidatos nipo-brasileiros, a percepção dos leitores e o

pensamento dos políticos nipo-brasileiros retratados nelas, com o objetivo de analisar o significado da produção desses artigos dentro de uma comunidade que não tem participação direta no processo de votação. Os jornais estão ajudando voluntariamente os candidatos nipo-brasileiros a dialogarem com o público leitor. Além disso, a linguagem dos jornais tende a conduzir os leitores a sentirem empatia com os candidatos nipo-brasileiros. Aparentemente, essa condução dos leitores está baseada na negociação do sentimento coletivo de pertencer a uma comunidade étnica e da identidade da descendência japonesa. Foi possível afirmar que a cobertura política dos jornais promove a coletividade da comunidade e faz prevalecer a identidade étnica.

Através das entrevistas com os leitores dos jornais, foi observado que quando tratou-se o assunto dos políticos nipo-brasileiros, a preocupação estava ligada à identificação da comunidade japonesa dentro da sociedade brasileira. Percebeu-se que os critérios demonstrados pelos leitores para quererem políticos nipo-brasileiros são similares à abordagem linguística utilizada nas matérias, que os conduz a sentirem empatia com os candidatos nipo-brasileiros. As matérias sobre os políticos nipo-brasileiros, inclusive as candidaturas na eleição, poderiam ser aquilo que os leitores inconscientemente estão querendo ver nos jornais japoneses, independente do seu interesse, como um elemento para elevar o sentimento de orgulho sobre a imigração japonesa. Por outro lado, pelas entrevistas com os políticos nipo-brasileiros que se relacionam com os jornais japoneses, observamos que muitos deles consideraram que a importância da divulgação de sua candidatura nos jornais está em relatar suas atividades para os membros da comunidade. Para os políticos nipo-brasileiros, a função das matérias de candidatura na eleição dos jornais não é atrair votos, mas é mais informar suas atuações à comunidade cultivando a relação com ela. Ao mesmo tempo, segundo os depoimentos de ambos os lados, leitores e políticos, foi demonstrado que a primeira geração influencia ou influenciava seus filhos e netos, segunda e terceira geração, na eleição. Neste

ponto, também pudemos afirmar que os jornais cumprem a função de informar as candidaturas dos nipo-brasileiros na eleição para o público que não lê notícias em português, mas se envolve com ela.

Concluimos que o conteúdo das matérias poderia ter característica de movimento comunitário e de identificação étnica, não somente a característica comercial e política. Os jornais poderiam estar buscando através da linguagem das matérias um sentimento de coletividade e de identidade da comunidade, uma vez que a questão política não é apresentada de forma ideológica ou partidária. Assim, as matérias sobre os candidatos nipo-brasileiros, no período eleitoral, podem ter múltiplas funções e essas variedades de funções podem ser interpretadas considerando o percurso que os jornais japoneses, o público leitor e os políticos nipo-brasileiros traçaram na história da imigração japonesa no Brasil.

Sou japonesa, dessa forma, o assunto foi investigado sob a percepção de uma nativa. Acredito que a leitura e comunicação em língua japonesa com os imigrantes contribuiu para desenvolvimento da pesquisa. Realizamos inúmeras entrevistas pessoalmente ou por telefone com membros da comunidade imigrante de diversos perfis, percebeu-se a importância de ser uma pesquisadora étnica sobre a acessibilidade ao objeto na pesquisa de comunidade imigrante. Além de ter acesso à língua da comunidade, a própria comunidade poderia dar mais abertura aos pesquisadores de mesma ascendência. Observei que na pesquisa de campo sempre fui bem recebida pelos imigrantes, objeto de pesquisa, e durante a pesquisa não encontrei muita dificuldade de entrar em contato com eles e realizar entrevistas. Assim, por experiência própria, considero que ser um pesquisador étnico poderia ter uma vantagem para realizar pesquisas sociais sobre estudos de imigrantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Fernando Antônio. Agendamento da Política. **Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens**. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p.42-63.

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. **Estrutura familiar e mobilidade social: Estudo dos Japoneses no Estado de São Paulo**. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

CERVI, Emerson; MASSUCHIN, Michele. Metodologia quantitativa em pesquisas sobre cobertura jornalística: análise da eleição municipal de 2012 na *Folha de S. Paulo*. **Revista FAMECOS mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/13324/10798>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

COULON, Alan. **A escola de Chicago**. Campinas: Papirus, 1995.

DEZEM, Rogério. **Matizes do “amarelo”. A gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908)**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

FAUSTO, Boris. Imigração e participação política na Primeira República: o caso de São Paulo. In: __et al. (Org.). **Imigração e política em São Paulo. Série imigração**. São Paulo: Editora Sumaré, 1995. P.7-26.

FUKASAWA, Masayuki. Nikkei mídia no rekishi. In: Associação do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil (Org.). **Burajiru nihonimin hyakunenshi. Seikatsuto bunkahen**. vol.3. Tóquio: Fûkyôsha, 2010. p. 80-250.

FURUSUGI, Masaki. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. **Kisekino Ashiato, Shodai Kenkyûin Ando Zenpati**. 2008. Disponível em: <<http://www.cenb.org.br/cenb/index.php/articles/display/107>>. Acesso em: 20 abri. 2015.

GANS, J. Herbert. Symbolic ethnicity: The future of ethnic group and cultures in America. **Ethnic and Racial Studies**. vol 2. London: Routledge Journals, 1979. P.1-20. Disponível em: <http://faculty.washington.edu/charles/562_f2011/Week%2010/Gans%201979.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2014.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

HIRSCHMAN, Charles. America's Melting Pot reconsidered. **Ann. Rev. Sociol.** New York, 1983.

KOYAMA, Tsuguo. Japoneses na Amazônia: alguns aspectos do processo de sua integração sócio-cultural. In: SAITO, Hiroshi. (Org.). **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980. P.11-28.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. Tradução Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

MAEYAMA, Takashi. **Fûkyônokisha burajiruno shimbunjin Miura Sakuno jinsei**. Tóquio: Ochanomizu Shobô, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnica de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Editora Altas, 1996.

MIYAO, Sussumu. Posicionamento social da população de origem japonesa. In: SAITO, Hiroshi. (Org.). **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980. P.91-99.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. **Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil**. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros: Massao Ohno Editor, 1984.

NIKKEY SHIMBUN. **Nikkei Shakai News**. [2015] Disponível em: <<http://www.nikkeishimbun.jp/colonia/>>. Acesso em: 20 abri. 2015.

OTA, Junko. Os empréstimos do português nos jornais japoneses do Brasil. **Revista do Centros de Estudos Japoneses**. Vol. 14. São Paulo, 1994. p. 41-54.

PARK, Robert E. **The immigrant press and it's control**. New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1922.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.

SAKURAI, Célia. A fase romântica da política: os primeiros deputados nikkeis no Brasil. In: Boris Fausto. et al. (Org.). **Imigração e política em São Paulo. Série imigração.** São Paulo: Editora Sumaré, 1995. P.127-177.

SAITO, Hiroshi. **A integração e participação de japoneses e descendentes na sociedade brasileira.** São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1977.

—. Participação, mobilidade e identidade. In:—(Org.). **A presença japonesa no Brasil.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1980. P.81-89.

SANTOU, Isao. Burajiru nikkeishakai niokeru konsei nihongo colonia-gono imi. **Osaka joshi daigaku kiyō.** Osaka: Osaka joshi daigaku bungakukai. 2005, p.71-81. Disponível em : < <http://repository.osakafu-u.ac.jp/dspace/bitstream/10466/2582/1/KJ00004171317.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2014.

SÃO PAULO SHIMBUN. **Nikkei Shakai News.** [2015] Disponível em: < <http://www.saopauloshimbun.com/index.php/categoria/list/cat/105>>. Acesso em: 20 abri. 2015.

SASAKI, Koji. Integration and Reflexivity: Immigrant Intellectuals and the Formation of the Japanese Community in Brazil. In: The Japanese Association for Migration Studies. (Org.). **The Annual Review of Migration Studies.** Vol. 17. Seto, 2011. p.23-42.

SATO, Cristina Miyuki. Os jornais para comunidades estrangeiras no contexto da globalização: processos de desenraizamento, exclusão e construção de novas identidades. **Revista de Comunicação, Linguagem e Mídias,** Vol 2., No 3. São Paulo, 2009. Disponível em : < <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/rumores/article/viewFile/6572/5972>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. **MANA** 3(1). Rio de Janeiro, 1997. P.95-131.

SHIRAMIZU, Toshihiko. **Ethnic bunkano shakaigaku. Fieldworks on Ethnic Cultures: Communities, Leaders, Media.** Tóquio: Nippon Hyôronsha, 1998.

SUZUKI, Teiiti. A imigração japonesa no Brasil. **Vida e arte dos japoneses no Brasil.** São Paulo: MASP: Banco América do Sul, 1988.p.105-108 Disponível em : <

<http://imigrantesjaponeses.com.br/vida%20e%20arte%20dos%20japoneses.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

TANAKA, Shinji. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. **Coloniano Ryôshin, Handa Tomoo**. 2008. Disponível em: < <http://www.cenb.org.br/cenb/index.php/articles/display/113> >. Acesso em: 20 abri. 2015.

WEBER, Max. **Economia e sociedade. Fundamento da sociologia compreensiva** Vol 1., Brasília: Editora UnB, 1991.

ANEXO A

Lista de matérias jornalísticas citadas no trabalho

Jornal	Data	Título (Tradução para o português)
<i>Paulista Shimbun</i>	14 jan. 1947	Propagandas eleitorais de Keize Harada e Yukishigue Tamura
<i>Paulista Shimbun</i>	12 mar. 1947	Candidato Tamura perde. Resultado da eleição para deputado estadual.
<i>Paulista Shimbun</i>	11 out. 1947	Propaganda eleitoral de Yukishigue Tamura
<i>Paulista Shimbun</i>	18 out. 1947	Eleição animada para vereadores de São Paulo. Bastantes candidatos descendentes de japoneses!
<i>Paulista Shimbun</i>	25 out. 1947	Propaganda eleitoral de Geraldo Sato
<i>Paulista Shimbun</i>	05 nov. 1947	Propaganda eleitoral de Otávio Fonseca
<i>Paulista Shimbun</i>	08 nov. 1947	Propaganda eleitoral de Orlando de Almeida Prado
<i>Paulista Shimbun</i>	14 nov. 1947	Resultado da eleição para vice-governador de São Paulo quase concluído. A vitória de Novelli é firme. Três candidatos nipo-brasileiros são eleitos.
<i>Paulista Shimbun</i>	19 nov. 1947	Candidatos descendentes de japoneses ficam na frente. Que pomposo! Chegam a 20 o número de eleitos.
<i>Paulista Shimbun</i>	19 nov. 1947	Propaganda eleitoral de Yasumasa Hirata
<i>Paulista Shimbun</i>	26 nov. 1947	Pena que o candidato Tamura perdeu.
<i>Paulista Shimbun</i>	27 set. 1952	O que espero dos políticos <i>nisseis</i> .
<i>Paulista Shimbun</i>	23 out. 1954	Yukishigue Tamura se elege, seis candidatos nipo-brasileiros para deputado estadual perdem.
<i>Nippaku Mainichi Shimbun</i>	16 jul. 1958	Mais um candidato para deputado estadual, Paulo Nakamura candidata.
<i>Nikkei Shimbun</i>	07 jul. 1998	Pouca candidatura dos descendentes de japoneses. Kitaoka concorre a vaga de deputado estadual no Rio de Janeiro.
<i>São Paulo Shimbun</i>	20 ago. 1998	Contribuição para a colônia japonesa também é sua missão. Grande esperança no braço do veterano. Deputado Estadual Shimomoto visa ganhar sua sétima eleição. Ardente apoio da colônia.
<i>São Paulo Shimbun</i>	25 ago. 1998	Encoraja o candidato Nomura. Força para relações Japão-Brasil.
<i>São Paulo Shimbun</i>	29 ago. 1998	Propaganda eleitoral de Hatiro Shimomoto

<i>São Paulo Shimbun</i>	05 set. 1998	Grupo de apoio ao Deputado Ueno. Descendentes de japoneses se reúnem.
<i>São Paulo Shimbun</i>	26 set. 1998	Deputado federal Ueno visa nova vitória. Na eleição do Paraná, muita confiança no deputado estadual Ando.
<i>Nikkei Shimbun</i>	30 set. 1998	Propagandas eleitorais de Junji Abe, Getúlio Hanashiro e William Woo
<i>Nikkei Shimbun</i>	06 out. 1998	Candidato Kobayashi para deputado federal é provavelmente eleito. Candidato e atual político Kamia tem grande chance. Candidato Abe é provavelmente eleito para deputado estadual de São Paulo. Sairá o resultado hoje ou amanhã.
<i>Nikkei Shimbun</i>	08 out. 1998	Bom jogo do Nomura não atingiu o resultado. ‘Daqui para frente, ainda mais colaboração para a colônia’.
<i>Nikkei Shimbun</i>	09 out. 1998	No passado já houve no máximo seis deputados federais. No ano em que completou 90 anos da imigração japonesa, fracassou a eleição nipo-brasileira.
<i>Nikkei Shimbun</i>	09 out. 1998	‘Continuando a questão agrícola no futuro.’ Deputado estadual Abe conta a sua meta.
<i>Nikkei Shimbun</i>	10 out. 1998	Candidato Kamia agradece aos apoiadores.
<i>Nikkei Shimbun</i>	10 out. 1998	Coluna
<i>São Paulo Shimbun</i>	29 set. 2000	A eleição e a comunidade japonesa.
<i>Nikkei Shimbun</i>	28 set. 2002	Apoio ao candidato descendente de judeus para deputado federal. Segundo o ex-vereador Takahashi ‘candidato entende o sentimento dos imigrantes’.
<i>Nikkei Shimbun</i>	09 jul. 2004	<i>Sanssei</i> , candidato a vereador, Watanabe do PSB.
<i>Nikkei Shimbun</i>	23 jul. 2004	Eleição municipal de São Paulo em outubro. 20 nipo-brasileiros se candidatam. Diminuem as candidaturas comparado com a eleição anterior. Esperam pelos votos nipo-brasileiros.
<i>Nikkei Shimbun</i>	22 set. 2006	Candidatura espalhada novamente.
<i>Nikkei Shimbun</i>	27 ago. 2008	Filho de Romeu Tuma se candidata para vereador de São Paulo com o apoio do pai.
<i>Nikkei Shimbun</i>	18 set. 2010	Concentre os votos em alguns candidatos específicos, vote considerando o perigo da anulação mútua.
<i>Nikkei Shimbun</i>	01 out. 2010	Descendentes de japoneses atuantes no mundo político, valorize cada voto.

<i>Nikkei Shimbun</i>	15 nov. 2010	Coluna
<i>Nikkei Shimbun</i>	05 ago. 2014	Alex Hato, filho do deputado estadual de São Paulo se candidata para deputado federal.
<i>Nikkei Shimbun</i>	12 ago. 2014	Eleição de deputado estadual. A concorrência é grande, uma vaga para 14 candidatos. Qual político nipo-brasileiro vai ganhar? Quem a colônia vai apoiar?
<i>Nikkei Shimbun</i>	23 set. 2014	Para ter uma política ideal com o trabalho dos políticos nipo-brasileiros. ‘Tenha mais interesse na política’. Debate entre candidatos nipo-brasileiros para deputado federal e estadual. Tem menos de duas semanas até a votação.
<i>Nikkei Shimbun</i>	27 set. 2014	Presidente da Câmara de vereadores de São José dos Campos, Amélia Naomi se candidata para deputado federal pela primeira vez.
<i>Nikkei Shimbun</i>	30 set. 2014	Candidata da geração de decasséguis.
<i>Nikkei Shimbun</i>	30 set. 2014	Avaliação geral sobre o debate público de candidatos nipo-brasileiros.

ANEXO B

Questionário para leitores de jornais japoneses

Sobre a condição e o hábito de leitura

1. Você é (M/F)
2. Qual é a sua idade? (___anos)
3. Você é de qual geração de descendentes de japoneses? (1^a / 2^a / 3^a)
4. Se é *issei* (primeira geração), quando imigrou para o Brasil? (19xx)
Há quanto tempo você mora no Brasil? (___anos)
5. Em que cidade você reside? Em qual região você morou durante a maior parte do tempo da sua estadia no Brasil?
6. Você tem algum conhecimento sobre as imprensas japonesas que são publicadas no Brasil? (S/N)
_Você lê algum jornal, revista e/ou outra mídia impressa japonesa? (S/N)
_Se sim, qual/quais?
7. Você é assinante de algum jornal japonês? (S/N)
_No caso de ser assinante, qual jornal você assina?
_Há quanto tempo assina? (___anos)
_No caso de não ser assinante, de qual maneira você adquire os jornais?
8. Quanto tempo você utiliza semanalmente para a leitura desses jornais? (___hs)
9. Onde você costuma ler os jornais japoneses?
10. Alguém da sua família lê jornais japoneses? (S/N, Quem)

Sobre o conteúdo dos jornais japoneses

1. Por que você lê jornais japoneses?
2. Quais matérias dos jornais você tem mais interesse?
 - a. Notícias do Japão
 - b. Notícias do Brasil
 - c. Notícias da comunidade japonesa do Brasil
3. Qual assunto você tem mais interesse dentre as matérias da comunidade japonesa do Brasil?
 - a. Cultura b. Esporte c. Economia d. Política
4. Tem interesse nas matérias sobre os políticos nikkeys? (S/N)
5. No caso de sim, você acha que as matérias influenciam sua opinião sobre os políticos nikkeys? (S/N) Por que?

Questionário para políticos e ex-políticos nipo-brasileiros

Sobre a condição e o hábito de leitura

1. Você é de qual geração de descendentes de japoneses? (2^a / 3^a / 4^a)
2. Você tem algum conhecimento sobre as imprensas japonesas publicadas no Brasil? S/N
_Você lê algum jornal, revista e/ou outra mídia impressa japonesa? (S/N)
_Se sim, qual/quais?
3. Você é assinante de algum jornal japonês? (S/N)
_No caso de ser assinante, qual jornal você assina?
_Há quanto tempo assina? (___anos)
_No caso de não ser assinante, de qual maneira você adquire os jornais?
4. Quanto tempo você utiliza semanalmente para a leitura desses jornais? (___hs)
5. Onde costuma ler jornais os japoneses?
6. Alguém da sua família lê jornais japoneses? Quem? (S/N, Quem)

Sobre o contato com jornais

1. Quanto tempo você atua/atuou na política brasileira? (cerca de ___anos)
2. Você acha que matérias ou propagandas em jornais japoneses são importantes para a divulgação da sua candidatura? (S/N)
_No caso de sim, qual é o efeito que você espera através das publicações das matérias ou das propagandas em jornais japoneses?
3. No caso das matérias jornalísticas, você sente que as matérias contribuem ou não para a sua imagem? (S/N) No caso de sim, como elas contribuem?